



**JEFFERSON DA COSTA MOREIRA**

**EDUCAÇÃO POPULAR NA VIDA E OBRA DE FREI BETTO:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAMENTO LATINO-  
AMERICANO**

**LAVRAS-MG  
2023**

**JEFFERSON DA COSTA MOREIRA**

**EDUCAÇÃO POPULAR NA VIDA E OBRA DE FREI BETTO:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas – FAELCH – da UFLA, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação – PPGE/UFLA – para o título de Mestre.

**LAVRAS-MG  
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Moreira, Jefferson da Costa.

Educação Popular na vida e obra de Frei Betto : contribuições  
para o pensamento latino-americano / Jefferson da Costa Moreira. -  
2023.

98 p.

Orientador(a): Vanderlei Barbosa.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Educação Popular. 2. Frei Betto. 3. América Latina. I.  
Barbosa, Vanderlei. II. Título.

**JEFFERSON DA COSTA MOREIRA**

**EDUCAÇÃO POPULAR NA VIDA E OBRA DE FREI BETTO:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO**

**POPULAR EDUCATION IN THE LIFE AND WORK OF FREI BETTO:  
CONTRIBUTIONS TO LATIN AMERICAN THOUGHT**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas – FAELCH – da UFLA, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação – PPGE/UFLA – para o título de Mestre.

APROVADA em 25 de abril de 2023

Dr. Vanderlei Barbosa (UFLA)

Dra. Margarita Rosa Sgró (UNCP)

Dr. Carlos Betlinski (UFLA)

 Documento assinado digitalmente  
VANDERLEI BARBOSA  
Data: 20/07/2023 10:41:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vanderlei Barbosa  
Orientador

**LAVRAS-MG  
2023**

## AGRADECIMENTOS

Aos movimentos populares que estão na luta por dignidade humana e, embora diante de tanta frieza e negacionismo, continuam, incansavelmente, realizando seus trabalhos em prol da vida.

A todos os profissionais da educação, que mesmo frente à falta de incentivo e labuta diária, seguem lutando e não medem esforços para que crianças e adolescentes resgatem a esperança, cultivem sonhos e utopias.

À Universidade Federal de Lavras, em especial aos professores da Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas (FAELCH) e a todos os servidores que contribuem para organização e limpeza do campus universitário.

À minha família, gratidão pelo apoio durante o Mestrado e pelas orações, especialmente a Maria de Lourdes (Mãe), Graciele Moreira (Irmã) e Enzo Manoel (Sobrinho), bem como ao meu Pai (*In memoriam*), a quem posso, através das minhas orações, tê-lo presente em minha vida.

Ao professor Apanhador de Histórias e Semeador de Esperanças, Dr. Vanderlei Barbosa, por ter aceitado ser meu orientador, pela amizade, diálogos, orientações e sinergia construída ao longo da minha travessia acadêmica.

Aos professores Dr. Carlos Betlinski e Dra. Margarita Sgró, pelas contribuições no texto final da dissertação e por aceitarem, gentilmente, participar da banca.

Ao professor Acolhedor e Regador de Sonhos, Dr. Jardel Costa Pereira, pela amizade, pela comunhão e por toda contribuição em minha jornada acadêmica.

Ao professor Franciscano Dr. Nilo Agostini, pelos ensinamentos cultivados ao longo da pesquisa, bem como pelas dúvidas que foram sanadas mediante o diálogo e a fraterna amizade.

Aos pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Movimento, Sabedoria, Ideias e Comunhão (MOSAICO/UFLA), principalmente às minhas amigas Ma. Dulcineia Aparecida Ferraz Ribeiro e a Ma. Jossuí Basílio Mendonça, que me fizeram entender a importância de se viver uma Sinodalidade acadêmica.

Ao Arquivo dos Dominicanos de Belo Horizonte, em nome do Frei Helton, que me acolheu e liberou o acesso aos documentos referentes à vida e obra de Frei Betto.

Às amigas construídas no decorrer do Mestrado, singularmente ao Me. Aloilson Costa, Me. Lessandro Justino, Me. Wesley Assis e Ma. Tainara Garcia, gratidão pelas conversas compartilhadas, pelos cafés e pelo convívio durante o percurso acadêmico.

Aos amigos e amigas que fiz ao longo da estadia em Lavras – Dona Célia, Janete Pereira,

Marcos André Ribeiro – obrigado pela acolhida.

Aos amigos do Seminário Propedêutico São Pio X, turma 2022, da Diocese da Campanha, que me acompanharam em meu progresso acadêmico.

Aos amigos de lugares longínquos; Sebastião Camillo Borges, pela poesia fraternal que fora criada através do diálogo; ao Padre Costante Gualdi, pela amizade e orientações espirituais.

A Jesus Mestre, caminho, verdade e vida. Gratidão por essas veredas utópicas e esperançosas que foram consolidadas ao longo do Mestrado!

*Era a linguagem popular, essa matéria-prima que tece, em categorias religiosas, a ideologia mais elementar, e nem por isso menos crítica e revolucionária. A comunidade despertava ao descobrir que, se Deus é Pai e somos todos irmãos e irmãs, não se justifica tanta desigualdade.*

*Frei Betto*

## RESUMO

Nesta pesquisa, o objetivo foi caracterizar a Educação Popular com base na vida e obra de Frei Betto. A hermenêutica teórico-reflexiva que acompanha essa proposta de investigação utilizou-se do procedimento bibliográfico e documental, a partir de uma fundamentação teórica pautada em Agostini (2007, 2019), Brandão (1982), Dardot e Laval (2016), Demo (1995), Freire e Sydow (2016), Freire (1989,1998, 2015), Ianni (2002), entre outros autores. Além disso, foi necessário realizar uma exegese dos documentos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e do Caribe (CELAM), que elucidam um pensamento alicerçado na promoção humana e na autêntica libertação. Para corroborar com as análises, defendeu-se, neste estudo, que a Educação Popular é fruto da consolidação do pensamento latino-americano, bem como é um conceito polissêmico, sendo passível de definição segundo a experiência de Frei Betto, na Congregação dos Dominicanos, durante o período em que esteve preso e nas suas ponderações a respeito das ações pastorais realizadas nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A Educação Popular também pode ser conceituada assentada em um pensamento humanístico, com raiz filosófica, pedagógica e teológica presente na literatura de Frei Betto e que reverbera em atividades educacionais do cotidiano escolar, conforme visto e analisado nos documentos do Arquivo dos Dominicanos, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Concluiu-se que, no pensamento de Frei Betto, há um vasta teoria e prática acerca da Educação Popular, que contribui com ações libertadoras, garantidoras da dignidade humana e da vida plena da sociedade.

**Palavras-chave:** Educação Popular. Frei Betto. América Latina. Pensamento de Libertação.

## ABSTRACT

In this research, the objective was to characterize the Popular Education based on the life and work of Frei Betto. The theoretical-reflexive hermeneutics that accompanies this research proposal made use of the bibliographic and documentary procedure, based on a theoretical foundation guided by Agostini (2007, 2019), Brandão (1982), Dardot and Laval (2016), Demo (1995), Freire and Sydow (2016), Freire (1989, 1998, 2015), Ianni (2002), among other authors. In addition, it was necessary to perform an exegesis of the documents from the Latin American and Caribbean Episcopal Conference (CELAM), which elucidate a thought based on human promotion and authentic liberation. Furthermore, to corroborate with the analysis, it was argued in this study that Popular Education is the result of the consolidation of Latin American thought, as well as a polysemic concept, being subject to definition according to the experience of Frei Betto in the Dominican Congregation during the time he was imprisoned and in his considerations regarding pastoral actions carried out in the Ecclesial Base Communities (CEBs). Popular Education can also be grounded in a humanistic thought, with philosophical, pedagogical, and theological roots present in the literature of Frei Betto, and that reverberates in educational activities of everyday school life, as seen and analyzed in the documents of the Dominican Archive in Belo Horizonte, Minas Gerais. It was concluded that in the thought of Frei Betto, there is an extensive theory and practice regarding Popular Education, which contributes with liberating actions, assurers of human dignity and the fulfilling life of society.

**Keywords:** Popular Education. Frei Betto. Latin America. Liberation Thought.

## LISTA DE SIGLAS

ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
AC	Ação Católica
ACB	Ação Católica Brasileira
ALBA	Fundação Cultural da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América
AP	Ação Popular
CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e do Caribe
CF	Campanha da Fraternidade
CLOC	Comitê Brasileiro Latino-Americano de Organização do Campo
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONIPPE	Congresso Internacional de Pesquisas e Práticas em Educação
COPPEL	Colóquio de Pesquisa sobre o Pensamento Latino- Americano
CPC	Centros de Cultura Popular do Movimento Estudantil
CV II	Concílio Vaticano II
EP	Educação Popular
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IC	Iniciação Científica
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JECF	Juventude Estudantil Católica Feminina
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
MCP	Movimentos Populares de Cultura
MEB	Movimento de Educação de Base da Igreja Católica
MOSAICO	Movimento, Sabedoria, Ideias e Comunhão
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OSPB	Organização Social e Política Brasileira
POM	Pontifícias Obras Missionárias
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SESC	Serviço Social do Comércio

SESI	Serviço Social da Indústria
UCMG	União Colegial de Minas Gerais
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Umes	União Metropolitana de Estudantes Secundaristas
UNE	União Nacional dos Estudantes
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – GENEALOGIA DA EDUCAÇÃO POPULAR NA VIDA DE FREI BETTO .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 A Conferência Episcopal do Rio de Janeiro .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 A Conferência Episcopal de Medellín .....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 A Conferência Episcopal de Puebla .....</b>	<b>23</b>
<b>1.4 A Conferência Episcopal de Santo Domingo.....</b>	<b>24</b>
<b>1.5 A Conferência Episcopal de Aparecida .....</b>	<b>25</b>
<b>1.6 Raízes da Educação Popular.....</b>	<b>27</b>
<b>1.7 O ingresso na Congregação dos Dominicanos.....</b>	<b>31</b>
<b>1.8 A experiência popular na prisão.....</b>	<b>34</b>
<b>1.9 As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs.....</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO POPULAR NA LITERATURA DE FREI BETTO.....</b>	<b>41</b>
<b>2.1 O pensamento humanista de Betto.....</b>	<b>42</b>
<b>2.2 Educação Popular Filosófica.....</b>	<b>44</b>
<b>2.3 Educação Popular Pedagógica.....</b>	<b>50</b>
<b>2.4 Educação Popular Teológica.....</b>	<b>55</b>
<b>CAPÍTULO 3 – A EDUCAÇÃO POPULAR NO ARQUIVO DOS DOMINICANOS....</b>	<b>62</b>
<b>3.1 A importância dos Arquivos para realização de pesquisa .....</b>	<b>62</b>
<b>3.2 O Arquivo dos Dominicanos .....</b>	<b>63</b>
<b>3.3 A utilização das cartas como pedagogia popular .....</b>	<b>69</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO A – Arquivos dos Dominicanos, Belo Horizonte – MG .....</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

*Educação Popular na vida e obra de Frei Betto: contribuições para o pensamento latino-americano* possui uma raiz “ancestral acadêmica” que está plantada na minha participação como pesquisador e co-fundador do Grupo de Pesquisa “Movimento, Sabedoria, Ideias e Comunhão” (MOSAICO/UFLA), grupo este que tem como objetivo pesquisar, fundamentalmente, pensadores latino-americanos. Diante da minha participação no Grupo de Pesquisa Mosaico e minha experiência como Professor de Filosofia no Ensino Médio, procurei consolidar em minha formação alguns saberes indispensáveis à prática docente e elucidados por Paulo Freire (1998) na obra *Pedagogia da autonomia*, dos quais destaco: rigor metódico, ensino e pesquisa, criticidade, reflexão crítica, identidade cultural. Vale lembrar que um dos primeiros passos solidificados ao longo da minha graduação ocorreu através de uma pesquisa intitulada *A Genealogia do Pensamento Latino-Americano*, desenvolvida na Iniciação Científica (IC), pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Nessa IC, finalizada no ano de 2020, foi possível iniciar uma imersão teórica na cultura latino-americana, tendo como ponto de partida a realidade brasileira, detendo-me nas seguintes obras: *Bagagem*, de Adélia Prado (2017); *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire (1988); *Educação dos sentidos e mais...*, de Rubem Alves (2011); *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*, de Leonardo Boff (1999); *Ofício de escrever*, de Frei Betto (2017). Além dessas obras brasileiras citadas, analisei também outras, pertencentes ao pensamento latino-americano, tais como: *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano (2002); e *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*, de Mario Vargas Llosa (2013).

Para fortalecer uma prática científica consistente, pude ser prelecionista em encontros com educadores e educadoras, organizei minicursos, participei de eventos com temáticas voltadas à Educação, Formação de Professores, História da Educação, ademais de publicar trabalhos completos em Anais e da oportunidade de ser um dos organizadores da obra *Mosaico cultural latino-americano: educação, história, filosofia e espiritualidade* (2020), composta por capítulos de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, Argentina, Chile e México.

Nessa obra, para além de sua organização, confeccionei dois capítulos: um em conjunto com outra autora, atentando-nos à *Pedagogia do oprimido* (1988), de Paulo Freire, e a *Laudato si* (2015), de Mario Jorge Bergoglio (Papa Francisco), tendo como título “Por uma pedagogia da terra: um olhar para a vida”; outro capítulo nomeado “Veredas utópicas e esperançosas de Frei Betto”, de minha autoria, no qual apresentei uma breve bibliografia de Frei Betto e busquei

compreender duas dimensões que são imprescindíveis à vida: a Utopia e a Esperança.

Nesta dissertação, daremos continuidade ao “passeio socrático”<sup>1</sup> junto a Frei Betto, desde uma hermenêutica teórico-reflexiva que está assentada na seguinte questão norteadora: quais as vivências e referências acerca da Educação Popular (EP) podemos encontrar na vida e obra de Frei Betto? Como se configura a EP na vida e obra de Frei Betto?

Ao falarmos de EP, primeiramente, salientamos que ela difere da Educação Pública. Ora, a Educação Pública, segundo o pesquisador Dermeval Saviani (2014, p. 185) pode ser entendida a partir de três maneiras distintas, a saber: 1) “escola pública é identificada como aquela que ministra o ensino coletivo por meio do método simultâneo, por oposição ao ensino ministrado por preceptores privados”; 2) “corresponde à escola pública como escola de massa, destinada à educação de toda a população”. 3) “entendimento da escola pública como estatal. Nesse caso, trata-se da escola organizada e mantida pelo Estado e abrangendo todos os graus e ramos de ensino”. No Brasil, atualmente, predomina a educação pública estatal, que, conforme as diretrizes e bases da educação nacional, e de acordo com o Art. 2º da Lei nº 9.394/1996, é “inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

Por outro lado, falar de EP em Frei Betto é discorrer sobre um pensamento de libertação. Pensamento esse que nos leva a refletir que as diretrizes basilares da Educação Pública vêm sendo sobrepostas por uma cultura neoliberal. Ou, ainda, nas palavras de Christian Laval (2019), o que acontece no Ensino Público é uma crise de legitimidade gerada pela cultura do mercado e isso implica em uma reforma da estrutura organizacional do Ensino Público estatal. Quer dizer, no Ensino Público, instaura-se um neoliberalismo escolar, que passa a levar em conta, consoante Laval (2019, p. 11), “um certo modelo escolar que considera a educação como um bem essencialmente privado e cujo valor é, antes de tudo, econômico”, ou seja, o Ensino Público vem sendo, aos poucos, privatizado e dando espaço para um novo modelo educativo que tem como base a competição, a lucratividade, a concorrência, a eficiência, a inovação, a tecnicidade, enfim, uma educação empresarial voltada para o capitalismo e para o mercado.

Para além dessa problemática da Educação Pública, a EP também nos permite reconhecer que, no atual contexto, ocorre uma exploração dos pobres e marginalizados que clamam por uma voz profética, utópica, esperançosa e libertadora. Versando a respeito desse

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Frei Betto em um dos capítulos da obra *Reinventar a Vida*, publicada pela Editora Vozes(2014).

cenário, Nilo Agostini (2007, p. 12) pontua que “a colonização é hoje substituída pela interdependência própria da globalização, teleguiada pelo neoliberalismo, quase sempre uma nova forma de dependência para as nações latino-americanas e caribenhas”. Segundo Frei Betto (2017), vivemos uma espécie de “globocolonização” em que há “a imposição de um modelo de sociedade consumista, hedonista, exclusivista”.

Em conformidade com Laval (2019), Agostini (2007) e Betto (2017), notamos que, com a pandemia da Covid-19<sup>2</sup>, foram expostas, ainda mais, as veias abertas da América Latina<sup>3</sup>, vistas através da desigualdade, da exploração dos trabalhadores, da falta de empatia, da degradação do meio ambiente, da precariedade da educação, da falta de estrutura dos professores e professoras.

Diante dessas cicatrizes, Frei Betto nos lembra que devemos retomar o pensamento de libertação, isto é, compete-nos resgatar a Educação Popular, pois é o único antídoto para combater os paradigmas dominantes que estão sendo implementados na sociedade. Além disso, ressaltamos que essa EP, à luz de Frei Betto (2018, p. 58), dedica-se a: “formar pessoas verdadeiramente humanizadas e felizes”. Para Frei Betto, “isso significa pessoas com ética, valores, princípios e projetos de vida”; trata-se de uma educação que “educa o olhar”, “educa para os valores”, “educa para a cidadania”, “educa para a felicidade”; uma educação alicerçada na cooperação, e não na competição; uma educação em que o papel da Universidade é basilar na “formação humanista dos profissionais”.

Portanto, refere-se a uma educação “crítica e participativa”, a qual, em consonância com Frei Betto (2018, p. 97), “é o grande desafio nesse mundo hegemônico pelo capitalismo neoliberal”; corresponde a uma educação que tem “como princípio formar, não apenas profissionais qualificados, mas cidadãos protagonistas de transformações sociais”.

Face a essa EP libertadora, a importância desta pesquisa justifica-se pelo fato de propor um debate focado em uma análise do cenário histórico, cultural e educacional que vem ocorrendo na sociedade atual. Esta investigação justifica-se, ainda, em razão de avertar um olhar educacional pelo viés de pensamento pertencente a um estudioso brasileiro, imerso no universo popular de origem latino-americana. Assim sendo, este estudo, ao se deter na construção do pensamento popular de Frei Betto, mantém vivas as memórias, as histórias e, em especial, a

---

<sup>2</sup> No tocante à questão pandêmica, ao olharmos para como o Brasil lidou com a situação, é notório que se intensificou uma política necrófila, autoritária, armamentista, fazendo retornar discussões de ódio, de violência, de frieza, de indiferença, em suma, chagas da Ditadura Militar retomadas pela política bolsonarista.

<sup>3</sup> O pensador uruguaio Eduardo Galeano, na obra intitulada *As veias abertas da América Latina*, em outrora, já identificou marcas da colonização que levariam anos para serem superadas.

cultura latino- americana, que clama por dignidade humana e libertação.

No ensaio *Enigmas do pensamento latino-americano*, de Octávio Ianni (2002), a América Latina é descrita como um laboratório cultural e civilizatório que “mobiliza experiências e memórias, façanhas e derrotas, heróis e santos, monumentos e ruínas, em busca de alguma visão de si mesmo, significado essencial, conceito” (IANNI, 2002, p. 2). Frente a vasta historiografia sinalizada por Ianni, a América Latina, nos últimos anos, passou ao status de objeto de investigação.

Ora, há algum tempo, inúmeras ações acadêmicas e científicas têm voltado sua atenção para essa realidade, como é o caso do I Congresso Internacional de Pesquisas e Práticas em Educação – CONIPPE, com a temática “Pensamento latino-americano e educação: por uma ética situada”, realizado na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis, entre os dias 28 e 30 de novembro de 2018. Nesse evento, apresentei, juntamente com o orientador desta pesquisa, uma comunicação intitulada “Por uma ética da libertação: o pensamento latino-americano numa perspectiva histórico-cultural”. Outro evento que se deteve nessa temática foi o I Congresso Internacional Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina e o III Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, decorrido na Universidade de São Paulo (USP), ocorrido nos dias 06 a 10 de maio de 2019. Nesses eventos, apresentei o trabalho cujo título é “Educação, identidade e humanismo na América Latina”.

Por fim, tive a oportunidade de integrar a Comissão Organizadora do I Colóquio de Pesquisa sobre o Pensamento Latino-Americano – COPPEL – que aludiu à temática: “América Latina: ‘grito da terra, grito dos pobres’”; do II COPPEL, que retratou o tema “A Atualidade do Pensamento Latino-Americano”; do III COPPEL, haja vista o centenário dos dois Paulos, e que refletiu acerca das “Veredas da Esperança: o legado de Paulo Freire e Paulo Evaristo Arns”; e do IV COPPEL, que abordou a seguinte temática: “Bicentenário da Independência e o Centenário de Darcy Ribeiro: Utopia, Humanismo e Democracia na América Latina”; os quatro eventos promovidos pelo Grupo MOSAICO/UFLA.

Nos últimos anos, algumas pesquisas acadêmicas, centrando-se na figura de Frei Betto, foram realizadas, por exemplo: a dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, de Mariângela Ricardo Alves Moreira – *Opressão e libertação: a religião libertadora nas obras de Frei Betto* (2011); a dissertação de Mestrado na área de Literatura e Crítica Literária, de Marcílio Ribeiro Godoi, com o título *Escrita e sobrevivência em Cartas da Prisão (Frei Betto): o absurdo como origem e deslimite* (2013); e a tese de Doutorado em Letras, de autoria de André Jorge Catalan Casagrande, sob o título *Mundo do texto e do leitor na obra ficcional de Frei Betto* (2019). Desse modo, como é perceptível, após a menção de alguns exemplos

relativos a pesquisas acadêmicas circunscritas ao legado assinado por Frei Betto, o estudo aqui proposto justifica-se, também, por sua perspectiva inédita, uma vez que, ao que parece, nenhum dos trabalhos anteriormente apresentados a título de ilustração abordaram ou se aprofundaram na temática que preconiza o estabelecimento dos diálogos almejados.

Para contribuir com o percurso metodológico, compartilhamos da concepção de Frei Betto (2017, p. 5), que nos pontua: “todo texto depende do contexto”, e acrescenta: “para escrever é preciso estar de olhos bem abertos. Só assim se captam pequenos detalhes do cotidiano que, descritos, se transformam em peças literárias clássicas” (BETTO, 2017, p. 22). Então, para a consecução do objetivo fixado, utilizamos a metodologia bibliográfica e documental, partindo da estratégia de pesquisa planejada no livro *Metodologia Científica em Ciências Sociais*, do pesquisador e sociólogo Pedro Demo (1995), no qual são destacados três horizontes de metodologias alternativas: a hermenêutica, a fenomenologia e, com cunho mais popular, outros saberes que englobam a sabedoria, a felicidade, a sensibilidade, o bom senso e a utopia.

Nesta pesquisa, empregamos o horizonte hermenêutico que, em linha com o apontado pelo autor, seria a “arte de interpretar textos e, sobretudo, a comunicação humana” (DEMO, 1995, p. 247). Em outros termos, um método interpretativo e explicativo que visa entender um determinado texto. Todavia, Pedro Demo (1995) assinala uma constatação de que, em nossa vivência, especificamente na comunicação humana, há várias formas de linguagens, ou seja, notam-se, na realidade social, diferentes dimensões para serem abordadas e, tendo em mente isso, é necessário não somente estar atento para “o que se diz”, como também para “o que não se diz”. Em outras palavras, ao realizar a arte de interpretar um texto específico, é preciso ir avante daquilo que está dado.

De fato, o exercício hermenêutico não consiste apenas em visitar e revisitar unicamente os textos. Ao contrário, Demo (1995) sustenta que se deve ir além da “forma, do formato, da gramática”, quer dizer, não meramente investigar a ocultação presente no texto, mas procurar sondar o contexto, posto que “nenhum conteúdo está todo no texto” (DEMO, 1995, p. 248). Por conseguinte, insta elocubrar que, de acordo com Demo (1995, p. 252), “a linguagem da pesquisa só pode ser da comunidade, não pode ser esotérica” com S, e sim exotérica com X, isto é, a prática da pesquisa não é unicamente para si mesmo, para um grupo específico, no entanto, é para o outro, para o mundo.

Nesta pesquisa de Mestrado, ao dialogarmos com Demo (1995) e colocarmos o aforismo supracitado de Frei Betto (2017): Contexto e Texto, iniciamos, no Capítulo 1, uma revisão bibliográfica, concentrando-nos em leituras e análises do panorama que contém raízes da

concepção de Educação Popular. De modo especial, diz Demo (1995), é primordial e vital olharmos para a “interpretação da vida cotidiana”, visto que o mundo cotidiano é uma “fonte de significados sociais que é central e implícita a pesquisa”. Ora, trazemos, neste capítulo, o conceito de Educação Popular na história do pensamento latino-americano, valendo-nos do cenário da década de 1960, no qual há marcos historiográficos como as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribe (CELAM): Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida, dentre outros campos existentes nesse período efervescente da história do pensamento latino-americano. Ademais, ainda neste capítulo, a reflexão se pauta na vida de Frei Betto, identificando narrativas concernentes à Educação Popular, sobrelevando-se o ingresso na Congregação dos Dominicanos, suas experiências com os presos políticos e os presos comuns e as iniciativas pastorais nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

No Capítulo 2, buscamos entender a Educação Popular em Frei Betto como sendo um pensamento humanista que se preocupa com o *ethos* humano, com a preservação da vida, da natureza e do mundo. Para compreendermos isso, apresentamos reflexões com raiz filosófica, pedagógica e teológica. No Capítulo 3, através do ato de ressignificação dos arquivos documentais, realizamos uma análise do acervo referente à Frei Betto e que pertence ao Arquivo da Província Frei Bartolomeu de Las Casas (Dominicanos – Brasil), localizado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Após uma imersão nesse arquivo, foi possível distinguirmos ações pedagógicas feitas por professores e professoras, baseadas no pensamento educacional de Frei Betto e que merecem ser divulgadas.

Esperamos, a partir das reflexões da EP oriundas da vida e obra de Frei Betto, poder incentivar ações concretas, que viabilizem na sociedade práticas libertadoras capazes de garantir a dignidade humana, a vida plena, bem como promover a paz, a justiça social – fundamentais para a libertação do povo latino-americano.

## **CAPÍTULO 1 – GENEALOGIA DA EDUCAÇÃO POPULAR NA VIDA DE FREI BETTO**

O propósito deste capítulo é exercer a atividade filosófica da reminiscência como possibilidade de auscultar o grito popular ecoado na vida de Frei Betto. A fim de cumprir esse objetivo, efetuamos uma hermenêutica das Conferências Episcopais Latino-Americanas (CELAM), que permitem refletir a respeito de um pensamento de libertação e de promoção humana vigente na Igreja na América Latina e, por consequência, nos faculta entender o conceito de EP observado na identidade do povo latino-americano que clama por vida plena e por libertação. À vista disso, percebemos que esse pensamento latino-americano libertador tem seus desdobramentos na militância e no pensamento popular de Frei Betto, que podem ser identificados em três momentos, a saber: na Congregação dos Dominicanos; na experiência popular na prisão e na reflexão acerca das CEBs.

### **1.1 A Conferência Episcopal do Rio de Janeiro**

A priori, como premissa dos novos direcionamentos da Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina, destacamos a semente embrionária que possibilitou a consolidação do pensamento latino-americano, trata-se do Concílio Plenário Latino-Americano (1899), convocado por Leão XIII, ocorrido em razão das reestruturações políticas e ideológicas que preocupavam a Igreja nos países latinos. Considerando essa preocupação eclesiástica, para recuperar o catolicismo nesses países, foi preciso buscar a via da unidade. Segundo Agostini (2007, p. 17), o “Concílio Plenário teve como objetivo fortalecer a unidade da Igreja nas nações latino-americanas. Houve uma tomada de consciência de que a América Latina constituía uma unidade”.

É válido salientarmos, posto essa nova concepção de ser Igreja, que o ápice dessa nova proposta pastoral foi consolidado, na década de 1950, especificamente na I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1955, no Rio de Janeiro, uma reunião pré-conciliar, cuja problemática estava centralizada na Igreja, ou seja, um movimento *ad intra* que procurou discutir sobre a seguinte temática: “A evangelização como defesa da fé e das vocações e a preparação do clero”. Entretanto, circunscrita a esse tema, a I Conferência ocorreu em um contexto utópico, marcado por transformações ontológicas, epistemológicas e linguísticas.

Ora, a transformação ontológica podemos identificar no cenário internacional, onde houve a presença de resquícios da Primeira e Segunda Guerra Mundial, como também foi um

período marcado pela Guerra Fria (1947-1991), pela Guerra do Vietnã, pela Guerra da Coreia, Revolução Cubana. No Brasil, o Governo de Getúlio Vargas, em 1950, seu suicídio, em 1954, em seguida, a eleição de Juscelino Kubitschek, com sua política desenvolvimentista, a construção de Brasília, a criação da Petrobras; na música, realçou-se a bossa nova, nomes como Tom Jobim, Vinicius de Moraes, João Gilberto, entre outros.

Na América Latina, consolidou-se um regime ditatorial no Paraguai (1950), pouco tempo depois instaurado na Bolívia, Brasil (1964), Chile, Uruguai (1973) e Argentina (1976); diversos conflitos que fazem o homem repensar: “o que é o homem?”, “qual o seu lugar na história?”. Outrossim, predominavam mobilizações populares, cujas ideologias eram marcadas pelo capitalismo e socialismo. Na perspectiva epistemológica, notaram-se avanços tecnológicos e científicos, como, por exemplo, a corrida armamentista e a corrida espacial. Na linguística, houve a predominância de propagandas, o uso do rádio e da televisão, principalmente em setembro de 1950, quando foi criada a TV Tupi, o primeiro canal da América Latina.

Além disso, o panorama social do continente Latino-Americano, conforme a Conferência do Rio, era marcado por um sentimento de angústia, pois, por mais que se existissem mudanças significativas na sociedade, houvesse o desenvolvimento da técnica, da ciência, emergia, também, uma sociedade encarecida por uma consciência social e cívica, marcada por mazelas, tais como: injustiça social; exploração do trabalho; baixos salários; analfabetismo; problemas com imigração; problemas com os indígenas; falta moradia, saúde, alimentação. Dito de outra maneira, uma sociedade desesperançosa e distópica, governada por um mal-estar social que deixava em evidência que o deleite das riquezas trazido pelo desenvolvimento industrial se concentrava nas mãos de poucos e a miséria nas mãos de muitos.

Defronte a essas mazelas, o espírito apostólico da Igreja deixou de ser em volta desmesma (*ad intra*) e demonstrou uma preocupação social, passando a dialogar com esse “novomundo”, ou seja, um movimento (*ad extra*) que reforçava a importância da Doutrina Social da Igreja para conscientizar a sociedade à luz do Evangelho e exercer a justiça social aos necessitados. Diante desses apontamentos da I Conferência, a laborosidade da Igreja na América Latina começou a aparecer, com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, tendo como força motriz Dom Hélder Câmara e, no ano de 1955, com a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM).

Pouco tempo depois, esse labor ganhou mais força, com o Concílio Vaticano II (1962–1965), marco inicial para um pensamento de transformação e de libertação. Porém, afinal, qual fora o impulso provocado por este Concílio Vaticano (CV)? Vejamos, o CV II apresentou,

mediante o ecumenismo, novos direcionamentos pastorais e teológicos para Igreja. Ocorrido no Pontificado de João XXIII (1958-1963), “O Papa Bom”, o CV II promoveu uma espécie de *aggionamento*, isto é, uma atualização da Igreja com o intuito de construir uma relação dialógica entre o cristianismo e o mundo moderno. Os reflexos dessa dialogicidade podem ser reparados nas encíclicas de João XXIII, intituladas *Mater et Magistra*, nas quais o Papa (1961) discorre sobre questões sociais à luz da Doutrina Cristã e, na *Pacem in Terris*, o Papa (1963) anseia pela consolidação da paz entre os povos, alicerçando-se em valores como a verdade, justiça, caridade e liberdade. Esses valores são auscultados pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), que corrobora:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (...) Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com a sua história. (IGREJA CATÓLICA, 1987a, p. 144).

Nesse liame, com o progresso teológico-pastoral resultante da abertura do diálogo e dos “novos tempos” da Igreja, observamos a consolidação de um pensamento de libertação que se desdobra nas demais Conferências Episcopais Latino-Americana de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

## **1.2 A Conferência Episcopal de Medellín**

Pouco tempo depois do CV II, em 1968, a Conferência que acontecera em Medellín, na Colômbia, consolidou a palavra Transformação como a sua palavra-chave. Consoante lemos no documento (CELAM, 1977, p. 6), a América Latina está “sob o signo da transformação e do desenvolvimento. Transformação que, além de produzir-se com uma rapidez extraordinária, atinge e afeta todos os níveis do homem, desde o econômico até religioso”.

Face a esse ritmo vertiginoso, está circunscrito no documento (CELAM, 1977, p. 5) o olhar para o homem: “para conhecer a Deus é necessário conhecer o homem”. Caracteriza-se como marco histórico desse período de mudança, sendo uma “tomada de consciência” perante a qual não basta apenas a ação, há a precisão da ação.

Desse modo, é na “hora da ação” que se dá o parto de uma nova civilização, dado que, mesmo defronte às sombras, acendem-se as luzes da emancipação, libertação e integração. Isso acontece, porque, em razão do mistério do homem, compreendemos o mistério salvífico de Deus. Fica evidente, aqui, a análise de Agostini (2007, p. 36), ao frisar que “a missão específica

do conjunto da Igreja foi formulada a partir não somente da fé, mas também das situações históricas próprias à vida do povo latino-americano”.

Nesse processo de desenvolvimento, constatamos estruturas “menos humanas”, por exemplo: “as carências materiais dos que são privados do mínimo vital e as carências morais dos que são mutilados pelo egoísmo; (...) as estruturas opressoras que provenham dos abusos da posse do poder, das explorações dos trabalhadores ou da injustiça das transações” (CELAM, 1977, p. 7). Todavia, a libertação do povo desenrola-se no decurso da salvação divina, que propicia superar a estrutura menos humana e mostra uma estrutura mais humana, na qual transcorre:

A passagem da miséria para a posse do necessário, a vitória sobre as calamidades sociais, a ampliação dos conhecimentos, a aquisição da cultura. (...) o aumento na consideração da dignidade dos demais, a orientação para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade de paz. (...) o reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus, que deles é a fonte e o fim. (...) em especial, a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade dos homens e a unidade na caridade de Cristo, que nos chama a todos a participar como filhos na vida de Deus vivo, Pai de todos os homens (CELAM, 1977, p. 7).

Divisamos, portanto, um pensamento evangelical que contribui para a “tomada de consciência” e anuncia condições dignas à América Latina. Consoante o documento (CELAM, 1977), para atingir essa meta, competirá atingir valores cruciais a esse novo projeto de continente, de sociedade, são eles: a justiça, a paz, a educação e o amor na família.

Nesse rumo, centrando nossas análises na justiça, o povo latino-americano e caribenho tem “fome e sede de justiça”. Esse povo sedento vivencia uma miséria coletiva, traduzida pelas injustiças que podem ser identificadas nos fatos apresentados pela Conferência (1977), que sublinha a conjuntura familiar carente de educação para os filhos, a falta de oportunidade dos jovens sem alcance ao capital cultural que permite acesso à universidade, a superioridade dos homens em detrimento dos direitos das mulheres, as dificuldades dos camponeses, produtores, artesãos e industriais que não têm seus trabalhos valorizados. Fica perceptível aquilo que fora constatado na Conferência do Rio de Janeiro (1955), uma América Latina que experiencia um clima de “angústia coletiva”, marcada por mazelas, injustiças, falta de solidariedade, individualismo e problemas sociais.

Em virtude dessa desumanização, busca-se o desenvolvimento integral e o resgate da dignidade humana das classes populares. Nesse sentido, para a realização da promoção humana, requer-se uma mudança social que supere o neocolonialismo existente através da justiça e da

fraternidade. A II Conferência Episcopal objetivou o bem comum e, como ação pastoral social, conscientizar e educar os homens e as mulheres dessa sociedade em transformação. Para a solidificação dessa missão pastoral, é preciso que exista uma educação social que supere a marginalização qualificada pela desigualdade e opressão que enfatizam a dualidade estrutural da sociedade em que “poucos têm muitos enquanto muitos nada têm”, isso pode ser descrito de diversas formas, como: “socioeconômicas, políticas, culturais, raciais, religiosas, tanto nas zonas urbanas como nas zonas rurais” (CELAM, 1977, p. 23).

Frente a essas marginalizações, a Carta Encíclica *Populorum Progressio*<sup>4</sup>, escrita pelo Papa Paulo VI, em 1967, acentua o desenvolvimento dos povos. Em sintonia com ela, a educação de base (alfabetização) é a premissa para se alcançar o progresso social almejado. Paulo VI reforça essa afirmação ao citar a mensagem que proclamou na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Teerã, no ano de 1965, que diz: “a alfabetização é para o homem fator primordial de integração social e de enriquecimento da pessoa e, para a sociedade, instrumento privilegiado de progresso econômico e desenvolvimento”.

Essa mensagem tem reflexos no documento final de Medellín, o qual assegura que, para superar as condições menos humanas e colocar em prática condições mais humanas, é indispensável uma otimização integral, que tenha como missão a superação da injustiça, atentando para o cultivo da paz e do amor. É imperioso, assevera o documento (CELAM, 1977, p. 29), que “os homens não sejam objetos, senão agentes de sua própria história”. Essa ponderação se prolonga no quarto ponto do Documento de Medellín (CELAM, 1977, p. 47), corroborando que a educação é um “fator básico e decisivo no desenvolvimento do continente”. O diagnóstico feito acerca da educação traz as seguintes características:

- 1) O vasto setor dos homens marginalizados da cultura, os analfabetos e, especialmente, os analfabetos indígenas, privados, por vezes, até do benefício elementar da comunicação, por meio de uma língua comum. (...) 2) A educação formal ou sistemática se estende cada vez mais para as crianças e os jovens latino-americanos, embora grande número deles fique ainda fora dos sistemas escolares. (...) 3) A formação profissional de nível médio e superior sacrifica, com frequência, a profundidade humana, em nome do pragmatismo e do imediatismo, para ajustar-se às exigências do mercado de trabalho. 4) A democratização da educação é um ideal que está ainda longe de ter sido atingido em todos os níveis, sobretudo no universitário (CELAM, 1977, p. 48-49).

---

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_pvi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_pvi_enc_26031967_populorum.html). Acesso em: 26 ago. 2022.

Nesse horizonte, levando em conta os impasses, a educação latino-americana esforça-se para assumir um caráter humanista, entendido como uma educação libertadora que passa a ser criativa, aberta ao diálogo, pluralista, que aprecia as peculiaridades locais e nacionais, próxima da família, consciente e corajosa, que aspira a formação dos jovens, uma educação que serve à humanidade e promove “a educação de base, que não visa somente alfabetizar, mas também capacitar o homem para convertê-lo em agente consciente de seu desenvolvimento integral” (CELAM, 1977, p. 54).

### 1.3 A Conferência Episcopal de Puebla

Diante do espírito de transformação, da consciência missionária e dialógica, da libertação integral e esperança de um humanismo cristão integral indicado em Medellín, bem como o espírito de verdade e liberdade expresso na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI<sup>5</sup>, a III Conferência, realizada em Puebla (1979), no México, respalda a importância de conhecer a realidade por meio do tema: “A Evangelização no presente e futuro da América Latina”. Para pensar essas duas temporalidades, Puebla versa sobre valores como partilha, fraternidade, compadecimento, dignidade, amor à terra, intenta superar a exploração, a pobreza desumana, a miséria e condições básicas de saúde.

Nessa direção, a Conferência de Puebla é designada como um marco temporal circunscrito no passado, caracterizado pela “gestação de raízes ancestrais,” que reverbera no presente por intermédio das raças e etnias existentes, culminando na luta de um povo que clama por um futuro justo, fraterno e solidário.

Mesmo no contexto de luzes e sombras, “gemendo em dores de parto”, a América Latina se constitui como o “Continente da Esperança”, com um sustentáculo vinculado na superação do pensamento de opressão e na vivificação do pensamento de libertação, cuja máxima consiste em colocar em prática aquilo que fora proposto em Medellín: “a passar de situações menos humanas a mais humanas” (CELAM, 1982, p. 67).

Nas palavras do Santo Padre João Paulo II, Puebla é “um grande passo avante” na América Latina e isso somente foi possível graças às ações de pacificação e promoção da justiça

---

<sup>5</sup> Segundo o Papa Paulo VI: “O Evangelho que nos foi entregue é também palavra de verdade. Uma verdade que nos torna livres e que é a única que procura a paz do coração: isto é o que o povo vai buscando quando anunciamos a Boa-Nova. A verdade a respeito de Deus, a verdade a respeito do homem e de seu misterioso destino, a verdade a respeito do mundo...” (EN 78). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apostexhortations/documents/hfp-vi-exh-19751208-evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 26 ago. 2022.

feitas por uma legião de missionários e intrépidos lutadores como: Rosa de Lima, Martinho de Porres, Pedro Claver, Antônio de Montesinos, Bartolomeu de las Casas, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, dentre outros, que salvaguardaram a cultura indígena, ensinaram a vivência fraterna, promoveram a dignidade e liberdade do povo latino-americano. Dito de outra maneira, uma pedagogia da fé elaborada pelas “missões franciscanas, agostinianas, dominicanas, jesuíticas, mercedárias e outras” (CELAM, 1982, p. 65).

Esse labor teológico-missionário tem seus reflexos no múnus educativo elucidado pelo documento de Puebla (CELAM, 1982, p. 254) ao demonstrar que “a educação é uma atividade humana da ordem da cultura; a cultura tem uma finalidade essencialmente humanizadora”. Nesse prisma, devido às taxas de analfabetismo, do abandono escolar e da falta de perspectiva de trabalho, os direcionamentos educativos por parte da Igreja da América Latina ensejam uma educação que tenciona o crescimento da humanização e personalização do homem que se torna agente humanizador, produtor de cultura, transformador e construtor da sua própria história.

#### **1.4 A Conferência Episcopal de Santo Domingo**

Os “novos tempos” do CV II foram substanciais para a consolidação do pensamento de libertação que, nas Conferências de Medellín e Puebla, fortificou-se como sendo uma Teologia da Libertação, movida pela transformação, pelo diálogo com o antigo e o moderno, com o olhar atento à realidade e para os pobres e marginalizados que procuravam, através do humanismo integral, sua libertação. Em 1992, em Santo Domingo, República Dominicana, aconteceu a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, cujo tema foi “Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã”.

Pensar uma nova evangelização é pensar em ações pastorais fiéis ao anúncio do Evangelho de Cristo, que é fonte de vida verdadeira e que vai ao encontro do homem sedento latino-americano mediante diálogo, acolhimento e mensagem salvífica direcionada a todos. Pensar em promoção humana é pensar em uma integração latino-americana que busca viver como bons samaritanos, objetivando o exercício da solidariedade para com os pobres e marginalizados em prol da libertação integral da pessoa.

Em consonância com Santo Domingo (CELAM, 1993, p. 18), “é preciso fazer valer o novo ideal de solidariedade diante da falaz vontade de dominar”. Pensar uma cultura cristã é pensar que o capital simbólico da América Latina é o seu povo e, por isso, face à “incultura da morte”, carecemos semear a cultura da vida – fruto de um humanismo cristão em que, mesmo com os desafios na relação dialógica entre ciência e fé, pretende-se uma autêntica

evangelização.

Perante as palavras-chave da IV Conferência, brota da ação educativa uma antropologia cristã produzida metodologicamente com base em linhas pastorais, ligadas à pastoral da inculturação que suscita:

Uma educação cristã desde e para a vida no âmbito individual, familiar e comunitário e no âmbito do ecossistema; que fomente a dignidade da pessoa humana e a verdadeira solidariedade; educação a ser integrada por um processo de formação cívico-social inspirado no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja. [...] garantir-se o direito da formação religiosa para cada pessoa, e, portanto, o do ensino religioso nas escolas em todos os níveis; [...] uma verdadeira formação cristã sobre a vida, o amor, a sexualidade, que corrija os desvios de certas informações que se recebem nas escolas. Urge uma educação para a liberdade, um dos valores fundamentais da pessoa. É também necessário que a educação cristã se preocupe de educar para o trabalho, especialmente nas circunstâncias da cultura atual. (CELAM, 1993, p. 131).

Dessa maneira, dadas as linhas pastorais, verificamos uma práxis da libertação em conformidade com as Conferências de Medellín e Puebla, cujo axioma fundamentado no Evangelho ainda persiste, a saber: “a opção preferencial pelos pobres”. O Documento de Santo Domingo (CELAM, 1993, p. 129-129) intensifica que a “educação é um processo dinâmico que dura a vida toda da pessoa e dos povos. Recolhe a memória do passado, ensina a viver hoje e se projeta para o futuro”.

### **1.5 A Conferência Episcopal de Aparecida**

Em 2007, em Aparecida, São Paulo, Brasil, aconteceu a V Conferência Geral dos Bispos Latino-Americanos e Caribenhos, com o tema: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida – Eu sou Caminho, a Verdade e a Vida’ (Jo 14,6)”. A partir dessa temática, a Conferência foi direcionada por uma hermenêutica pastoral que dá continuidade às Conferências que a antecederam.

A realidade latino-americana e caribenha desenhada pela V Conferência, através do método ver-julgar-agir, tem como plano de fundo a globalização, que pode ser entendida como uma mudança de época, marcada pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, que impactou a sociedade com mudanças vertiginosas no contexto social, ocorridas a partir do crescimento urbano, cultural, pela utilização dos meios de comunicação, econômico – com a valorização do mercado, política marcada pela regressão autoritária em detrimento da democracia, científicas (crescimento de indústrias farmacêuticas e da medicina), religioso –

determinado pela pluralidade religiosa que sofre repressão, dentre outras matizes da sociedade afetadas por esse fenômeno global que “faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres” (CELAM, 2007, p. 181).

Por efeito dessas mudanças, crescem problemas sociais, dentre os quais, a Conferência (CELAM, 2007, p. 39) focaliza: o individualismo que impossibilita a dimensão comunitária; o sofrimento das comunidades indígenas e afro-americanas; a exclusão das mulheres; preconceito racial; educação precária; falta de emprego; marginalização dos migrantes; predomínio de doenças; terrorismo; conflitos; violência; fome; e outras misérias que contribuem com a exclusão social e afeta o direito à vida.

À vista disso, a Conferência de Aparecida convida a população latino-americana e caribenha a formar “discípulos-missionários” pela via da fraternidade e da responsabilidade para globalizar a justiça, o amor, a dignidade, o trabalho, os direitos humanos, a solidariedade e, principalmente, globalizar a esperança. A fim de que isso se torne real, o Documento (CELAM, 2007, p. 274) evidencia que é necessário “recordar que a evangelização esteve sempre unida à promoção humana e à autêntica libertação cristã”. Em outras palavras, os povos latino-americanos, com o intuito de atingir uma vida plena, devem considerar o projeto pastoral iniciado no Concílio Plenário Latino-Americano, propagado no CV II e nas Conferências Episcopais Latino-Americano que, em síntese, tem o seguinte projeto para a América Latina: “passar de situações menos humanas para situações mais humanas” (CELAM, 1977, p. 7).

Hoje, após 16 anos do Documento de Aparecida, essa última Conferência da CELAM, continua sendo *kairós* para a nossa atualidade. Ora, o ardor missionário e espiritual de Aparecida que, intrinsecamente carrega consigo a energia sobrenatural das demais Conferências, continua sendo força viva para América Latina e para o Mundo. Isso, ocorre, especialmente, por meio da missionariedade, da voz profética e esperançosa de Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco) que, mediante seu Pontificado, renova a comunhão, a participação e a missão da Igreja pela via da Sinodalidade, isto é, de uma Igreja em saída, que nos impulsiona a caminhar juntos.

Identificamos esse pensamento em vários escritos de Francisco, como, por exemplo, a Exortação Apóstolica *Evangelii Gaudium* (2013), as Cartas Encíclicas *Laudato Si* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), que são contribuições em que o Sumo Pontífice nos alerta sobre o risco do mundo atual, caracterizado pelo consumismo, pelo individualismo, pelos prazeres efêmeros, pelo “grito da terra e o grito dos pobres”, pela poluição ecológica, pela desigualdade planetária, pela falta da ética do cuidado, pela cultura do confronto, pelo aprisionamento virtual, pela falta da fraternidade, enfim, um mundo moderno, pragmatizado e massificado, que fragiliza a vida.

Divisamos, portanto, um pensamento que ecoa a proposta missionária das Conferências Episcopais Latino-Americanas que tem como centralidade a Doutrina Social da Igreja.

### 1.6 Raízes da Educação Popular

A Educação Popular (EP), na América Latina, assume caráter polissêmico, isto é, pode ser conceituada apoiada em diversas raízes, dentre as quais sobressaem as epistemológicas, metodológicas e pedagógicas. Isso sucede, pois, segundo apontado por Neto e Streck (2019, p. 207) ao refletir acerca da EP, temos de considerar o “acumulado histórico” que está intrínseco em sua prática educacional.

Ao recorrermos à história, percebemos que, na década de 1960, emergiram muitos movimentos populares, liderados por intelectuais, estudantes, pela Igreja, líderes religiosos progressistas, que desenvolveram ações político-pedagógicas atreladas ao pensamento de libertação – fruto do pensamento eclesial latino-americano – por exemplo, no Brasil, surgiu o Movimento de Educação de Base, a Ação Católica e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Assim, na esteira desse pensamento eclesiástico, depreendemos que repercute nas teorias de intelectuais os quais, ao longo dos anos, solidificaram o conceito de EP em várias raízes. Neto e Streck (2019, p. 212) discutem que essa pluralidade da educação popular,

possui antecedentes e fontes de inspiração que fazem parte da história de resistência e da inventividade pedagógica na América Latina. Isso nos permite caracterizar, historicamente, a educação popular como uma das tradições pedagógicas mais originais nascidas na América Latina. Não se trata apenas de um pensamento educacional, mas também de um movimento de educadores, profundamente conectados com a história do continente, com realidade própria das classes populares latino-americanas, suas experiências reais, seus saberes ancestrais, suas necessidades e seus projetos de vida.

No que tange aos intelectuais que contribuíram para definir a EP, enfatizamos: a filosofia de Enrique Dussel com a obra *Filosofia da Libertação na América Latina*; a sociologia de Orlando Fals Borda com sua obra *Ciencia, compromiso y cambio social*; Oscar Jara Holliday e a obra *La educación popular latinoamericana: historia y claves éticas, políticas y pedagógicas*; José Martí, com a obra *Nuestra América*; a pedagogia de Paulo Freire e suas obras *Pedagogia do Oprimido, da Autonomia e da Esperança*; Nísia Floresta, com sua obra *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*; a literatura de Carolina Maria de Jesus, com obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, dentre outros.

Como resultado dessas raízes populares, para Frei Betto, a principal raiz da EP é Paulo

Freire; segundo ele, sem a pedagogia freiriana “não haveria esses movimentos e todo o processo social, porque nos ensinou algo de muito importante: ver a história pela ótica dos oprimidos” (BETTO, 2018, p. 165). De fato, encontramos em Freire uma EP que dialoga e aprende com o povo, uma EP que coopera para que os excluídos se tornem sujeitos históricos e políticos.

Na obra *Essa Escola chamada vida – Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*, que fora escrita por Paulo Freire e Frei Betto (1985), há duas gerações que carregam utopias libertárias na veia e que se encontraram para refletir a respeito da EP a partir das suas experiências. De um lado, um Pernambucano e, de outro, um Mineiro, mesmo sendo de diferentes culturas, cultivam o mesmo idealismo, que consiste em superar a opressão pelo caminho da libertação do povo oprimido. Freire sofreu o exílio, Betto, viveu na prisão, e essas experiências são o fator determinante que permitiu que neles crescessem ainda mais o desejo de continuar lutando pelos menos favorecidos.

Na entrevista, Freire relata que a EP surgiu em sua vida ao longo das experiências que lhe possibilitaram o contato com a linguagem popular e permitiram a identificação de diferentes maneiras de pensar e expressar. Meninos camponeses, filhos de operários, trabalhadores, amigos das “peladas” de futebol, foram convivências fundamentais para que Freire redescobrisse a realidade em que estava inserido. A prática consciente da consolidação dos primeiros passos do seu método deu-se em sua experiência no Serviço Social da Indústria (SESI), como ele mesmo relata:

Eu dirigia o Setor de Educação, que tinha a ver com escolas primárias para as crianças das famílias operárias. Aquele momento durou mais de dez anos. Esta foi toda a matriz de minha... eu até diria foi a matriz de um lado dos meus primeiros espantos. Espantos diante da dramaticidade da vida, diante de uma mãe, por exemplo, que chegava ao meu gabinete chorando e dizia que seu filho – de um operário – morrera tuberculoso no dia anterior, e que ela queria um último favor meu como diretor da Educação do SESI: que nós mandássemos todas as crianças do SESI para o enterro de seu filho. Era só isso que ela queria, era a última homenagem (FREIRE; BETTO, 1985, p. 8).

O Espanto, pensado filosoficamente, contribui para iniciar uma atitude filosófica, impulsiona uma mudança de pensamento, assim como o prisioneiro que se liberta na alegoria da caverna de Platão, o espanto abre os olhos para pensar uma nova realidade. E com Freire não foi diferente. Diante do sofrimento de uma mãe, passou a compreender que era preciso dialogar, aproximar e entender o pensamento, a linguagem da classe operária que lhe apresentava situações cotidianas que deveriam ser acolhidas e pensadas coletivamente.

Perante esse compromisso, Freire procurou consolidar ações que aproximassem os

professores, a escola, a família com os pais, filhos e trabalhadores, objetivando realizar “círculos de pais e professores” para pensar temas referentes, por exemplo, violência na família, injustiça, exploração do trabalho, relacionamento entre pais e filhos, situação do operário, dentre outros. Eis os primeiros passos da pedagogia humanitária de Freire, eis a gênese do método de alfabetização freiriano, que influenciaria o pensamento popular de Betto.

A consolidação da pedagogia freiriana teve seu apogeu nos anos 60, período em que Freire fazia parte do Movimento Cultural Popular e sistematiza ainda mais seu pensamento concernente a sabedoria popular. Isso ocorre em Angicos, no Rio Grande do Norte, através dos “círculos de cultura”<sup>6</sup>. Carlos Rodrigues Brandão (1982, p. 18), na obra *O que é o método Paulo Freire*, disserta sobre essa expansão:

Depois de haver sido testado em ‘círculos’ na roça e na cidade, no Nordeste, o trabalho com o método foi levado por muitas mãos ao Rio de Janeiro, a São Paulo e a Brasília. Aquele era o tempo da criação dos Movimentos Populares de Cultura (MCP), dos Centros de Cultura Popular do Movimento Estudantil (CPC), do Movimento de Educação de Base da Igreja Católica (MEB), da campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler, da Prefeitura de Natal, entre tantos outros grupos, lugares e equipes onde se misturavam educadores, estudantes, professores, profissionais de outras áreas que, por toda a parte, davam sentidos novos a velhas palavras: educação popular, cultura popular.

Diante da propagação do método de Freire, consolida-se, no Brasil, uma educação que permite “ler o mundo” e “ler a palavra” e, por meio desse exercício pedagógico foi possível transformar a própria realidade que o povo estava inserido. Um ponto importante avulta-se nessa metodologia de alfabetização, são as palavras geradoras. Segundo Freire e Betto (1985, p. 18), seu método e as palavras geradoras “são formas próprias para o ser humano encarar o mundo, encarar a realidade”.

Imbuído do compromisso com os grupos populares, Freire não buscou palavras geradoras em sua biblioteca, ao contrário, um dos critérios que tinha como missão era olhar a realidade do povo, realizou uma “pesquisa participante” para verificar quais palavras tinham mais força ideológico-política ou, até mesmo, uma palavra nacional<sup>7</sup> que estava na boca do povo. Conforme ele (1985, p. 19) mesmo pontua: “era tentando compreender a linguagem

---

<sup>6</sup> De acordo com o Professor Ernani Maria Fiori, autor do Prefácio da obra *Pedagogia do Oprimido*, “o círculo de cultura – no método Paulo Freire – revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano”(FIORI, 1988, p. 17).

<sup>7</sup> Freire e Beto (1985, p. 21) relata que: “naquela época, em 63, a palavra ‘greve’ era uma palavra nacional, quer dizer uma palavra geradora nacional. Onde quer que você chegasse no Brasil, encontrava sempre uma caminhonete com gente anunciado uma greve”.

popular e descobrir as palavras mais carregadas de emoção, mais carregadas de sensibilidade, mais ligadas à problemática da área, que a gente elaborava o programa (...) o ideal era quando você podia fazer isso com o próprio povo”.

Outro critério relaciona-se com a fonética da língua, para Freire, era necessário que a pronúncia da palavra geradora fosse de fácil acesso, por exemplo, a palavra “tijolo”, e aos poucos partiria para palavra cuja fonética demonstra uma dificuldade maior de compreensão. Esses dois critérios de Freire, que ele buscou no seio popular suas palavras geradoras, ecoam na literatura de Frei Betto (2013, p. 147-148), que afirma: “o contexto influi no texto e favorece o pretexto”, e ainda completa: “querer apreender o texto fora de seu contexto é ignorar o pretexto pelo qual ele foi escrito”. Em outras palavras, parafraseando Betto (2013), “não se concebe uma pedagogia libertadora desvinculado do povo”<sup>8</sup>.

Esse pensamento popular de Freire também pode ser visto na filosofia de Walter Benjamin. Na obra *Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, Michel Lowy, na Tese VII (2005, p. 74), ressalta o imperativo de “escovar a história a contrapelo”, quer dizer, “trata-se de ir contra a corrente da versão oficial da história, opondo-lhe a tradição dos oprimidos”. Então, as ideias de Freire e Benjamin, mesmo sendo de cenários diferentes, se aproximam. Agostini (2019, p. 68) garante que isso acontece visto que ambos denotam uma pedagogia e filosofia que está “a serviço da libertação e emancipação das classes oprimidas, dos vencidos, dos esfarrapados do mundo. Ambos têm em conta situações humanas de desumanização gritantes pela opressão que se impõe sobre os pobres”.

Para além disso, podemos perceber que o pensamento dos intelectuais da América Latina, a pedagogia freiriana e a filosofia benjaminiana refletem na vida e obra do revolucionário Dominicano Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto), nascido pelas mãos de uma obstetra caseira, no dia 25 de agosto de 1944, em Belo Horizonte, Minas Gerais, filho da culinária Maria Stella Libanio Christo e do jornalista Antonio Carlos Vieira Christo. Detectamos essa tríade em vários momentos da vida de Frei Betto, porém, sobretudo, em quatro lugares: na Congregação dos Dominicanos, no período em que esteve na prisão, nas Comunidades Eclesiais de Base - CEBs e na sua literatura produzida ao longo dos anos.

---

<sup>8</sup> Betto (2013, p.149) realça que “o grande desafio dos teólogos da libertação é conseguir ser lidos por aqueles de quem extraem a matéria-prima suas reflexões”. Ora, isso vale também para o educador popular, isto é, ao produzir teorias e métodos requer que seus conteúdos sejam acessíveis a todos.

## 1.7 O ingresso na Congregação dos Dominicanos

A vivência religiosa de Frei Betto iniciou por intermédio da Igreja Doméstica. Sua mãe, mulher religiosa, impulsionou a vida de oração e catequética de Betto desde sua infância. Os primeiros passos de Betto na ordem dos Dominicanos começaram quando ele frequentava o Colégio Municipal da Lagoinha. Nesse colégio, ocorreu o parto da educação popular de Betto, através do seu ingresso na Ação Católica (AC). Soma-se a isso o fato de que, empenhado com as ações da AC, queria realizar trabalhos pastorais na periferia de Belo Horizonte, em paralelo com a Juventude Estudantil Católica (JEC), criada pelo Frei Mateus Rocha, em 1952, e que, na época, era conhecido como “movimento secreto dos estudantes”.

Foi pela intervenção de Laércio Campos – monitor da JEC – que Betto pode entrar no movimento e assumir a missão evangelizadora dos Dominicanos que vieram para o Brasil nas décadas de 1950 e 1960 para formar lideranças cristãs jovens com a intenção de: “abraçar a proposta de Jesus contida nos evangelhos” (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 42). E o Frei desse modo o fez, assumiu o compromisso cristão e participou das atribuições da JEC nas manhãs de domingo, das vigílias mensais e implementou um núcleo da JEC em sua escola.

Em relação aos primeiros passos na vida dos Dominicanos, como militante, Betto afirmou: “Para mim, vejo a vida religiosa como um meio para fazer a revolução no Brasil”. Face a essa proclamação revolucionária, Betto teve uma ascensão grandiosa nos movimentos estudantis organizados no Brasil, em especial, movimentos da Juventude Masculina Católica<sup>9</sup>, nomeadamente: a Juventude Estudantil Católica (JEC); a Ação Católica Brasileira (ACB); a Juventude Agrária Católica (JAC); a Juventude Independente Católica (JIC); a Juventude Operária Católica (JOC); Juventude Universitária Católica (JUC); e a União Metropolitana de Estudantes Secundaristas (Umes).

Entre os anos de 1962 e 1964, viveu uma intensa militância, cercada por intelectuais e líderes influentes da época. Na Ação Católica, dois principais expoentes desse movimento foram cruciais na formação de Frei Betto – Alceu Amoroso Lima e Dom Hélder Câmara.

Tendo em vista essa formação política e evangelizadora decorrente desses movimentos, ressaltamos alguns pontos enfatizados por Freire e Sydow (2016, p. 46), que serviram de alicerce para que percorressem todo esse itinerário formativo, a saber: a) a JEC, a partir de 1959, “descobriu outro jeito de ser cristão e descortinou-se um novo mundo”(FREIRE; SYDOW, 2016, p. 46); b) “a calorosa recepção que recebeu dos frades Dominicanos em seus primeiros

---

<sup>9</sup> Vale destacarmos que, nesse período, também havia a Juventude Estudantil Católica Feminina (JECF).

passos na JEC, em particular dos frades Chico, Marcelo Linhares e Mateus Rocha, este último já na condição de provincial da Ordem” (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 48); c) a mensagem salvífica do Evangelho passada pelos Dominicanos, pautado no amor, misericórdia e na comunhão com os pobres; d) o método da Ação Católica – ver, julgar e agir<sup>10</sup>; e) “o envolvimento em um projeto de alfabetização para moradores do Barreiro, bairro localizado na periferia de Belo Horizonte, levado adiante pelas JEC masculina e feminina” (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 49); f) a parte intelectual que era alimentada pelo ato de ler realizado pelos Jecistas<sup>11</sup>, orientados pelo Frei Mateus Rocha, quem muito contribuiu para a Ordem dos Dominicanos no Brasil.

Uma experiência marcante em sua vida, durante o período na JEC, se deu em um Congresso da União Colegial de Minas Gerais (UCMG), realizado na cidade de Lavras, como Betto (2003, p. 180) mesmo asseverou no seu livro de memórias:

Lavras sediava, na Escola de Agronomia, o congresso da União Colegial de Minas Gerais, e a UMES, apoiada pela JEC e pela Juventude Comunista, buscava neutralizar a União dos Estudantes Católicos e apoderar-se da UCMG. Fretamos um Ônibus para transportar a oposição, que viajou em ritmo de carnaval, com muita cantoria e batucada.

Nesse Congresso da UCMG, o responsável por discursar em nome dos estudantes esquerdistas cristãos da Umes foi Frei Betto, que tinha como missão “convencer os votantes – a maioria líderes interioranos empenhados na expansão do ensino público e gratuito –, a não reeleger os pelegos da UCMG, dispostos a favorecer as escolas particulares” (BETTO, 2003, p. 181). Na tentativa de salvaguardar os direitos da escola pública, usou, em seu discurso, frases conceituadas de duas referências nacionais da época: Carlos Lacerda e Milton Campos. Fora aplaudido, contudo, não conseguiu eleger uma nova diretoria para a UCMG, que seguiu com sua política conservadora. Para Frei (2003, p. 181), nessa eleição, “o ritmo do carnaval que

---

<sup>10</sup> Nas palavras de Frei Betto: o ver seria “analisar o que se passava na escola, as conjunturas da cidade, o país, do mundo. Em seguida, o julgar: à luz da palavra de Deus, quais os desafios que a realidade apresentava. Por fim, o agir: o que fazer, como, quando e onde (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 49).

<sup>11</sup> “Dentre os principais intelectuais lidos sobressaem o Padre dominicano Lebre, que incentivava os jovens a intervirem na realidade social. Nas palavras de Lebre: ‘Devemos acolher antes de tudo em nosso coração a miséria do povo’ (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 50). Outro referencial presente nessa leitura, trata-se do filósofo francês Emmanuel Mounier, que instigou intelectuais e estudantes brasileiros na década de 1950 e 1960 com os seguintes dizeres: ‘a sua crítica radical ao capitalismo como sistema fundado sobre o anonimato do mercado, a negação da personalidade e ‘imperialismo do dinheiro’, uma crítica ética e religiosa que leva à busca de uma alternativa, o socialismo personalista, que reconhece que tem ‘muito a tomar do marxismo’” (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 50).

ocorria na viagem de ida para o Congresso transformou-se, no retorno, em um ritmo de cortejo fúnebre”.

No entanto, a missão militante e política de Betto só estava começando, pouco tempo depois, sendo vice-presidente da UMES e se destacando nas missões Jecistas, iniciou uma nova etapa da sua vida em comunhão com os estudantes católicos de esquerda, com a JUC e com a União Nacional dos Estudantes (UNE). Nesse momento, impulsionado pelas leituras de Marx e pela Revolução Cubana, pode acompanhar, em 1962, a criação da Ação Popular (AP), conviver com os membros do Movimento de Educação de Base, com os líderes Osmar Fávero e Luiz Eduardo Wanderley, responsáveis pela secretaria nacional da Ação Católica.

A formação política e espiritual de Betto continuou no período em que viveu no Rio de Janeiro, desenvolvendo habilidades e vivendo experiências que impulsionaram sua vida como militante cristão, a exemplo, em sua trajetória teve: a) “a oportunidade de conviver de perto com importantes figuras do catolicismo brasileiro, tais como Dom Hélder Câmara, Dom Cândido Padin, Alceu Amoroso Lima e Cândido Mendes, entre muitos outros”; b) “uma disciplina rígida aliada à desenvoltura no trato e na interlocução com personalidades de distintas posições sociais e de poder, o que lhe dava autoridade moral e capacidade para o desenvolvimento do trabalho e articulação e mediação política”; c) “outra experiência também marcante foi seu envolvimento em um projeto de educação popular que se desenvolvia aos sábados juntos com os operários da Fábrica Nacional de Motores, então localizada em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro”; d) “através de Osmar Fávero e Luiz Eduardo Wanderley, tomou contato com os princípios que orientavam a atuação da entidade [Movimento de Educação de Base], em particular com os fundamentos e procedimentos do chamado método Paulo Freire” (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 55-56).

Um ponto significativo na vida de Frei Betto foi o período do golpe civil-militar no Brasil, em 1964. Nesse hiato, iniciou-se um ciclo de tensões e opressões na sociedade e, maiormente, na Igreja<sup>12</sup>, conforme vemos no seguinte excerto:

A implantação de um regime ditatorial abriu um ciclo de repressão explícita às várias vertentes da Igreja militante no país. Foram inúmeros os episódios de agressão, tais como a invasão de conventos, ameaças frequentes a bispos e outras autoridades da Igreja, além da prisão e expulsão de sacerdotes do país (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 58).

---

<sup>12</sup> “Bastante integrada ao projeto de mudanças estruturais no país, a Ordem dos Pregadores foi duramente atingida. Dois dos conventos da Ordem foram invadidos – em Belo Horizonte e em Juiz de Fora – e duas de suas principais lideranças tiveram de sair de cena: os frades Carlos Josaphat e Mateus Rocha”(FREIRE; SYDOW, 2016, p. 58).

Em meio a essas repressões, os Dominicanos, o Movimento de Educação de Base, membros da JEC, da JUC, da Ação Católica e demais movimentos esquerdistas cristãos foram duramente atingidos, houve fechamento de rádios, prisões, uma delas de Betto<sup>13</sup>. Nessa época, atuava na secretaria da Ação Católica e, mesmo com a violência e a repressão, realizava suas atividades acadêmicas. Todavia, sua atividade na AC e na universidade não durou muito tempo. Após fazer o discernimento vocacional, em 31 de janeiro 1965, ingressou na Ordem dos Dominicanos, no Convento da Serra em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde estudou Filosofia e Teologia<sup>14</sup>.

### 1.8 A experiência popular na prisão

Betto, que fora militante da Ação Católica, pôde realiar em sua vida ações populares com a essência do método freiriano. Uma delas aconteceu, de maneira não intencional, como ele diz, numa espécie de “pré-método Paulo Freire”, logo na adolescência, quando fazia parte da JEC, como ele mesmo relata (FREIRE; BETTO, 1985, p. 25):

Era uma espécie de tarefa missionária que nós, militante da JEC, fazíamos junto às favelas de Belo Horizonte, para alfabetizar crianças que não tinham acesso à escola. Mas o interessante do trabalho que fiz – tinha quinze anos na época – com outros militantes foi que a gente, inconscientemente, conseguiu um certo efeito, diria hoje “libertador”, no trabalho, por ter usado textos bíblicos nas aulas. Na verdade, a intenção era usar a alfabetização como forma de catequese, em vez de adotarmos “Lili, Lalau e o Lobo”. Mas também ainda não tínhamos chegado ao “Pão, Pedra e Pá” do método Paulo Freire. Usávamos textos bíblicos sem maiores pretensões.

Essa ação de alfabetização que Betto realizou na JEC é uma das experiências que fundamenta sua base ideológica popular. Em conformidade com o Frei, a EP pode ser entendida como conscientização e mobilização, isto é, uma ação que possibilita uma mudança de pensamento, um despertar crítico e histórico, que sobrepõe à ideologia dominante, buscando a

<sup>13</sup> “Na ocasião, Betto foi confundido com seu xará – Betinho, um dos principais dirigentes da AP” (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 61).

<sup>14</sup> “Dois fatores foram particularmente favoráveis para fazer com que Betto, por fim, optasse por ingressar na Ordem dos Dominicanos. Um deles foi perceber que vários dos seus contemporâneos da Ação Católica faziam o mesmo. Na militância, todos eles haviam aprendido que era possível conciliar vida religiosa com a opção revolucionária. Exemplos não faltavam... Outro fator, de cunho eminentemente subjetivo, era o prazer e tranquilidade que Betto sentia ao rezar e entrar em contato com Deus. Resolvido, largou a Ação Católica, trancou a matrícula na universidade e partiu para a vida nova” (FREIRE; SYDOW, 2016, p. 62).

transformação da sociedade através de uma leitura de mundo pela ótica dos oprimidos.

Na visão de Betto (1985, p. 28), para que seja consolidada uma EP na sociedade é necessário criar raízes populares que propiciem ações libertadoras e o método de Paulo Freire contribui para que se crie essas raízes, afinal, o método freiriano “não quer interpretar o que é o interesse das classes populares, mas ousa perguntar às classes populares qual é a sua maneira de expressar-se no mundo, qual é a sua palavra”.

Essa concepção de Betto foi formulada durante o período na prisão, entre os anos de 1969 a 1973, cercado por anos de prisioneiros políticos, usufruindo de “estudos, debates, ioga, xadrez, pôquer, bridge e o direito de preparar sua própria comida” (BETTO, 2006, p. 41). E outra parte dos anos convivendo com presos comuns, como “homicidas, estelionatários, contrabandistas, assaltantes, narcotraficantes: estiletas, drogas, curras, achaques, e a gororoba ácida antepondo a fome ao paladar” (BETTO, 2006, p. 41).

Segundo ele, o período que passou na prisão serviu como escola para a sua vida e lhe fez repensar e reformular sua missão com o povo. O tempo em que esteve junto aos presos políticos viabilizou-lhe fazer uma autocrítica dos equívocos cometidos enquanto militava frente ao regime militar, chegando a seguinte conclusão (FREIRE; BETTO, 1985, p. 38): “tínhamos tudo: ideal, coragem, disposição, domínio dos conceitos clássicos, conhecimento das histórias da revolução. Só não tínhamos o povo”. A partir disso, sabendo da relevância das raízes populares, passa a respaldar seu pensamento popular no seguinte imperativo: “prefiro correr o risco de errar com o povo do que ter a pretensão de acertar sem ele” (FREIRE; BETTO, 1985, p. 38).

Iluminado por esse imperativo, no período em que esteve junto aos presos comuns, soube criar essas raízes. Isso ocorreu junto a dois dominicanos que estavam presos com Betto e passaram a colocar em prática a EP com os presos. No primeiro momento, fizeram discussões acerca de temas como relações sociais, economia, política, sociedade, ideologia, dentre outros temas que surgiam a partir dos “círculos bíblicos”, ou seja, uma leitura popular da Bíblia sob a ótica dos presos oprimidos. Consoante Betto (FREIRE; BETTO, 1985, p. 40), “o oprimido vive num contexto semelhante ao contexto em que foi produzido o texto bíblico”.

A segunda prática popular realizada por Betto na prisão foi concretizada através da arte, assim, ele pôde dirigir um espetáculo intitulado “O rei da vela” de Oswald de Andrade. Nessa experiência pedagógica, Betto (FREIRE; BETTO, 1985, p. 41) contou com a participação de 40 presos, e tinha o seguinte objetivo:

minha meta era criar, através do teatro, um processo pedagógico pela qual eles

pudessem se libertar subjetivamente de todo aquele sofrimento absurdo que o sistema penitenciário gera no preso comum. O sistema penitenciário, tal como ele existe na sociedade capitalista, principalmente aqui no Brasil, é extremamente cruel, não só porque confina fisicamente o homem, sem que esse homem possa compreender o problema da liberdade, senão em relação à sua locomoção física, mas ele destrói a subjetividade do homem, no sentido de não lhe oferecer nenhuma possibilidade de racionalização da situação que se encontra.

Nessa experiência teatral efetivada por Betto, fica clara uma EP que permite que o sujeito assuma uma consciência crítica e política, quer dizer, oportuniza que o preso, mesmo recluso, realize uma autoreflexão e passe a imprimir um novo sentido à sua existência. Além desse sujeito pensante despertado pela veia artística, o teatro também facultou que Betto empregasse uma prática pedagógica voltada para a consciência corporal:

[...] eu realizava exercícios de expressão corporal com eles, que iam desde a descontração da palavra, para fazer o oprimido tomar consciência de que a opressão o reduziu a um objeto fechado a si mesmo. (...) De repente, eu estava diante de pessoas que não sabiam nem falar! Eram bloqueadas até na palavra. Não adiantava dizer: “Fala”!. Para falar era preciso, primeiro, mostrar que eles dispunham de um sistema de som próprio, orgânico, cuja caixa acústica é boa (FREIRE; BETTO, 1985, p. 44-45).

Encontramos ecos dessas ações populares de Betto no prefácio da obra *Pedagogia do Oprimido*, escrito pelo Professor Ernani Maria Fiori, que declara ser necessário que os oprimidos “aprendam a dizer a sua palavra”, posto que “com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”. E, ainda, Freire (1998, p. 23), na obra *Pedagogia da Autonomia*, diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” e foi isso que Betto fez: deu condições e despertou o protagonismo presente na subjetividade de cada preso.

A terceira experiência popular que Betto empreendeu na prisão foi o curso de madureza. Nesse curso, contrariando o sistema carcerário da época, tornou possível que 80 presos estudassem disciplinas referentes ao período ginasial e fizessem provas aplicadas por professores da cidade, com a intenção de conquistarem o diploma. Betto ficou responsável por três disciplinas – Física, Química e Biologia. O Frei (1985, p. 48) descreve que para a realização das aulas era preciso “passar a manhã e a tarde nas celas, estudando para dar aula à noite”. A metodologia aplicada em suas aulas tinha como principal objetivo despertar o interesse dos presos nas aulas. Como isso fora feito? Betto (FREIRE; BETTO, 1985, p. 48) nos conta:

Começamos a aplicar no madureza um pouco daquilo que fazíamos no teatro. Sentávamos em classe, mandávamos o pessoal lá pra frente, valorizando ao máximo o potencial deles. Por exemplo, antes de eu explicar o que é molécula ou célula, como funciona o motor de explosão ou quais são os elementos químicos criados em laboratório, eu perguntava a eles: “O que vocês pensam disso? O que acham?”. E, antes de explicar, eu fazia experiências. As experiências transformavam as minhas aulas num verdadeiro espetáculo, um centro de atração, e eles ficavam maravilhados, não só pela eficácia das experiências, mas pela constatação de uma racionalidade científica nas coisas, e isso mudou a própria ética interna da penitenciária.

Dessa metodologia utilizada por Betto, podemos depreender uma EP dialógica-libertadora, que sobrepõe a educação bancária, por meio da educação problematizadora. De acordo com Freire (1988, p. 72), “a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que em que se acham”, isto é, a dialogicidade ocorrida entre Betto e os alunos foi alimentada pela problematização, libertação, criatividade, reflexão que são fundamentais para o desvelamento dos conteúdos e também da realidade.

Diante dessas experiências que Betto viveu no universo penitenciário, com os presos políticos e presos comuns, observamos o quão importante foi o envolvimento com os presos para a realização de ações pedagógicas libertadoras e isso foi um fator básico para a concretização da pedagogia popular. Betto (FREIRE; BETTO, 1985, p. 65) afirma que, nessa organização popular, há uma criação de laços em que “o oprimido, pela sua própria situação, tem o espírito de agregar-se, por uma questão de sobrevivência. As pessoas no meio popular, por mais que na sua consciência interiorizem a ideologia do opressor, de outro lado têm forte sentimento de solidariedade no que diz respeito às ameaças e limites da vida”.

## **1.9 As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs**

Na obra *O que é Comunidade Eclesial de Base*, escrita por Frei Betto (1986), reparamos um movimento criado pela Igreja Latino-Americana, tendo como desafio o compromisso pastoral de colocar em prática o processo de libertação do povo latino-americano. Para isso, foram necessárias ações que efetivassem o projeto libertador frente à opressão, à alienação e toda forma de marginalização que coloque barreiras na vida de homens e mulher que clamam por uma práxis da transformação pautada em virtudes da justiça, amor, comunhão e esperança. Betto (1986, p. 5), em seu livro sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), é categórico ao dizer que diante da opressão e miséria vivida na realidade latino-americana, “a Igreja, serva

dos homens, (...) é chamada a inserir-se nas classes populares latino-americanas, aprendendo do povo humilde e sofrido a ler os sinais dos tempos e descobrir neles os desígnios do Senhor”. O desafio consiste em: viver à luz do Evangelho, mediante ações libertadoras que superem as misérias e tragam vida em plenitude e abundância para a sociedade na América Latina.

A ação pedagógica e libertadora proposta pela Igreja latino-americana, perante o desafio, concretizou-se por meio das CEBs, que podem ser definidas como um grupo de cristãos católicos e toda pessoa de boa vontade que busca viver uma vida religiosa e pastoral. Ao pensarmos as três palavras-chave da sigla CEBs, compreendemos melhor seu conceito:

São **comunidades**, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São **eclesiais**, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de **base**, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares. Há também comunidades indígenas (BETTO, 1986, p. 7, grifos nossos).

Por conseguinte, considerando essas características para o funcionamento dessa ação popular, é premente animadores Cebes – agentes pastorais que assumam o compromisso de assessorar os bairros populares, auxiliando para que a comunidade popular se organize e se mobilize em busca da libertação, através da prática política, que é construída com base na história e realidade de cada indivíduo pertencente à comunidade. De acordo com Betto (1986, p. 8), “da base popular, emergiu (...) pequenas organizações nas quais o povo faz sua experiência de união, mobilização, pequenas vitórias em suas lutas locais e regionais”, ou seja, o povo assume a “consciência do seu papel histórico”. Essa tomada de consciência, nas reflexões de Barbosa (2009, p. 31), reforça que

é preciso ter consciência dos interesses e dos conflitos que impulsionam o movimento da sociedade nos seus vários aspectos. Essa práxis pedagógica, ligada aos movimentos sociais e eclesiais, alcança pessoas analfabetas que exercem um verdadeiro compromisso de cidadania a partir do conhecimento que têm da escola da vida. Essas pessoas têm, em seu grupo social, a possibilidade de adquirir informações, conhecimentos, sabedoria e de se tornarem aquilo que Antônio Gramsci (1979) qualifica como sendo intelectuais orgânicos de sua classe.

Nessa seara, a assessoria dos agentes pastorais acontece face a um processo de conscientização e dialógico que ocorre com a “ida ao povo”. Nessas movimentações, várias temáticas são trabalhadas: assuntos gerais como direitos humanos, economia, justiça, fraternidade, também assuntos particulares, como a falta de saneamento básico, abastecimento de água, transporte, moradia, acesso à saúde, dentre outras demandas para garantir a manutenção da vida. Para ratificar, nesse processo, utiliza-se o método ver-julgar-agir, explicando melhor, ver os problemas e dificuldades enfrentados pela comunidade; julgar a luz dos ensinamentos do Evangelho e agir recorrendo a ações concretas para superar os impasses vividos na comunidade.

Essa ação libertadora das CEBs tem como raiz a Igreja Católica da América Latina, renovada no CV II, gerando frutos nas Conferências do CELAM, de modo particular, na Conferência de Medellín (1968), com sua “recepção criativa do CV II”, e Puebla (1979) – com a “evangelização libertadora” por meio das CEBs. Frei Betto (1986, p. 8) reitera que “a Igreja passou a ser próxima das classes populares e ser ‘a voz dos que não têm voz’”. No Brasil, não foi diferente, por exemplo, na década de 1960, mesmo com o regime militar, as CEBs fortaleceram-se pela ação popular e, principalmente, pela participação de religiosos como Dom Agnelo Rossi, Dom Eugenio Sales, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Helder Câmara, Dom Aloísio Lorscheider, Dom Cláudio Hummes, Dom Paulo Evaristo Arns, entre outros religiosos comprometidos com a movimentação popular.

Além desses religiosos, o engajamento de Frei Betto com as CEBs tem seu início após sua saída da prisão, que ocorreu no ano de 1973, no dia 04 de outubro, festa de São Francisco de Assis. Depois de sua saída, mesmo com os estigmas da prisão e com a oportunidade de exílio em outro país, por teimosia, por ter injetado utopia na veia dentro do sistema carcerário e pelo amor ao Brasil, resolveu ficar para continuar a ser resistência frente à ditadura e buscar uma redemocratização do país. Sua próxima morada passou a ser o Convento da Penha, em Vila Velha, Espírito Santo.

Após o período de estadia com os franciscanos, a pedido de Dom Luís Fernandes, que era o atualbispo das CEBs, Betto saiu do Convento da Penha e passou a contribuir na pastoral popular e na organização das CEBs, especificamente numa favela da cidade de Cariacica (ES). O envolvimento de Betto com o povo serviu como abastecimento do seu idealismo político, bem como o método Carlos Mesters, a Teologia de Libertação e, maiormente, o método de Paulo Freire, serviram como faísca para reavivar o seu engajamento popular.

Para Betto (2006, p. 48), as CEBs e a conscientização popular a partir de Paulo Freire possibilitaram “uma nova ótica da fé cristã nos subterrâneos da pobreza latino-americana”. Ora,

a surpresa dele para com a ascensão do movimento popular foi grande, pois, no período da prisão, chegou a postular que esse pensamento militante manifestado pela esquerda no país havia sido cessado pela censura ditatorial. Entretanto, ao sair da prisão, deparou-se com o fato de que, mesmo diante do regime ditatorial, ainda ecoava a voz do povo. Conforme relatado por Betto (2006, p. 50):

qual fenix, o movimento social renasceu do lento, silencioso e capilar trabalho das Comunidades Eclesiais de Base, dos sindicalistas que não abraçaram a luta armada, da esquerda que preferiu hibernar entre as classes populares. Renasceu do método Paulo Freire, a ensiná-lhe que ninguém é mais culto do que o outro, existem culturas paralelas socialmente complementares, e o erudito não sabe o que sabe a cozinheira, o mecânico semianalfabeto sabe o que não sabe o professor universitário, e essa conquista de autoestima, através da pedagogia do oprimido, deu força, alento, coragem e dignidade ao movimento social.

De fato, a dialogicidade entre a pedagogia de Freire com as CEBs propiciou uma a formação de agentes pastorais e permitiu uma tomada de consciência que refletia questões como: “Se Deus é Pai e somos todos irmãos, por que vivemos de modo tão diferente? Por que tamanha desigualdade?” (BETTO, 2006, p. 52). Eram essas e outras perguntas que faziam parte das pautas das CEBs, perguntas que eram respondidas iluminadas pela fé, através da leitura da Bíblia, que ajudava a descobrir que Deus não é a favor da injustiça e do sofrimento, ao contrário, Ele é amor, justiça e deseja a dignidade de todos.

Betto pôde contribuir em iniciativas da CEBs, entre os anos de 1974 a 1979, ao longo do seu contato com povo e mesmo sob o regime da ditadura, viajou pelo Brasil e consolidou novas CEBs, assim como realizou, por meio de uma linguagem popular, assessorias pastorais em dioceses, criou movimentos sociais, dentre outras ações que tinham como intuito conscientizar e mobilizar o povo a procurar seus direitos de cidadania e democracia. Além desse envolvimento, Betto (2013, p. 27) participou da “direção (colegiada) da Ação Católica Brasileira (1962-1964); chefe de reportagem da Folha da Tarde (1968); e assessor especial do presidente Lula (2003-2004) para a mobilização social do Programa Fome Zero”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Nesta pesquisa não nos deteremos especificamente na experiência popular de Frei Betto no governo do presidente Lula, mas recomendamos a leitura da obra: *A mosca azul: reflexão sobre o poder*, publicada em 2006, pela Editora Rocco, que trás informações acerca da participação de Betto nesse governo.

## CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO POPULAR NA LITERATURA DE FREI BETTO

Escritor prolífico, Frei Betto iniciou sua trajetória no mundo literário logo na infância. O irmão mais velho de Betto e seu pai foram seus intercessores no mundo das letras e da alfabetização. Isso se confirma nas palavras dos historiadores Américo Freire e Evanise Sydow (2016, p. 35): “O garoto via o irmão mais velho lendo e passou a venerá-lo por isso. Também queria ler e escrever para descobrir o mundo das letras, palavras, frases”. Seu pai contribuiu com sua estrada literária quando “fazia o percurso até a escola perguntando as sílabas ao filho e tirando-as do bolso esquerdo do paletó, uma a uma, pregadas em pedaços de cartolina. O menino olhava, pensava, soletrava e respondia, correndo atrás do pai”. Ainda, Betto fora abençoado pela Dona Stella, sua mãe, que lhe impulsionou a se alimentar de dicionários.

Para além educação familiar, o itinerário educativo e literário de Betto começou no Jardim de Infância Bueno Brandão, em Belo Horizonte, Minas Gerais, passando pelo Grupo Escolar Barão do Rio Branco e depois pelo ginásio no Colégio Marista Dom Silvério, onde recebeu a seguinte profecia do professor de português Irmão José Henriques Pereira: “Você só não será escritor se não quiser” (BETTO, 2017, p. 12). Este ato profético concretizou-se, com mais de 73 livros sobre diversas temáticas, que já lhe renderam diversos prêmios, dentre os quais, podemos destacar<sup>16</sup>: 64° Prêmio Jabuti (1982), com a obra *Batismo de Sangue*; Prêmio Juca Pato (1985), com a obra *Fidel e a Religião*; Prêmio de Melhor Obra Infante-Juvenil (1998); Prêmio da Câmara Brasileira do Livro (2005), com a obra *Típicos Tipos – perfis literários*; Prêmio ALBA de Las Letras (2009)<sup>17</sup>; Medalla Universidad Nacional (2016)<sup>18</sup>; Doutor Honoris Causa em Filosofia, concedido pela Universidade de Havana (2005); Doutor Honoris Causa – Universidade José Martí de Monterrey, México (2017)<sup>1819</sup>, e outras premiações.

Através da literatura de Frei Betto, identificamos uma educação de base detentora de narrativas que acontecem pela via da Educação Popular: seu envolvimento com as pastorais sociais, com as CEBs, com os debates, seu gosto pela política, pela “Teologia da Libertação

---

<sup>16</sup> Informações retiradas do próprio site de Frei Betto: <https://www.freibetto.org/index.php/perfil>. Acesso em: 04 set. 2022.

<sup>17</sup> De acordo com o site de Frei Betto, “a premiação é concedida pela Fundação Cultural da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA) a personalidades que consagram sua vida e obra à valorização do patrimônio cultural da América Latina e Caribe com criações originais de todosos gêneros literários”.

<sup>18</sup> Premiação concedida pelo Conselho Universitário da Universidad Nacional da Costa Rica, “em reconhecimento por seu legado que tanto tem influenciado a arte, a educação e outras formas de expressão e pensamento da humanidade, principalmente na América Latina, além de propagar uma cultura de paz e respeito à terra e à vida humana”.

<sup>19</sup> Título recebido em reconhecimento “por seu trabalho em prol da Educação na América Latina”.

cultivada nas rodas dos pobres” (BETTO, 2006, p. 48), os movimentos populares, a “re-existências”, a emancipação, o pensamento crítico, e a construção de uma sociedade justa, democrática, crítica e participativa são temáticas presentes em sua vasta obra. Sua literatura ocorre alicerçada em ações pedagógicas e humanizadoras que permitem resgatar “a esperança em tempos distópicos” e conferem a ressignificação do conceito de Educação Popular, isto é, mantêm viva, de forma crítica, o legado que muitos educadores e educadoras latino-americanos em outrora construíram.

## 2.1 O pensamento humanista de Betto

Ao longo da vida, Betto procurou nutrir-se espiritualmente e intelectualmente. Para fortalecer seu ofício de escritor, realizou retiros literários<sup>20</sup>, que viabilizaram ouvir a voz do silêncio e conectar-se consigo mesmo. Conforme o Frei, a arte de se retirar, ou, em outras palavras, de se distanciar, é a sabedoria de muitos escritores, por exemplo: Adélia Prado, Manoel de Barros, João Gilberto, dentre outros que utilizam essa técnica para produzir suas obras literárias.

Betto afirma que a escrita é uma forma de oração, de terapia, de libertação. Por intermédio dela também é possível alcançar a felicidade coletiva, o bem comum, a justiça social, visto que oportuniza despertar sonhos, projetos e utopias. A escrita ainda é obra de arte que permite denunciar a opressão e anunciar esteticamente a recriação da existência, a recriação do mundo, como ele mesmo confirma:

Procuo criar uma espécie de espelho no qual eles possam se ver, se reconhecer, e através do qual vejam a realidade por uma nova óptica. Isso inclui a visão mística que tenho do real, em cuja essência pressinto Deus. Enfim, escrevo para decifrar esse enigma e encontrar um sentido, uma harmonia, para a conflitiva e complexa história que nos envolve e exige (BETTO, 2017, p. 25).

Notamos, desse modo, que os escritos de Betto provocam-nos a repensar o sentido de nossa existência, o que, segundo ele, é o maior desafio da nossa atualidade. Nesse viés, mediante a literatura de Betto, nos é permitido desvelar a realidade e impulsionar uma mudança de pensamento para a construção de um novo modo de ser e estar no mundo. Betto (2017, p.

---

<sup>20</sup> De acordo com Betto (2017, p. 37), retiro literário seria: “distanciar-se do burburinho cotidiano, livrar-se por uns dias da hipnose televisiva e do magnetismo cibernético, deixar o celular desligado e conectar-se ao silêncio, ao íntimo de si mesmo, para escutar melhor a voz interior e, assim, dilatar a capacidade de criar”.

29), iluminado pelo poeta Mario Benedetti e pelo educador Paulo Freire, diz que “a literatura não muda o mundo, mas sim as pessoas. E as pessoas mudam o mundo”.

Sendo assim, frente aos escritos de Betto, podemos inferir que o homem moderno imprimiu novos paradigmas na civilização e isso ocorreu graças à glorificação da razão, e muitos disseram: “a razão haverá de resolver todos os dramas humanos! Acabará com a peste, as guerras, a fome. Criará um mundo de luzes, de progresso, de saciedade, de alegria!” (BETTO, 2013, p. 75).

Todavia, o saldo dessa glorificação não é positivo. Obviamente que são inegáveis os avanços tecnológicos, científicos e sociais ocorridos na construção dessa civilização moderna. Porém, diante de tantas mudanças, a mais preocupante de todas foi o distanciamento do homem da sua humanidade. Como premissa indubitável, compartilhamos da reflexão do teólogo Urbano Zilles (2017, p. 369), o qual assevera que, na atualidade, o “maior problema do homem é ele próprio”. Essa afirmativa de Zilles (2017) nos coloca novamente na *Ágora*, porque trás uma preocupação que nos faz repensar acerca da seguinte questão: o que é homem?

Se olharmos para a tradição filosófica, entendemos que o ser humano carrega consigo um *ethos*. A palavra *ethos*, pensada filosoficamente, consoante Lima Vaz (2002, p. 13)<sup>21</sup>, pode ser compreendida a partir do mundo animal, isto é, *ethos* “denota a morada, covil ou abrigo dos animais”. Essa significação do mundo animal se estende para o mundo da *práxis* humana, ou seja, para o ser humano *ethos* seria a nosso modo de agir, nosso modo de ser nesse mundo que nos abriga.

Nesse prisma, a prática do *ethos* no mundo humano tem como finalidade a bondade do agir, em outros termos, em consonância com a tradição filosófica, as ações humanas têm como princípio natural que “o bem deve ser feito e o mal deve ser evitado”. Nos escritos de Betto, Boff e Cortella (2016, p. 14), esse princípio aparece quando ele, ao falar sobre a felicidade, cita Santo Tomás de Aquino e ressalta que “toda pessoa, em tudo o que faz, busca a própria felicidade. Mesmo ao praticar o mal. Ninguém age contra o próprio bem. (...) Possuímos, portanto, a *libido felicitatis* ou a pulsão de ser felizes”. De acordo com Lima Vaz (2002, p. 13), destruir esse *ethos* “significaria o fim de todo sentido para a vida propriamente humana”.

Haja vista a reflexão de Vaz (2002), percebemos, nos escritos de Betto, uma elucubração

---

<sup>21</sup> Na obra *Essa Escola Chamada Vida – Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*, de autoria de Paulo Freire e Betto (1985, p. 26), este, em um momento da entrevista, diz que ele e Freire foram discípulos de Vaz, pois receberam influência do pensamento seu filosófico. E ainda acrescenta: “O Padre Henrique Vaz é um jesuíta e, sem dúvida nenhuma, um dos maiores filósofos que este País tem hoje, pois ele marcou a história da filosofia brasileira. Criou um pensamento filosófico, evidentemente de inspiração cristã e profundamente hegeliano, massituado na realidade brasileira”.

referente a uma sociedade caracterizada pelo cansaço, pelo espetáculo, pelo empenho, pela competição, pelo controle, pela frieza, pela técnica, pela indiferença, pela razão meramente normativa e instrumental. Há ainda uma perda de sentido, de rumo, marcada, principalmente, pela procura incessante de dominação do indivíduo e também do mundo que leva à destruição, miséria, desigualdade, guerras, degradação do meio ambiente, enfim, um distanciamento do *ethos*.

Dado o cenário apresentado, há o seguinte questionamento: Estaria o homem se distanciando do seu princípio natural? Essa questão nos remete à EP com raiz filosófica, pedagógica e teológica identificada nos escritos de Frei Betto, que nos faz refletir sobre os novos paradigmas do mundo em que vivemos e nos impulsiona a resgatar novamente o pensamento humanístico, que consiste em atingir o bem maior: a felicidade de todos.

Ora, essa ponderação de Betto tem como alicerce o chão da vida. Chão esse que acolhe e cultiva a cultura dos pobres, marginalizados e, nesse solo de gente, por meio das ações libertadoras, consolida um pensamento humanista que defende a vida. Nessa direção, a contribuição da EP de Frei Betto para o pensamento latino-americano tem como preocupação o resgate do *ethos* humano, isto é, do pensamento humanista que foi se deteriorizando com a modernização da sociedade.

## **2.2 Educação Popular Filosófica**

A EP Filosófica dialoga com o pensamento sociológico, dado que apresenta bases do pensamento marxista que nos direcionam para uma reflexão sobre ideologia e uma ideia capitalista de felicidade. Na obra *O que é ideologia*, Marilena Chauí (2008, p. 7) garante que a ideologia é um “ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”. Betto (2018, p. 103) complementa que a ideologia é um “conjunto de ideias que fundamentam nossos valores e motivam nossas atitudes. Essas ideias não caem do céu. Derivam do contexto social e histórico no qual se vive. Esse contexto é forjado por tradições, valores familiares, princípios religiosos, meios de comunicação e cultura vigente”. Ou seja, popularmente falando, a ideologia seria nossa visão do mundo. E, como expressa Betto (2018, p. 103): “Não há ninguém sem ideologia”!

Ao longo da história, muitas ideologias foram consolidadas na sociedade. Entendemos história a partir de Chauí (2008, p. 23), que a define como “o modo como homens determinados em condições determinadas criam os meios e as formas de sua existência social, reproduzem

ou transformam essa existência social que é econômica, política e cultural”. Essa acepção de história é reconhecida na obra de Betto (2019) intitulada *O Marxismo ainda é útil?*, publicada no ano de 1985, após o período da ditadura militar e face ao panorama de redemocratização do Brasil, com o seguinte título “OSPB – Introdução à Política Brasileira” (Organização Social Política Brasileira). Dessa obra foram vendidos 800 mil exemplares, que serviram como suporte de estudos para pensar a política, a moral e a cidadania nas escolas, faculdades e cursos de EP. Em 1991, no governo Collor, a OSPB foi banida do currículo escolar, caindo em ostracismo, por abordar uma visão marxista e progressista da sociedade.

Em 2019, com o governo Bolsonaro e o seu obscurantismo, Betto atualizou a noção de Política Brasileira, desde a filosofia marxista, tendo dois principais objetivos: o primeiro, para pensarmos o bolsonarismo no Brasil, é necessário entendermos a atual utilidade do marxismo; o segundo, complementando o primeiro, busca “despertar a visão crítica da sociedade capitalista e o protagonismo político progressista, contribuindo assim para formar militantes viciados em utopia libertária” (BETTO, 2019a, p. 14).

Para atingir esses objetivos, Betto (2019a, p. 16) é categórico em dizer que não podemos interpretar o marxismo a partir de uma ideologia ateuista, ao revés, devemos “voltar a Marx para saber o que é marxismo”. Betto (2019a) reitera que, assim como o cristianismo, o marxismo, busca estabelecer uma crítica ao capitalismo, a solidariedade, a cooperação, o respeito para com os povos. E, ainda mais, o marxismo, “ao analisar as contradições e insuficiências do capitalismo, nos abre uma porta de esperança a uma que os católicos, na celebração eucarística, caracterizam como o mundo em que haverão de partilhar os bens da Terra e os frutos do trabalho humano” (BETTO, 2019a, p. 19).

Pois bem, nessa obra atualizada de Betto, o cenário ilustrativo descreve uma escola pública onde ocorre um diálogo entre o docente Carlos e seus discentes, que buscam refletir a respeito do desenvolvimento político, social, cultural e econômico desenvolvido ao longo dos anos. Os próprios discentes Joca, Luciana, Uala e Tamiko, presentes nesse diálogo, são frutos desse desenvolvimento, pois são de classes sociais diferentes e se diferem também no caráter multiracial. Ao longo dessa obra, destacam-se diferentes ideologias, que Betto (2019a, p. 32) apresenta através dos modos de produção de bens e mercadorias que movimentaram a humanidade e quais foram os impasses sociais trazidos por esses a eles. Dentre os processos, salienta-se: “o Primitivo, o Escravista, o Asiático, o Feudal, o Capitalista e o Socialista” (BETTO, 2019a, p. 32).

No modo de produção primitivo, Betto (2019a, p. 33) enfatiza a descoberta da pecuária e da agricultura, explicando que “extraíam da natureza os bens necessários à vida” e as causas

da desigualdade desse processo advêm da propriedade privada e das divisões de classes sociais. No processo escravista, Betto (2019a, p. 40) evidencia ainda mais essa divisão de classes, ao trazer como exemplo dessa divisão a relação do senhor (minoria) que era “donos da força de trabalho (os escravos), dos meios de produção (terras, gado, minas) e dos instrumentos de trabalho (ferramentas, enxadas, carroças) e do produto do trabalho” e dos escravos (maiorias) que “não eram donos de nada, nem do próprio corpo”.

No modo de produção asiático, Betto (2019a, p. 47) apresenta como exemplo o Egito antigo, caracterizado como um Estado controlado pelo deus-faraó, quer dizer, um poder teocrático, ideológico, sacralizado, havia uma “ideia plantada na cabeça do povo de que o faraó era deus (e) se ele era deus, então tudo era dele, a terra e o povo”. Já no modo de produção feudal realça a relação dos senhores feudais e os seus servos. Os senhores possuíam o poder econômico (donos das terras), o poder político (elaboravam leis) e o poder ideológico (centrado na religião Católica), enquanto os servos eram explorados pelos senhores, posto que trabalhavam nas terras, nos castelos, nas plantações, em troca de proteção e alimentação.

Com o avanço social resultante das navegações, das descobertas científicas, por exemplo: a bússola, a pólvora, a imprensa, e, particularmente, a Revolução Industrial, surgiram relações de mercado que possibilitaram a venda de produtos. Conforme Betto (2019a, p. 62), nessa fase da história da humanidade, identifica-se o modo de produção capitalista, havendo vendas de “bens materiais (arroz, mandioca, carros, motos, casas, etc); (...) e vendas de bens simbólicos (arte, religião, política etc.)”. Notamos um sistema regido pelo dinheiro (capital) e pela relação que acontece entre os donos dos meios de produção – conhecidos como burguesia – com os assalariados que oferecem sua força de trabalho, uma vez que, como não tem nenhum bem para ser vendido, como maneira para garantir a sobrevivência, oferecem sua força de trabalho – conhecidos como a classe operária.

Ao contrário dessa forma capitalista, o modo de produção socialista busca primeiro os interesses sociais. Segundo Betto (2019a, p. 75-76), no socialismo “a organização social procura atender às necessidades básicas da população, como educação, saúde, emprego, moradia etc”. Contudo, nesse modo de produção surgem novos problemas, alguns são: “burocracia do Estado, necessidade de prêmios para estimular o trabalho, gastos excessivos de certo países com a corrida armamentista, preconceitos em relação à religião e à homossexualidade, corrupção etc” (BETTO, 2019a, p. 77).

Diante dessas maneiras de produções supracitadas, conseguimos exemplificar a concepção de ideologia retratada por Chauí (2008) e Betto (2018) e entender como a ideologia está enraizada na estrutura social de forma política, moral, estética, religiosa e outros conjuntos

de ideias que vão sendo plantados ao longo da história. Ora, sabendo que nossa sociedade é marcada por ideologias, poderíamos pensar: Qual a ideologia predominante em nossa sociedade atual?

Para respondermos a essa questão, cabe determo-nos um pouco mais acerca do modo de produção capitalista, acrescido de outro termo, que é o neoliberalismo. Para os pensadores franceses Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 7), o “neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, transformando profundamente as sociedades”. Em outras palavras, a nova razão do mundo é o (capitalismo) neoliberal que “não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica”, mas também “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7). Em consonância com os franceses, Betto (2018, p. 18) declara que a ideologia neoliberal impera na sociedade e, principalmente, nos cristãos, e “impede de perceber que o capitalismo (neoliberal) é intrinsecamente perverso”.

Nesse âmbito, a lógica do sistema capitalista neoliberal, o investimento que acontece, visa somente à lucratividade e não ao bem-estar da população. Para alcançar esse objetivo, esse sistema, certifica Betto (2019a), tem o controle de três esferas da sociedade, a saber: a política, a jurídica e a ideológica. Ora, a mais poderosa das três é a ideológica. Betto (2019a, p. 67) diz que a ideologia do capitalismo neoliberal,

planta na cabeça das pessoas que a desigualdade social é um fenômeno natural e irreversível. Torna o pobre conformado com a sua situação e tira da consciência do rico qualquer preocupação com a realidade da população carente. Enfim, a ideologia nos ensina a pensar de acordo com os interesses dominantes e aceitar a pirâmide assim como ela é. Para ideologia dominante, pensar diferente é sinal de subversão...

Essa nocividade do capitalismo neoliberal, na maioria das vezes, não é constatada, posto que estamos tão imersos nesse sistema que nos falta consciência crítica para compreendermos e subvertermos a submissão em que encontramos. E, ainda, essa falta de criticidade, é a pedra no meio do caminho que contribui para a difusão da crença criada pelo capitalismo neoliberal, fazendo com que a concepção de progresso que se deve ter é que “os ricos precisam cada vez ficar mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”. Podemos até caracterizar esse sintoma com uma síndrome de Gabriela – “eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim, vou ser sempre assim”. De fato, isso acontece! Distinguímos isso em Freire, na obra *À sombra desta mangueira*, no capítulo “Minha fé e esperança”, onde descreve o seguinte relato:

Dois ou três dias após àquele almoço, visitei, ainda em San Francisco, uma casa católica em que gente pobre e relegada recebia ajuda várias. Uma mulher branca, visivelmente aflita, com dificuldade de articular sua fala, me olhou diminuída, vacilante. “Você é norte-americana, não é?”, perguntei. Olhos marejados, de brilho sofrido e descrente, me disse: “Não! Sou pobre”. Era a primeira vez para mim que a pobreza era nacionalidade. Sentindo-se culpada por sua pobreza, ou aceitando a culpa que o sistema lhe atribui por seu insucesso ela se punia dizendo-se não ser norteamericana, mas pobre. Em sua recriminação a si própria era como se pedisse perdão à norteamericanidade pelo fato de não ter sido exitosa em sua existência. (FREIRE, 2015, p. 102).

Para Freire (2015), nessa mulher, há uma ausência de cidadania e falta de autocrítica, no entanto, isso ocorre por conta da opressão sofrida, a ideologia dominante foi interiorizada nela, de modo que, em sua fala, “era como se já não fosse ela, mas a ideologia que falasse”. Nesse sentido, “o grande desafio do processo pedagógico é fazer com que a cabeça do oprimido não seja mais hotel de opressor” (FREIRE; BETTO, 1985, p. 39).

Além desse impasse, na sociedade neoliberal, segundo Dardot e Laval (2016), há o aumento das desigualdades sociais, exploração, enfraquecimento das ações coletivas, aumento da concorrência entre os indivíduos, desemprego, racismo, falta de solidariedade e cidadania, egoísmo social, arsenais nucleares, movimentos reacionários e neofascistas, dentre outras nocividades que afetam diretamente à vida e comunhão entre os indivíduos. Outrossim, Betto (2018, p. 17) destaca que, graças à globocolonização, o capitalismo neoliberal também reduziu “o ser humano a mero consumista submisso aos encantos da mercadoria”.

Perante aos sofrimentos causados por esse sistema neoliberal, esse último, faz com que a noção de felicidade seja propagada sob o paradigma do mercado. Para Betto, Boff e Cortella (2016, p. 17), o que acontece, atualmente, é “a mercantilização de todos os aspectos da vida de da natureza” e isso se dá, pois o capitalismo neoliberal dissemina a ideologia de que “fora do mercado não há salvação”, ou seja, o mercado “tenta nos convencer de que não somos felizes, a menos que sejam adquiridas as mercadorias anunciadas” (BETTO; BOFF; CORTELLA, 2016, p. 26). Todavia, a felicidade anunciada pelo mercado é marcada pelo sentimento de prazer e alegria, que são sentimentos momentâneos, caracterizados como sendo simulacros da felicidade e se tornam obrigatórios ao consumo. Por exemplo, acumular riquezas, ter fama, poder, comprar o carro do ano, celular da última geração, adquirir uma roupa de determinada marca, buscar a estética corporal perfeita, usar determinado perfume, viajar para a Europa, dentre outros bens finitos que são adquiridos através do hiperconsumo desenfreado.

De modo paradoxal, nessa noção de felicidade citada, está circunscrita a infelicidade, já que, se o indivíduo impõe sentido à sua existência em bens finitos, quando não os alcança, lhe trás uma insatisfação marcada pela ansiedade, depressão, criminalidade, falta de autoestima,

síndrome do pânico, angústia, medo de perder suas riquezas, dentre outras patologias, sejam elas físicas ou mentais. Esses sintomas identificados na sociedade neoliberal também foram conceituados por outros pensadores.

Dito de outra forma, esse diagnóstico de infelicidade é uma expansão do diagnóstico definido por outros pensadores, a exemplo: para o polonês Zygmunt Bauman, vivemos em uma sociedade líquida marcada pela ostentação, pela busca incessante de prazer, pela liquidez das relações humanas, pelo individualismo, pelo consumo irracional, pelo autoritarismo, violência, incertezas; já, consoante o francês Guy Debord e o peruano Mario Vargas Llosa, vivemos em uma sociedade/civilização do espetáculo, marcado pela predominância das imagens, pela publicidade que incentiva consumir cada vez mais, pela negação da vida real e pela posituação da vida virtual; ou vivemos em uma sociedade marcada pelo cansaço e empenho, como nos define o sul-coreano Byung-Chul Han, uma sociedade marcada pela cobrança excessiva, seja no trabalho, na família, na educação dos filhos, pela produtividade e competitividade, pela busca de sucesso, dentre outros sintomas que levam ao esgotamento do indivíduo.

Ora, a sociedade se encontra com esses diagnósticos, visto que, de acordo com Betto, Boff e Cortella (2016, p. 19), na “cultura neoliberal, a pessoa não tem valor em si”, ou melhor, há uma espécie de niilismo gerado pelo mercado hedonista que nega a vida, nega os valores, nega a subjetividade do sujeito e o faz se tornar consumista ao invés de ser um cidadão. Essa ideologia dominante do capitalismo neoliberal se alastra em todas as esferas da sociedade, estando presente na educação, na saúde, na natureza, nos direitos sociais, estamos imersos numa ideologia que faz com que reine uma “felicidade despótica” que, na análise de Gilles Lipovetsky (2010, p. 288), “os indivíduos já não se sentem infelizes, mas sofrem ainda mais com a culpabilidade de não se sentirem bem”.

Compartilhamos da opinião de Urbano Zilles (2017, p.369), de que “o maior problema do homem é o próprio homem”. Nesse linhame, dada a ideologia dominante que predomina na sociedade, Dardot e Laval (2016) informam que é necessário pensar outra razão do mundo, já Freire salienta que é preciso realizar uma desideologização da cultura dominante, mas como seria possível? Betto (2019b, p. 49), em conformidade com esses autores, assegura que é preciso descobrir a realidade para um novo projeto civilizatório, contudo, para isso, se faz necessário uma ética humanista e solidária, centrar-nos na subjetividade dos cidadãos, bem como é preciso “desprivatizar a felicidade”, exigindo uma mudança de consciência, que contribui para entender que a felicidade é um bem espiritual, um estado de espírito, um aflorar da consciência. Portanto, na visão de Betto (2019b, p. 49), para melhor compreensão da noção de felicidade, a estrutura social e política deve ser movida pela “ideologia dos oprimidos – uma ideologia

temida cultura dominante neoliberal”.

### 2.3 Educação Popular Pedagógica

Podemos, inicialmente, identificar a EP pedagógica na literatura infantil bettiana, dentre as quais destacam-se as seguintes obras: *O estranho dia de Zacarias* (2022), que possui uma questão norteadora que nos levar a pensar se o “Brasil foi descoberto ou invadido?”; outra narrativa infantil bettiana é intitulada *Uala, o amor* (2016), na qual versa sobre uma indígena que reflete acerca da questão ambiental, pois se depara com a contaminação de um rio; encontramos também o livro *Começo, meio e fim* (2014), no qual possibilita que a criança compreenda o ciclo da vida que se encerra com a morte; há também a obra *Maricota e o Mundo das Letras* (2009), que reflete sobre a importância da leitura, escrita e a possibilidade de comunicação com o mundo; outra obra tem como título *A Menina e o Elefante* (2008), um texto que fala referente ao respeito pelas diferenças; a *O vencedor* (2007) é um romance em que Betto narra a experiência paterna que viveu ao cuidar do seu irmão com dependência química.

Além dessas obras, Betto e sua mãe escreveram dois livros que permeiam a educação nutricional na infância. O primeiro faculta uma imersão na diversidade cultural da culinária brasileira e tem como título *A Saborosa viagem pelo Brasil – Limonada e sua turma em histórias e receitas a bordo do fogãozinho* (2004). O segundo tem como título *Fogãozinho – Culinária Infantil em histórias para crianças aprenderem a cozinhar se usar faca e fogo* (2019). Percebemos uma vereda pedagógica que se inicia logo na infância e permite uma “visão de mundo” que perpassa assuntos sociais e culturais. E o que representa essa “visão de mundo” presente na literatura de Betto? Recorremos a Freire, que nos explica:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (...) Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra (...) (FREIRE, 1989, p. 9).

Com efeito, essa “leitura do mundo” nos faz atentar para nossa experiência existencial, estamos imersos a diversas informações, crenças, costumes, hábitos que, na maioria das vezes, não damos conta de processar tantas informações. No caso da criança, dirá Frei Betto, em cada dia, ela vivencia uma curiosidade da infância, que é cercada por mistério, pelo universo onírico, pelo encantamento, pela atração e repulsão das realidades sensíveis que constitui a “arte de ser

criança”. Esse pensamento de Betto fora despertado pelo educador e cientista Glenn Doman, que buscou entender a seguinte pergunta: “em que fase da vida aprendemos as coisas mais importantes que sabemos?” Betto (2018, p. 28), ancorado em Doman, frisa que “90% de tudo que é importante para fazer de nós, seres humanos, aprendemos entre zero e seis anos” e é categórico em dizer que “a educação quase não investe nessa fase”.

Nesse rumo, considerando a relevância de ativar o potencial educativo na infância – fase que Doman caracteriza como “a idade do gênio” (BETTO, 2018, p. 28) – os escritos de Frei Betto emergem de um contexto de muitas perguntas, poucas respostas e oportunizam uma “tomada de consciência” de assuntos que despertam a curiosidade da infância e passam a ser compreendidos através da leitura da palavra. Betto (2018, p. 31) reforça isso ao dizer que “uma criança familiarizada desde cedo com livros terá, sem dúvida, linguagem mais enriquecida, mais facilidade de alfabetização e melhor desempenho escolar”.

Esse pedagogia de Betto tem suas raízes no projeto educacional popular que ele descreve na obra *Educação Crítica e Participativa*. Nela, faz uma atualização e retomada do diálogo que havia feito com Paulo Freire na obra *Essa Escolha Chamada Vida* (1985), vista no primeiro capítulo, e postula uma espécie de “projeto político-pedagógico” da escola dos seus sonhos, mas, para isso, requer a superação de novos desafios advindo das redes sociais e comunicações. Ademais, sobreleva que a educação não pode formar mão de obra qualificada, e sim pessoas felizes, não obstante, para esse fim, é necessário uma educação que invista no processo educativo na infância e que leve em conta o direito garantido pela Constituição Brasileira (Art. 205) de que o desenvolvimento da educação deve acontecer a partir da relação entre família, escola e sociedade.

Esse tríade da Constituição acerca da educação é analisada e levada a sério por Betto. Sobre a educação familiar, o autor pontua que os ensinamentos que os pais devem passar aos filhos têm como composição ideais que contribuem para a construção de uma identidade nacional, que promovem a justiça, que tenham consciência política, solidificando valores e virtudes, assimilando que, mesmo diante dos padrões de beleza impostos pela indústria estética, é preciso se vestir com a beleza da ética e da autoestima. Além disso, deve-se ensinar o respeito para com os indígenas e para com a “luta por terras”, afinal, há “tanta terra sem gente e tanta gente sem terra” e, ainda, entender que o Brasil é caracterizado pela laboriosidade de assalariados que, embora em condições precárias de trabalho e baixos salários, buscam com dignidade o pão de cada dia. Identificamos, portanto, ideais que propiciam criar raízes e produzir frutos de transformações sociais que possam ser colhidos nas gerações familiares futuras.

Ora, essa preocupação para com a educação familiar estende-se à educação religiosa. Betto reflete concernente à obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas, pois, para ele (BETTO, 2018, p. 60), essa disciplina não tem o intuito de “confessionalizar nenhuma escola, mas de abrir espaço para um dimensão inerente ao ser humano (...) que é a abertura ao transcendente”, e sustenta que se deve:

Dar o mínimo de cultura religiosa, pelo menos para que o jovem saiba quais os segmentos religiosos representados na população. Não se pode sair da escola sem saber o que é Bíblia, Alcorão, Torá; sem saber o que é candomblé, espiritismo, tradições religiosas correntes no Brasil, e o que significam, representam, propõem; quais são as suas liturgias e práticas. Trata-se de humanizar. E as religiões são tradições humanizadoras profundas (BETTO, 2018, p. 60).

Essa humanização pela dimensão religiosa carrega consigo ideias altruístas, vindo de referências de diversas denominações religiosas como: Jesus, Maria, São Francisco, Gandhi, Luther King, Nelson Mandela, Madre Tereza de Calcutá, Helder Camara, dentre outros que contribuíram ao longo dos anos para uma religião pautada na solidariedade, na justiça, na defesa da vida, na partilha etc.

Esses valores também são fundamentais para a escola sonhada por Betto. Segundo ele, além da educação familiar e dos ideais altruístas, a escola dos sonhos é aquela que permite ao discente viver uma pluralidade de saberes. Nesse sentido, no contexto escolar sonhado pelo Frei, é fundamental uma abertura holística que proporcione uma melhor compreensão da vida. Dessa maneira, demanda, nessa escola, a prática da alfabetização, a construção da cidadania, o acesso a leitura, a cultura através da arte, música, literatura. Há, nessa escola dos sonhos, grêmios estudantil que viabiliza a formação de lideranças e a abertura de horizontes para diversas temáticas que permeiam o mundo, por exemplo, estuda-se sobre política, economia, direitos humanos, ecologia, noções de higiene para evitar doenças endêmicas, dentre outros assuntos que contribuam para partilha do saber, que facultam integração com a cidade, que façam despertar para o voluntariado, para a ação solidária, para o diálogo, para comunhão. Nessa escola, os professores são bem remunerados, o ensino é gratuito e busca, por meio da análise crítica, fazer com que os docentes e discentes tenham a fome de humanidade e sede de cidadania e democracia.

Por outro lado, Betto levanta uma problemática tangente a esses valores sociais e espirituais que são ensinados para a criança, logo na infância. Na maioria das vezes, esses valores são corrompidos pela globocolonização, que resulta da cultura consumista

predominante na sociedade. Dirá Betto (2018, p. 31): “de certa forma, a TV ou a internet ‘rouba’ a capacidade onírica dela, como se sonhasse por ela”. Eis a ideologia narcista da infância!

Isso ocorre, pois, graças à era da imagem, marcada pela televisão, internet, celular, redes sociais, cresce o capitalismo e o mercado inclina o pensamento do indivíduo para o entretenimento e não para a cultura, para o consumo e não para a cidadania. Em outras palavras, “enquanto a família e a escola querem fazer da criança uma cidadã, a TV tende a domesticá-la como consumista” (BETTO, 2018, p. 31). Como consequência dessa formação midiática, os valores que são ensinados nas famílias e nas religiões são sobrepostos, conforme Betto (2018, p. 44), pelo jogo da imitação midiática realizado pela criança, afinal, “as crianças são seres miméticos por natureza”.

Nessa perspectiva, e diante da passividade da criança, Betto (2018), pontua que a indústria de entretenimento gera uma hipnose, contribuindo para o encurtamento da infância, isto é, uma privação do mistério da infância, um rompimento onírico da criança. Isso acontece, posto que, nas mídias eletrônicas, há um excesso de publicidade que colabora para o aumento da erotização precoce, problemas familiares, obsessão pela busca do corpo perfeito, obesidade, anorexia, concentra na felicidade imediata, no acúmulo de bens materiais, entre outras nocividades.

Face ao excesso de publicidade, os valores solidificados na infância se concentram no “aqui e agora”, e isso tem seu reflexo na adolescência e na fase adulta, quando se buscará preencher o vazio interior na busca por satisfação imediata, seja pela via acoolica, ou pelo uso de drogas, tudo isso acompanhado de sintomas como agressividade, medo, insegurança, violência.

Essa problemática demonstra que podemos depreender dos escritos de Betto (2018, p. 36) que perante os impactos causados pelas mídias eletrônicas “não se pode haver omissão dos adultos, principalmente no contexto familiar e religioso”. De fato, se há a omissão por parte dos adultos, a criança, haja vista sua vulnerabilidade, fica exposta a diversos conteúdos, e a televisão e demais meios eletrônicos são ferramentas que realizam uma disseminação da violência, por ensinar “outra escala de valores, o que é certo e errado, bom e ruim, bem e mal, justo e injusto, quem é bandido e quem é mocinho, qual é o jogo ético, aético ou antiético da vida social” (BETTO, 2018, p. 36).

Betto (2018, p. 43) é categórico em dizer que “um dos fatores de deformação infantil é a desagregação do núcleo familiar”. Daí a importância de ensinar às crianças os bens infinitos, tais como “a amorosidade, generosidade, solidariedade e espiritualidade”. Sem embargo, para que isso seja feito, carece-se que, na educação familiar, encontre-se um espaço para realizar o diálogo relacionado às situações-limites da vida: “dor, perda, ruptura afetiva, fracasso, morte;

(...) respeito aos mais pobres e a indignação frente à injustiça que causa pobreza; senso de responsabilidade social, de preservação ambiental, de protagonismo político” (BETTO, 2018, p. 44).

Todavia, Betto (2018, p. 79) coloca a seguinte questão: “como é possível, nesse contexto crescente de miséria, insegurança, instabilidade, ausência de pai ou mãe, garantir aos filhos e às filhas as bases de uma educação adequada?” Mesmo defronte a esse desafio familiar, o Frei ressalta a premência do trabalho de base, realizado pelas CEBs, em conjunto com os movimentos populares que buscam melhores condições de vida para aqueles que sofrem com as marginalizações sociais. E, inclusive, a Igreja ocupa papel crucial nessa conjuntura familiar que se encontra desestruturada, empenhando-se em campanhas, como a Campanha da Fraternidade, que ocorre todo ano, visando garantir os direitos dessas famílias, muitas vezes silenciadas.

Para além dessas ações, tratando-se do impasse midiático, Betto (2018) reforça que a escola tem um papel primordial nessa problemática, uma vez que o potencial dos indivíduos é despertado pela educação escolar (pouca valorizada no Brasil)<sup>22</sup> que recebe no decorrer da vida, quer dizer, a educação escolar contribui para a redução dos impactos causados pelos conteúdos midiáticos. Porém, conforme Betto (2018, p. 39), “ainda não foi compreendido o paradigma de que hoje estamos vivendo na era imagética – hoje, a imagem ocupa em nossos olhos mais espaço que o texto, graças à universalização da TV, da internet e do celular”, contrariamente, há uma competitividade entre escola, professores e meios eletrônicos, causando, dentro da sala, o distanciamento e desinteresse dos alunos perante os ensinamentos que são lecionados na sala de aula. Para Betto (2018, p. 39), encontramos o seguinte cenário atualmente:

Dentro da sala de aula ainda predominam a narrativa textual, a palavra escrita, a sequência demarcada por início, meio e fim, marcas da historicidade. Fora da escola, recebemos a avalanche de imagens, o vertiginoso coquetel que embaralha passado, presente e futuro, a narrativa implodida pelo recorte inconcluso dos cliques, a cultura definhada em diversão vazia e entrecortada em WhastApp e Twitter (...) Se hoje, os alunos são mais indisciplinados que outrora, é porque não podem – ainda – mudar o professor de canal...

Dado esse cenário, qual seria a saída? Sem dúvidas, assinala Betto (2018, p. 40), é necessário a emancipação midiática, “o melhor recurso é inverter a relação: ela passa a ser objeto e nós, sujeitos”. Ou seja, assumir, em sala de aula, uma disciplina pautada na consciência

---

<sup>22</sup> Segundo Betto (2018, p. 81), “somos uma nação marcada pela pobreza. Sem investimento em nossos recursos humanos, estaremos condenados à barbárie. Só o descaso político pode explicar o fato de ainda serem estranho à nossa rede escolar educadores como Piaget, Vygotsky, Wallon e Paulo Freire”.

crítica, na qual a televisão e a internet tornam-se um recurso didático fundamental para pensar a realidade. O que constatamos é que, através da educação do olhar, não nos é possível somente a análise de textos, como também nos é permitido realizar reflexões de programas, filmes, documentários, publicidades, é possível buscar a autonomia mediante o discernimento crítico perante ao bombardeio de informações que circulam nas mídias sociais. Em outros termos, “é papel da educação ‘desvelar’ (= tirar o véu) as notícias e informações que recebemos. E apontar a globocolonização que nos é imposta sob o manto virtual da globalização” (BETTO, 2018, p. 51).

Nesse exercício de desvelamento, nos é permitido pensar uma nova política educacional e uma nova sociedade, marcada por práticas pedagógicas que formem cidadãos, pessoas altruístas, que lutam pela democracia, que solidificam ações solidárias, que se preocupa com o protagonismo social, que luta pela defesa dos direitos humanos, pela humanização dos indivíduos, assume responsabilidade cívica, buscando interagir com o contexto que se vive, isto é, conecta-se com a realidade, por intermédio do diálogo face a face, da convivência social, enfim, uma relação que engloba professores, alunos, família, sociedade, para juntos conscientizarem-se sobre a estrutura social que se encontra e, a partir dessa conscientização, assumem o papel de sujeitos históricos, criam bases de uma civilização que sobrepõe a opressão pelo progresso da libertação.

#### **2.4 Educação Popular Teológica**

O pensamento popular de Frei Betto também nos apresenta uma *práxis* teológica marcada por um labor eclesialístico dominicano, por uma mística monástica e uma espiritualidade revestida de aura profética, apostólica e política. Como características da sua laborosidade teológica, encontramos em Betto um ser que é peregrino de Deus, católico, ecumênico, cidadão político popular, “discípulo de um prisioneiro político”, um discípulo de Emaús, que se formou em teologia academicamente e continua formando-se pela teologia da vida.

Dentre os escritos de Betto que manifestam um pensamento teológico, sobressaem algumas obras: *Jesus Militante – Evangelho e Projeto Político do Reino de Deus*; *A noite em que Jesus nasceu*; *Talita abre a porta dos Evangelhos*; *Um homem chamado Jesus*; *Um Deus muito humano*; *Espiritualidade Amor e Êxtase*; *Parábolas de Jesus – Ética e Valores Universais*; *Fome de Deus – Fé e espiritualidade no mundo atual*; *Fidel e a Religião – Conversas com Frei Betto*; *Fé e Afeto*; há ainda uma coleção intitulada “Fé e Libertação” que

apresenta uma pedagogia acerca do Catecismo Popular dividida em quatro volumes, a saber: 1º *A Proposta de Jesus*; o 2º *A Comunidade de Fé*; o 3º *Militantes do Reino*; e o 4º *Comunhão de Amor*. Além disso, Betto também tem duas obras, frutos de parcerias, uma com o título *Mística e Espiritualidade*, escrita com Leonardo Boff, e outra com o título *O Budista e o Cristão: Diálogos Pertinentes*, escrita com Heródoto Barbeiro.

Consoante Frei Betto, nós, seres humanos, temos o desafio de imprimir sentido à existência. Poderíamos nos perguntar qual sabor pode ser dado à vida? A resposta para essa pergunta, Betto descobriu com os místicos que buscam mergulhar numa experiência espiritual, e encontram a felicidade (Deus) a partir de um estado de espírito que é revelado quando fixamos o olhar para dentro de nós, visto que “Deus se faz morada em nosso coração”(BETTO, 2013, p. 28). Esse exercício espiritual revela-nos uma essência socrática – “conhece-te a ti mesmo”. Em primeira instância, compreende-se a geografia do próprio coração, tendo compaixão e solidariedade para consigo mesmo (cuidado de si) e, partindo disso, impulsiona-nos a sermos altruístas e solidários para com a natureza e com os indivíduos da sociedade (cuidado do outro). Nos dizeres de Santo Agostinho, essa interiorização pode ser anunciada da seguinte maneira: “não vai para fora, volte para dentro; é no interior do homem que habita a verdade”. Todavia, o que acontece na cultura neoliberal é a busca para fora. De acordo com Betto (2013, p. 22), o mercado “tenta nos inculcar a ideia de que a felicidade resulta da soma dos prazeres”. Diante dessa mentalidade capitalista, Betto (2013) salienta que surgem cada vez mais shoppings centers e menos instituições produtoras de sentido, que objetivam construir uma sociedade alicerçada de ética e justiça social.

Por outro lado, dirá Betto (2013, p. 25), as fontes produtoras de sentido ainda não desapareceram, são elas: “espiritualidade, os movimentos sociais, a luta pela preservação ambiental, a defesa dos direitos humanos, a busca de outros mundos possíveis”. Tecendo sobre a primeira fonte, que é a espiritualidade, percebemos que, nos escritos do Frei, sua espiritualidade está imbuída de fé e idealismo da Ação Católica e, precipuamente, respira uma Igreja com cheiro de CV II. É notório depararmos-nos, em sua literatura, com palavras como: amor ao próximo, justiça aos oprimidos, perdão, acolhimento, solidariedade, compaixão, partilha, sobriedade, fraternidade, dentre outros valores do cristianismo.

Ademais, sua espiritualidade é alicerçada por diversos referências, tais como: Santo Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Santa Tereza D’Avila, São João da Cruz, São Francisco de Assis, Santo Inácio de Loyola, São Charles de Foucauld, Teilhard Chardin, Dom Helder Camara, Dom Paulo Evaristo Arns, dentre outros místicos e teólogos. Ora, a contar de seus estudos e experiência religiosa, Betto (2019b, p. 81) salienta que a espiritualidade “é a janela

de nossa vocação à transcendência” e, como diria Lima Vaz (1991), somos seres espirituais; ou como Betto (2019b, p. 82) afirma: “somos sacramentos vivos da presença de Cristo”. Nessa linha, Betto (2019b) sinaliza que o fato de ter uma vida espiritual nos oportuniza estabelecer uma comunhão com Deus e, por consequência, resgata a potencialidade de todo ser humano, que é a arte amar (Chiara Lubich). Nesse potencial está circunscrito a fé, mas uma fé que não se resume a uma doutrina, e sim que está relacionada ao modo de viver e agir. A carta de São Tiago (2, 26) é categórica em dizer que “a fé sem obras é morta”. Em outras palavras, Betto (2019b, p. 13) diz que “ter fé é, sobretudo, viver de acordo com os valores segundo os quais vivia Jesus”.

Essa vivência de fé é vista nos movimentos eclesiais e sociais, tais como as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, Pontifícias Obras Missionárias – POM, Pastoral da Juventude, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dentre outros movimentos que anseiam serem bons samaritanos, colocando em prática o seguinte ensinamento cristão: “que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). Todavia, na atualidade, a cultura do egoísmo ofusca as ações humanizadoras promovidas por esses movimentos e colabora para o crescimento vertiginoso da desumanização. O Papa Francisco (2020), na encíclica *Fratelli Tutti*, discorre que vivemos em um mundo fechado, que dificulta a promoção da fraternidade universal, pois, a cada dia, constroem-se muros com tijolos da cultura que descarta os pobres, deficientes, idosos, da cultura dos maus-tratos e violência contra mulheres, da cultura do confronto, da frieza, indiferença, impaciência, da cultura da fome, miséria, exclusão, preconceitos com migrantes, com denominações religiosas, entre outros tijolos que encontramos pelo caminho que fere a dignidade humana.

Frente a esses exemplos de Francisco, Betto (2014, p. 31) afirma que é necessário resgatar a solidariedade que é “tendência inata no ser humano” e resgatar a fraternidade que, para ele (BETTO, 2014, p. 81), significa “inclusão, reconhecimento, e até mesmo abrir mão de um direito para que o outro, mais necessitado, possa se livrar de uma dificuldade”. Essa teologia do outro, pontuada por Betto, ou conforme diz Levinas (1980), esse princípio de alteridade é a segunda fonte que dá sentido à vida.

A terceira fonte refere-se à preservação da natureza e, para compreendê-la, devemos desvelar a palavra comunhão. Betto (2014, p. 152) explica que na Eucaristia realizamos a comunhão “com Jesus, com os nossos semelhantes, com a natureza e com a Criação Divina”. Betto (2014), ao elucidar que comungamos com Jesus, faz-nos recordar da Última Ceia, em que Jesus nos ensina o valor da humildade, ao lavar os pés dos seus discípulos, bem como nos chama a atenção para a partilha, que acontece quando Jesus reparte o pão e o vinho com os seus

discípulos e, inclusive, ressalta o ato de fazer memória, quer dizer, fazer memória de Jesus, que, em consonância com Betto (2014, p. 155), “é reviver em nossas vidas o que ele viveu, assumindo os valores evangélicos, dispostos a dar o nosso sangue e a nossa carne para que outros tenham vida”.

Ao falar de comungar com os nossos semelhantes, Betto foca na problemática que atinge nossa atualidade: a fome. Isso nos faz lembrar da Campanha da Fraternidade (CF) 2023, promovida pela CNBB, que trouxe, pela terceira vez, o tema “Fraternidade e Fome” e o lema “Dai-lhes vós mesmos de comer”(Mt 14, 16), tendo como objetivo geral “sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentarem o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo” (CNBB, 2022, p. 9). Efetivamente, a fome é um problema que assola nossa humanidade e o diagnóstico que se tem é que a fome e a miséria resultam da negligência da ação humana, da desigualdade, da falta da partilha, e isso é um contratestemunho cristão que fere à dignidade integral das pessoas. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do CV II, pontua: “é preciso que se tornem acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana” (IGREJA CATÓLICA, 1987b, p. 196) e, hoje uma das carências mais urgentes é a de alimento. À vista disso, Betto (2014) frisa que nós, cristãos, temos de fazer com que o pão da vida chegue a todos, pois, tal como nos revela o profeta Dom Helder Camara, “se meu irmão tem fome, o problema é nosso”.

Nesse viés, centrando-se na comunhão com a natureza, para Betto (2014, p. 163), “não existe separação entre a natureza e os seres humanos” e isso nos faz recorrer novamente ao Papa Francisco (2015), na encíclica *Laudato Si*, em que sistematiza esse pensamento bettiano no seguinte axioma: “Tudo está interligado”. Por isso, o Papa convida a todos os cristãos e a todas as pessoas de boa vontade a escutar o “grito da terra e o grito dos pobres”, isto é, diante da banalização do meio ambiente – em que “gemem e sofrem as dores do parto” (Rm 8,22) –, da poluição, das mudanças climáticas, da degradação humana, da desigualdade planetária, dentre outros impasses ecológicos e sociais, o Papa nos propõe uma conversão ecológica e social a fim de escutarmos o clamor de que tudo está interligado e, em razão disso, necessitamos cultivar, em nosso meio, a ética do cuidado. Nas palavras de Betto (2014, p. 165), “todo esse mundo é morada divina. Devemos ter uma relação de complementação com a natureza e com o próximo, dos quais dependemos para viver e ser felizes. Isso se chama amor”.

Essa mesma atenção que acontece para o cuidado da natureza estende-se para os direitos humanos, a quarta fonte produtora de sentido. Ora, outro problema que temos hoje é justamente “a ameaça de extinção da espécie humana, devido à pobreza e à violência” (BETTO, 2014, p.

164). Por esse ponto de vista, Betto (2019b, p. 105-106) sistematiza uma versão popular da Declaração Universal dos Direitos Humanos como forma de superar a injustiça e a opressão que persiste na sociedade:

Todos nascemos livres e somos iguais em dignidade e direitos. Todos temos direitos à vida, à liberdade e à segurança pessoal e social. Todos temos direito de resguardar a casa, a família e a honra. Todos temos direito ao trabalho digno e bem remunerado. Todos temos direito ao descanso, ao lazer e às férias. Todos temos à saúde e assistência médica e hospitalar. Todos temos direito à instrução, à escola, à arte e à cultura. Todos temos direito ao amparo social na infância e na velhice. Todos temos direito à organização popular, sindical e política. Todos temos direito de eleger e ser eleito às funções de governo. Todos temos direito à informação verdadeira e correta. Todos temos direito de ir e vir, mudar de cidade, de Estado ou país. Todos temos direito de não sofrer nenhum tipo de discriminação. Todos somos iguais perante a lei. Ninguém pode ser arbitrariamente preso ou privado do direito de defesa. Toda pessoa é inocente até que a justiça, baseada na lei, prove o contrário. Todos temos liberdade de pensar, de nos manifestar, de nos reunir e de crer. Todos temos direito ao amor e aos frutos do amor. Todos temos o dever de respeitar e proteger os direitos da comunidade. Todos temos o dever de lutar pela conquista e ampliação destes direitos.

Desse maneira, essa proposta humanizadora de Betto direciona-nos para a quinta fonte produtora de sentido que nos interpela: “Outro mundo é possível”? Na concepção de Frei Betto (2014, p. 22), os indivíduos tornar-se-ão mais felizes caso empenhem-se para que os outros sejam felizes e “isto vale tanto na relação íntima quanto no compromisso social de lutar pelo ‘outro mundo possível’, sem desigualdades gritantes e onde todos possam viver com dignidade e paz”. Vale lembrarmos que essa estrutura humanizadora proposta por Betto perpassa pela Educação Popular Filosófica que nos faz reacender a consciência crítica, através da Educação Popular Pedagógica que nos leva a entender a importância da integralização da escola, família, sociedade e por meio da Educação Popular Teológica é possível pensarmos uma nova civilização.

Esse pensamento bettiano conduz-nos para a aurora da utopia que rompe a noite escura da sociedade neoliberal. Betto, desde seu período como militante na JEC, foi movido pela fé, pelo idealismo e era viciado em utopia. Como ele mesmo relata:

Sou da geração que, na década de 1960, injetava utopia na veia e se pautava por ideologias altruístas. Queríamos apenas mudar o mundo. Derrubar as ditaduras, a fome e a miséria, as desigualdade sociais, o imperialismo e o moralismo. Em nome do mundo sem opressão, que muitos de nós identificávamos com o socialismo, lutamos pela emancipação da mulher, contra o *apartheid* e em defesa dos povos indígenas. Sobretudo trouxemos ao centro da roda a questão ecológica (BETTO, 2013, p. 96).

Para ele, não se pode viver sem utopias, dado que são elas que nos movem, fazem-nos caminhar na construção do mundo que queremos, possibilitam-nos imprimir sentido à vida. Muitos são os exemplos de pessoas que cultivaram em sua vida utopias, como: São Francisco de Assis, que abdicou da riqueza, dos bens materiais para se dedicar aos pobres; Ernesto Che Guevara, foi médico voluntário na América Latina, buscou promover a igualdade social; Irmã Dorothy Stang, uma missionária que procurou defender os trabalhadores sem terra na região da Amazônia; Nelson Mandela, lutou por direitos civis, contra discriminação racial; Martin Luther King sonhava com a igualdade entre os homens, a fraternidade universal, com liberdade e justiça; esses e tantos outros que descobriram que o segredo da vida não é a competitividade, individualidade, comodismo, mas sim a dedicação para um projeto civilizatório que plante a coletividade por intermédio de sementes altruístas e solidárias.

Atualmente, ocorre a privatização da utopia, pois quem anuncia para onde devemos caminhar é o mercado, que corrompe crianças, adolescentes, famílias, escolas, sociedade e, de quebra, sob a hegemonia do capitalismo neoliberal, instaura um paradigma na sociedade, impedindo a construção de ideias históricas, de utopias libertárias e promovendo a incapacidade do indivíduo sonhar, uma vez que, nesse paradigma, há a anulação do sujeito e a instalação de um pensamento pessimista, impotente, que rebaixa a autoestima, fazendo que o sujeito passe a ser objeto e contribuindo para a desumanização dos indivíduos. Conforme Betto (2013, p. 108) disserta, “os valores da modernidade evaporam por força da mercantilização de tudo: sentimentos, ideias, produtos e sonhos”.

Diante desse cenário sem propostas libertárias, utópicas, sem esperanças e otimismo, poderíamos nos perguntar: como superar esse naufrágio universal e passar para a terceira margem do rio? O Papa Francisco, ciente da globalização da indiferença, da individualidade e do neoliberalismo convoca-nos a vivermos uma Sinodalidade, quer dizer, caminhar juntos, sendo artesões da paz, da escuta, da caridade, da esperança e da preservação da nossa casa comum. Essa proposta de Francisco ressoa na literatura de Betto (2013, p. 82) da seguinte forma: “sem que a luta de um se torne a de todos, dificilmente se alcançará o sonho de uma sociedade que favoreça a vida em plenitude”. Dito de outra forma, o que Betto (2013) quer dizer é que é preciso resgatar a espiritualidade humana e uma nova visão do mundo, já que uma pessoa que vive uma vida espiritualizada,

(...) deita raízes em sua subjetividade e cujas opções são movidas por ideias altruístas. Ela não faz do que possui – conta bancária, títulos, casa, carro etc.

– sua fonte de valores. Sabe que tem valor em si, que não é nutrida pela posse de bens e sim por sua capacidade de fazer o bem aos outros. Sua autoestima se funda em sua generosidade, solidariedade e compaixão. Ela é feliz porque sabe fazer outras pessoas felizes (BETTO, 2013, p. 114).

Nesse âmbito, há de se pensar outro projeto civilizatório, pautado no amor e na solidariedade, um projeto que se contraponha à falta da alteridade, aos desequilíbrios ambientais, à superação da desigualdade social, um projeto alimentado de utopia e esperança, para que mesmo frente às dores e sofrimentos que afetam a humanidade, não se pare de caminhar e imprimir sentido à vida, buscando a felicidade de todos. Contudo, vale sublinharmos que esse projeto só é possível a partir da intervenção humana, que precisa se encontrar consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o transcendente.

### CAPÍTULO 3 – A EDUCAÇÃO POPULAR NO ARQUIVO DOS DOMINICANOS<sup>23</sup>

O propósito desta seção é apresentar o Arquivo dos Dominicanos e verificar a materialidade documental acerca da Educação Popular relacionada à vida de Frei Betto. Consideramos importante destacar que cada documento existente no Arquivo é fruto de uma vida marcada por lutas, militâncias, esperanças e utopias. Compartilhamos do conceito documento/monumento presente na obra *História e Memória*, de Jacques Le Goff (1990), na qual o autor salienta que o documento “não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p. 470). Dessa forma, a materialidade documental evidente no Arquivo requer uma análise dos documentos “enquanto monumento [que] permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (LE GOFF, 1990, p. 470).

#### 3.1 A importância dos Arquivos para realização de pesquisa

Falar de EP também é falar de memória que, de acordo com Pierre Nora (1993, p. 9), “[...] é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. Assim sendo, para manter viva a memória de um povo, demanda-se uma participação comunitária, consolidada através de agentes de cultura, isto é, nós – seres humanos – temos a missão de salvaguardar costumes, crenças, enfim, nossa marca humana deixada na história.

Todavia, ocorre, no mundo atual, segundo o Papa Francisco, uma agressão contra a humanidade por meio da “cultura do descarte”<sup>24</sup>. Em outros termos, descarte dos idosos, que são fontes de memória; descarte dos pobres, que possuem riqueza popular; descarte das crianças, que são esperança para salvaguarda a humanidade. Para Francisco, o ato de fazer memória serve “para encontrar forças e poder caminhar para frente”<sup>25</sup>, porém, com essa “cultura do descarte”, sucede-se a perda coletiva da memória.

Essas reflexões de Francisco (2020) estão expressas na obra *Memória da amnésia: políticas do esquecimento* (2019), de autoria da professora Giselle Beiguelman, que enfatiza que há uma problemática nessa classe memorial. A obra, ao falar sobre museus, arquivos,

<sup>23</sup> Ao final da dissertação há alguns anexos referentes aos documentos elucidados neste capítulo.

<sup>24</sup> Conforme <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-entrevista-revista-il-mio-papa-espanhol-pandemia.html>. Acesso em: 26 ago. 2022.

<sup>25</sup> Trechos homilia do Papa Francisco, conforme <https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-06/papa-francisco-missa-santa-marta-memoria.html>. Acesso em: 26 ago. 2022.

monumentos, ressalta que vivenciamos uma espécie de memoricídio, um apagamento da memória, que nos impede de continuar a caminhar. Observamos isso na civilização do espetáculo, quando assistimos nos noticiários casos como incêndio no Memorial da América Latina (2013), no Museu da Língua Portuguesa (2015), Museu Nacional (2018), Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2020), dentre outros incêndios ocorridos que culminaram na destruição da memória.

Frente a tais acontecimentos, que nos revelam a “memória por um fio”<sup>26</sup>, Rosa Paulino (2018) relembra que “o ato de fazer memória é um ato persistente”. Nesse sentido, o desafio urgente e atual consiste em ressignificar museus, arquivos, memoriais, posto que, consoante analisado pelo pesquisador Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1993, p. 211), “os museus [e arquivos] dispõem de um referencial sensorial importantíssimo, constituindo, por isso mesmo, terreno fértil para as manipulações das identidades”.

Essa ressignificação dos Arquivos dá-se no meio eclesiástico, tal qual pontuado pela Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja (1997, p. 5):

Os arquivos são lugares da memória das comunidades cristãs e fatores de cultura para a nova evangelização. São, pois, um bem cultural importante destinado à salvaguarda dos seus documentos que possuem um caráter valioso em que torna possível todo o seu entendimento e compreensão do seu processo evolutivo no discurso da sua história milenária, cuja finalidade destina-se em resgatar o caminho percorrido pela Igreja durante seus milênios de anos em que foi escrita e articulada a história da comunidade eclesial.

Dada a relevância dos arquivos eclesiásticos, consolidamos, ao longo da pesquisa, uma imersão no Arquivo da Província Frei Bartolomeu de Las Casas – Dominicanos (Brasil), na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais, em que buscamos atentar-nos para documentos atinentes a Frei Betto e que versam acerca da Educação Popular.

### **3.2 O Arquivo dos Dominicanos**

Dentre as possíveis definições de Arquivos, destacamos o Art. 2º da Lei nº 8.159, referente à Política Nacional de Arquivos Públicos e Privados, sendo: “(...) os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa

---

<sup>26</sup> Referência à exposição de autoria de Rosana Paulino intitulada: A Costura da Memória (2018). Conforme <https://pinacoteca.org.br/product/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/>. Acesso em: 04 set. 2022.

física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos” (BRASIL, 1991).

Nessa linha, considerando essa definição, o Arquivo da Província Frei Bartolomeu de Las Casas – Dominicanos (Brasil) alude a uma instituição privada, de cunho eclesiástico e está localizado na capital mineira, na rua Pedro Batista Martins, 86, bairro Aarão Reis. Em conformidade com Frei Mário Taurino, desde a vinda dos Dominicanos no Brasil, o Arquivo vem recebendo documentos, ou seja, fruto de uma “memória coletiva” na qual cada Dominicano assume a consciência de que sua história é relevante para a Congregação e, por isso, todos os frades contribuem para a manutenção do Arquivo.

O Arquivo Dominicano tinha como responsáveis, no momento da pesquisa, o Arquivista da Província, Frei Helton, que contava com a colaboração do auxiliar do Arquivo, Jackson Augusto de Souza. O horário de funcionamento para consulta é de segunda-feira a sexta-feira, de 8h30min às 11h30min, e de 14h30min às 17h, com agendamento prévio.

A descoberta desse Arquivo aconteceu em razão de uma investigação bibliográfica no Google Acadêmico, ao se identificar a tese intitulada *Mundo do texto e do leitor na obra ficcional de Frei Betto*, de André Jorge Catalan Casagrande, defendida em 2019, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Nos agradecimentos dessa tese, Casagrande (2019) faz uma menção ao Convento dos Freis Dominicanos de Belo Horizonte pela recepção e disponibilidade do acervo sobre a vida e obra de Frei Betto. Nesse ínterim, tendo a veia da história da educação pulsando em mim e por ter trabalhos publicados com temáticas de acervos e memórias, despertou-me uma “curiosidade epistêmica” que gerou as seguintes questões, a saber: o que é este acervo Dominicano? Qual o seu objetivo? Qual o documento mais antigo que há no acervo e do que ele se trata? Há no acervo documentos relacionados à educação no período da década de 1960? Quais documentos referem-se a Frei Betto? Há registros da história de Frei Betto na Congregação? Quais documentos há no acervo e que foram escritos por Frei Betto? Quais documentos há no acervo que versam sobre Frei Betto? Quem escreveu? Há documentos no acervo concernentes à Educação Popular? Há documentos acerca da participação de Frei Betto nos Movimentos Estudantis? Há documentos sobre Educação escritos por Frei Betto? Essas são algumas rumações que surgiram na pesquisa. Nesse prisma, para tentar responder algumas lacunas na pesquisa, foi feito o contato com o Arquivo.

Os procedimentos metodológicos para imersão do arquivo foram consolidados da seguinte forma: necessitamos, primeiramente, entrar em contato via e-mail com o Arquivo, justificando o motivo da visita para produção de pesquisa acadêmica. Prontamente a solicitação foi aceita, informando-nos apenas algumas regras básicas para a realização da visita, quais

sejam: devido à pandemia, foram solicitados cuidados como distanciamento e álcool nas mãos; e lembraram-nos que o Arquivo não realizaria cópias (xerox) dos documentos; alguns documentos poderiam ser fotografados, sem flash, no entanto, somente com autorização; os documentos deveriam ser manuseados com luvas e máscara; as consultas deveriam ser feitas apenas nas dependências do arquivo, sob supervisão do arquivista ou auxiliar; publicações feitas devem constar nas referências ao Arquivo Dominicano; o pesquisador precisaria assinar o Termo de Compromisso se comprometendo a entregar uma cópia de seu trabalho ao Arquivo.

Acerca deste último ponto, constatamos algumas pesquisas que utilizaram a documentação do Arquivo, a saber: a dissertação na área de História, com o título *Entre Missões, Desobrigas, Construções e Projeto Educativos: a Ordem dos Pregadores nos sertões do antigo norte de Goiás*, defendida pelo pesquisador César Evangelista Fernandes Bressanin, em 2015, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás; a tese de doutorado na área de Ciências Humanas e Sociais, intitulada *Les Dominicains de Toulouse au Brésil (1881-1952) – De La mission à l’apostolat Intellectuel*<sup>27</sup>, defendida em 2014, pela pesquisadora francesa Claire Pic; além da tese na área de Letras, defendida na Universidade Presbiteriana Mackenzie, por André Jorge Catalan Casagrande (2019), já pontuada anteriormente, pois foi a porta de entrada para o descobrimento do Arquivo.

No decorrer da pesquisa, realizamos duas visitas, em dois momentos: entre os dias 19 e 20 de abril e entre os dias 11 e 13 de julho de 2022. As visitas aconteceram sob a supervisão do auxiliar do Arquivo, que acompanhava até o ambiente em que estavam armazenadas a documentação, um cômodo sem muita ventilação, com superlotação de documentos (a maioria de Frei Betto), que estavam à espera da apreciação do pesquisador. Ao chegar nesse local de armazenamento, verificamos a organização dos arquivos em caixas, com diversos documentos em papéis, separados por códigos que continham letras e números, um sumário feito à mão, com indicação dos assuntos e dos conteúdos documentais que havia na caixa. Segundo o auxiliar do Arquivo, ainda não há um projeto de digitalização dos documentos.

Nessa seara, considerando essa política de organização do Arquivo dos Dominicanos, foi necessário colocar em prática a educação do olhar, observar a documentação a respeito de Frei Betto e averiguar sob qual caixa nos debrussarmos primeiro para analisarmos os documentos. De acordo com o relato do auxiliar do Arquivo, a documentação de Frei Betto é a mais extensa, e cada semana chegavam mais documentos. Como o Arquivo conta com somente um funcionário, a catologação e armazenamento dessa documentação acaba não acontecendo,

---

<sup>27</sup> Tradução: “Os dominicanos de Toulouse no Brasil (1881-1952): da missão ao apostolado intelectual”.

os documentos que vão chegando, são empilhados em um local a parte até que chegue o momento de catalogação. O auxiliar relatou que Frei Betto sofre de uma “Síndrome Compulsiva da Escrita” e que deveriam interditá-lo para que não realizasse mais produções literárias.

Ao fazer a imersão no Arquivo, atentando à documentação de Frei Betto – conhecido em meio aos documentos como Bettinho, militante da utopia – percebemos que havia inúmeros arquivos de sua vida, obra, cartas, artigos divididos em diversos temas. Dentre os documentos de correspondências nacionais recebidas por Betto, podemos destacar mensagens contendo: homenagens, medalhas, prêmios, por exemplo, a medalha Chico Mendes de Resistência, em 1999; correspondências de igrejas, paróquias, dioceses, arquidioceses, instituições de ensino, Movimento dos Sem Terra, movimento populares diversos, organizações não governamentais, projetos, voluntariado, convites para participação de congressos, associações, bispos, religiosos, Dominicanos de outras províncias, Conferência dos Religiosos do Brasil, discursos, convites de eventos em Cuba, convite de universidades, entrevistas em jornais, discursos para formandos, declarações, correspondências diversas da Bienal, feira de livros, mostra de cinema, feiras, retiros, documentos sobre o Programa Fome Zero.

Nessa documentação, também divisamos correspondências tangentes ao período da prisão; artigos sobre tortura, ditadura, presos políticos; artigos de jornais nacionais colecionados e colados em revista no período da prisão (1972-1973); documentos judiciais, auto de apreensão (1969); termo de declaração (1969) e termo de reinquirição (1969); indenização por danos morais (1997); exame clínico (09/12/1970) e receitas médicas (1971); greve de fome (1972); jornais nacionais (1968 a 2007); revistas nacionais (1969, 1979, 2007); mandado de intimação, processos, memorial de defesa, absolvição, prisão de Frei Betto na mídia (1969 a 1973), prisão dos Dominicanos (1969 a 1972), liberdade dos Dominicanos (1972 a 1975); cartões recebidos por Frei Betto na prisão, bilhetes, textos, poesias, anotações diversas dos presos na prisão (1969 a 1973); testemunho dos pais de Frei Betto sobre o período da prisão (1969 1971), cartas dos pais de Frei Betto a ele na prisão; bilhetes de Frei Fernando (1969 a 1973).

Desse modo, tendo em vista a temática abordada nesta pesquisa de Mestrado, foi necessário ter em mente que o diagnóstico a ser realizado deveria se concentrar em caixas que traziam palavras ligadas à Educação Popular, a Movimentos Populares, à Instituição de Ensino, a Correspondências com referenciais que fazem parte do Pensamento Latino-Americano. Após essa observação, limitamos a pesquisa a duas caixas: a primeira, uma caixa com nº C3C, contendo correspondências nacionais recebidas referentes aos anos 1986, 1988, 1989, 1995, 2000, 2001, 2002, 2004, 2008; a segunda a caixa, com nº C3H, relativa a correspondências nacionais recebidas de escolas diversas, entre os anos 2002, 2003, 2004. Ao abrir essas caixas,

deparamo-nos com a documentação, fomos conhecendo os conteúdos da documentação e, ao mesmo tempo, constatamos que os documentos estavam misturados, desordenados, alguns com rasuras, deixando evidente que não seguiam uma normatização de preservação arquivística, alguns até com difícil compreensão. Mesmo diante dessa “organização dos documentos”, com todo cuidado, fomos lendo a documentação, tirando fotos para análise posterior e fazendo anotações a respeito da EP.

Haja vista a vasta documentação concernente à vida de Frei Betto, cabe elencarmos algumas curiosidades: a primeira é que essa documentação do Arquivo foi matéria-prima que serviu como base para a produção do filme *Batismo de Sangue*<sup>28</sup>, dirigido por Helvécio Ratton; outra curiosidade é que o livro intitulado *Frei Betto: uma biografia*, escrito pelo historiador Américo Freire e pela jornalista Evanise Sydow, ambos biógrafos de Betto, também valeram-se do Arquivo para a produção do livro; a quarta, refere-se à caixa n° C3C, na qual nos chamaram a atenção os convites que Frei Betto recebera ao longo dos anos, através de cartas, fax e telefonemas, e que trazem temáticas bastantes atuais, como podemos focalizar:

- o convite feito pelo Comitê Brasileiro Latino-Americano de Organização do Campo (CLOC), para que Frei Betto participasse do 2º Congresso Latino-Americano de Organizações do Campo, realizado no ano de 1997, com o seguinte tema: “Projeto Alternativo ao Neoliberalismo na América Latina: os horizontes e as experiências em construção”;
- o convite realizado no ano de 1994, feito pelo discente Vanderlei Barbosa, que era presidente do Diretório Acadêmico João XXIII (que hoje é o orientador dessa pesquisa), para que Betto participasse da XII Semana Teológica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC), que tinha como tema da Semana: “A Teologia e Política – Teologia e Transnacionalização da Cultura”, a palestra de Betto abordou o seguinte subtema: “Fé e Política – Projetos Sociais e Alternativos”;
- o convite feito pela Comissão Organizadora do 41º Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia, realizado na Universidade Federal de Lavras (UFLA), no dia 24 de novembro de 1997, com o tema: “Esperança e Solidariedade em contraposição ao projeto neoliberal”.
- o convite feito pelo Conselho Comunitário do Município de Timoteo, no ano de 1987, para um debater acerca do tema: “CEBs, Movimento Operário, Igreja,

---

<sup>28</sup> O filme narra a luta dos Dominicanos frente ao governo militar no Brasil. É uma adaptação do livro *Batismo de Sangue*, escrito por Frei Betto, publicado em 1982, e vencedor do prêmio Jabuti, na categoria de melhor livro de memória.

Repressão do Sistema”; convite da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), para participar, no ano de 2004, da Mesa Redonda com o tema: “Desamparo Social e Fragilidade da vida no contexto contemporâneo”;

- o convite para palestra no I Congresso Latino-Americano de Educação Sagrado Coração, no ano de 2000, com o tema: “Educar para solidariedade uma perspectiva de futuro”;
- o convite para o 3º curso sobre “Realidade Brasileira” para jovens do meio rural, promovido pela Escola Nacional Florestan Fernandes, no ano 2000, com o tema: “Os novos valores, a importância do estudo e da militância jovem”;
- a solicitação, no ano de 1997, pela Central de Movimentos Populares, de um artigo sobre “O papel e os desafios do movimento popular na América Latina frente ao neoliberalismo”;
- as cartas que manifestaram solidariedade a Frei Betto em razão do seu julgamento no ano de 1993, dentre as quais, destaca-se a carta da Comissão Pastoral da Terra e do Movimiento por La Paz, La Soberania y La Solidaridad entre los Pueblos; dentre outras correspondências que permeiam o universo popular.

Além desses convites, na n° C3C, também descobrimos textos de Frei Betto na época em que participou como assessor da Comissão Pró-Central de Movimentos Populares, com os seguintes temas: “Ecologia e Movimentos Populares”; “Movimentos Populares em Congresso”; “O Gosto Amargo do Sal, Movimentos Populares e a Percepção da Realidade”; “Metodologia de Trabalho Popular – considerações esquemáticas” e “Movimento Popular e Movimento Operário”.

Betto ainda escreveu e recebeu correspondências de expoentes do pensamento latino-americano: Armando Hart Dávalos (1988), Nélida Pinôn (1995), Darcy Ribeiro (1995), Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns (1998), Dom Claudio Hummes (1982), Dom Aloísio Cardeal Lorscheider (2004), Dom Helder Camara (1998), Dom Pedro Casaldáliga, Maximino Cerezo, José María Vigil (1996); bem como cartas recebidas de Alfredo Bosi (maio de 1993), Padre Zezinho (s/d), Presidente Itamar Franco (julho de 1993), Governador Luiz Antônio Fleury (1993), Mário Volpi (1995), Padre Orestes João Stragliotto (1991), dentre outros que, ao longo da vida, contribuíram pela luta popular.

Diante dessa documentação, podemos depreender dois pontos imprescindíveis: o primeiro, os temas das palestras, oriundos do pensamento popular que Betto constituiu no

decorrer da sua vida e que refletem até hoje; segundo, todas as homenagens, honrarias, todos os convites de palestras, escrita de artigos, correspondências trocadas com intelectuais da educação popular, com teólogos da libertação, com movimentos populares e sociais, constituem a materialização documental que legitima as experiências vividas por Frei Betto com a EP e que foram ressaltadas no primeiro capítulo desta pesquisa, assim como acentuam a contribuição que Betto realiza para a difusão do pensamento de libertação latino-americano.

### 3.3 A utilização das cartas como pedagogia popular

A segunda caixa n° C3HC que separamos continha Correspondências Nacionais. Deparamo-nos com cartas recebidas de diversas cidades e escolas do Brasil. A título de ilustração, segue um quadro com o Estado, Cidade e Escola que enviaram as cartas.

Quadro 1 – Local de onde foram enviadas as cartas.

Cidade	Estado	Escola
Maceió	AL	Escola Municipal Arnon Afonso Farias de Mello
Manaus	AM	Escola Estadual Francelina Assis Dantas
Queimadas	BA	Escola Lidirio Ferreira Lima
Fortaleza	CE	Colégio Rosa de Saron
Juazeiro do Norte	CE	Escola Antônio Bezerra Monteiro
Poty (Crateús)	CE	Escola Municipal São José
Brasília	DF	Escola de Educação Infantil Alziro Zarur
Santo Antônio do Descoberto	DF	Escola Municipal Myriam Pelles Ervilha
Sobradinho	DF	Escola Classe Basevi
Alfredo Chaves	ES	Escola Família Agrícola de Alfredo Chaves
Luziânia	GO	Escola Municipal Parque Sol Nascente
Uruaçu	GO	Escola Estadual Joana D'Arc
Pedreiras	MA	Escola Caic – Unidade Integrada – Professora Socorro Cantanhede
Rondonópolis	MT	Escola São José Operário
Taquari	MT	Escola Municipal Professora Elzinha Lizardo Nunes
Contagem	MG	Colégio Santo Agostinho
Governador Valadares	MG	Escola Municipal Teótono Vilela
Ibiá	MG	Escola Estadual Doutor Pedro Dias dos Reis
Mariana	MG	Colégio Municipal Padre Avelar
Rio Pomba	MG	Escola Estadual Professor José Borges
Cascavel	PR	Colégio Estadual São Cristóvão
Curitiba	PR	Colégio Estadual 19 de Dezembro; Colégio Bento Munhozda Rocha Neto; Colégio Dona Carola
Guairá	PR	Colégio Estadual Mendes Gonçalves
Bananeiras	PB	Escola Nossa Senhora do Carmo
Guarabira	PB	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho; Colégio Estadual de Guarabira
Lagoa do Sítio	PI	Unidade Escolar Helvidio Nunes – Localidade São José do Sambito

Teresina	PI	Colégio Domício Magalhães de Melo
Serra Negra do Norte	RN	Centro de Ensino Atual
Taipuí	RN	Colégio São Marcelo
Entre-Ijuis	RS	Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Cortez
Nicolau Vergueiro	RS	Escola Estadual de Ensino Médio Nicolau Vergueiro
São Geraldo	RS	Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Agostinnetto
Barra Mansa	RJ	Colégio Municipal Padre Anchieta
Valença	RJ	Colégio Regina Coeli Amorim
Rio de Janeiro	RJ	Escola Municipal Minas Gerais
Rio de Janeiro	RJ	Núcleo de Educação Infantil SESC
Bom Jesus do Oeste	SC	Escola Estadual de Cavalão
Agudos	SP	Escola Nilza Maria Santarém Paschoal
Araraquara	SP	Escola Letícia de Godoy Bueno Carvalho Lopes
Arthur Nogueira	SP	Escola Estadual José Aparecido Munhoz
Cafelândia	SP	Escola Estadual Valdomiro Silveira
Cajuru	SP	Colégio Pirâmide Galdino de Castro
Campinas	SP	Escola Estadual Professor Pedro Salvetti Netto
Guarulhos	SP	Colégio da Polícia Militar; Escola Parque Continental I
Itajobi	SP	Escola Estadual Professora Ruth Dalva Ferraz Farão
Limeira	SP	Escola Estadual José Ferraz Sampaio Penteadó; Escola Estadual Professor Ary Leite Pereira
Santo André	SP	Escola Estadual Senador Lacerda Franco
São Carlos	SP	Escola Adail de Água Vermelha
São Paulo	SP	Colégio Professor Carlos Ayres
Sorocaba	SP	Escola Estadual Professor Roque Conceição Martine
Ubirajara	SP	Escola Municipal Santa Terezinha
Vargem Grande Paulista	SP	Escola Estadual Leonardo Soares Rodrigues
Votuporanga	SP	Centro Educacional Municipal Professora Maria Martins e Lourenço

Fonte: O autor, com base na Documentação do Arquivo dos Dominicanos (2022).

Ao investigarmos essa caixa com as correspondências dessas escolas, notamos que as cartas enviadas a Frei Betto são frutos da literatura bettiana, que foi trabalhada por docentes em sala de aula e geraram reflexões dos discentes através da metodologia de escrita de cartas. Ora, esse gênero literário de cartas tem seus reflexos na pedagogia de Paulo Freire, como podemos averiguar nas obras: *Cartas a Guiné Bissau* (1977); *Cartas aos animadores e às animadoras culturais de São Tomé do Príncipe* (1980); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993); *Cartas a Cristina* (1994); e *Pedagogia da indignação* (2000).

Essa metodologia de Freire, segundo o pesquisador Edgar Pereira Coelho (2011), no artigo intitulado “Uma introdução à pedagogia da correspondência em Paulo Freire”<sup>29</sup>, por intermédio das cartas, objetivava vivenciar uma pedagogia da comunicação, alimentada pela interação e diálogo, conforme enfatiza Coelho (2011, p. 71),

<sup>29</sup> Esse artigo é fruto da tese de doutorado do autor intitulada “Cartas de Paulo Freire: O diálogo como caminho epedagogia”, defendida no ano de 2005, sob a orientação do Prof. Dr. Moacir Gadotti, na Universidade de São Paulo – USP.

O gênero carta é dialógico e pedagógico na sua própria natureza. A escrita em forma de carta ou por meio do gênero carta nos leva a um envolvimento pessoal em nossas relações com os outros. É o gênero de escrita que mais se aproxima do sujeito oprimido que, mesmo não sabendo ler, solicita que o outro escreva e leia para ele. É um convite permanente ao diálogo. Quem escreve carta sai da centralidade e provoca a participação do outro. Por meio das formas ele apresenta aquilo que é mais essencial na relação educando-educador. Ele não queria distância e nem intervalos sem notícias, por isso estava sempre escrevendo aos seus interlocutores das diversas partes do mundo.

Compreendemos, portanto, que, para Freire, as cartas possibilitam estabelecer uma relação dialógica, a qual pode ser entendida, à luz da Filosofia, como uma ação pedagógica, que favorece realizar uma maiêutica socrática a partir de diversos assuntos que são de suma importância para a sociedade que busca a libertação mediante a consciência crítica e participativa. Atinente a essa procura, Frei Betto (2018, p. 94) frisa que “uma educação libertadora é a que almeja conquistar hegemonia por consenso, por praticas efetivas”. Destarte, observamos que a utilização das cartas é o caminho para exercer tal prática dialógica e libertadora.

Essa prática da escrita de cartas também está presente na vida de Frei Betto. Consoante ele mesmo disserta (BETTO, 2006, p. 40): “escrevi a parentes, amigos, confrades, para sublimar o medo, exorcizar demônios, revitalizar a fé. Reajardinei minha esperança através da escrita e, sobretudo, emiti meu pálido clamor em meio a tanta atrocidade”. Essas cartas que escrevera durante os quase quatro anos presos (1969-1973) foram editadas em dois livros: *Das catacumbas* (cartas de 1969 a 1971) – época em que esteve com os presos políticos, e *Cartas da prisão* (1972 e 1973) – tempo em que esteve com os presos comuns.

Em relação a esse período difícil da história do Brasil, avistamos que Betto literalizou a vida de cadeia, de acordo com ele (BETTO, 2013, p. 47), na prisão, havia um sentimento bom, que era “falar mal do governo sem o perigo de ser preso”. A escrita das cartas, para Betto, foi uma força frente a ditadura, pois:

Traduz o sofrimento das vítimas e dialoga com as vítimas. Dá voz a quem foi silenciado. Dá vida a quem morreu assassinado. Não nasce da encomenda do poder, e sim do grito parado no ar, da garganta sufocada, do sentimento reprimido, da oceânica vocação humana à liberdade. É literalmente uma escrita subversiva, que corre “por baixo” e projeta luz crítica sobre o que se passa “por cima” (BETTO, 2013, p. 33).

Além desses sentimentos, Frei Betto (2017, p. 13) assevera que essas cartas são

documentos históricos e devem ser divulgadas na sociedade para recordar “uma visão contundente e realista do que significou a luta de jovens brasileiros pela queda da ditadura e pela redemocratização do país. Resgatar no presente o passado é a melhor forma de manter viva a memória das vítimas e impedir que tais atrocidades se repitam no futuro”.

Haja vista a magnitude das cartas, e aqui aludimos aos documentos encontrados na segunda caixa, perguntávamo-nos: quais os textos de Frei Betto foram trabalhados pelos discentes e docentes em sala de aula? A pesquisa aponta que, nas correspondências, há predominância de quatro textos da literatura bettiana: “Ser mineiro” – um texto publicado na obra *Típicos Tipos – Coletânea de perfis literários* (2004) que fala sobre a magia que é ser do estado de Minas Gerais. Betto (2004, p. 317) medita e questiona-se: “Como todo mineiro é um pouco filósofo, há um mistério sobre o qual medito há anos: o que é ser mineiro?”. Nesse texto, evidencia as crenças, os costumes, a linguagem, a culinária, a literatura, a música, em síntese, as peculiaridades da cultura mineira.

Dando sequência, “Carta a um jovem internauta”, artigo publicado em 2009, no Jornal Estado de Minas, pondera a respeito das horas que os jovens e adolescentes passam no computador, navegando na internet. De acordo com Betto (2009), o salmo dos internautas seria: “Google é meu pastor e nada me há de faltar”. Nessa linha, alerta sobre o ritmo vertiginoso de informações e imagens que são passadas na rede virtual e, ainda, realça que o uso compulsivo do computador é prejudicial à saúde, provocando uma espécie de “Síndrome do onanismo eletrônico”. Betto (2009) valida, também, o quão importantes são outras atividades, por exemplo: sair para realizar um lazer com a família e amigos. Por isso, como máxima do artigo, temos a seguinte afirmação: “Não se deixe escravizar pelo computador!” (BETTO, 2009).

Acerca deste texto, identificamos o seguinte relato de uma estudante:

Frei Betto, o seu texto: “carta a um jovem internauta”, me fez refletir sobre as pessoas que se prendem ao computador e se fecham para o verdadeiro mundo. Confesso que adoro mexer no computador, e que se deixarem passoo dia todo nele, mas minha família estabelece tempo para eu e meu irmão ficarmos no computador. Em dia de semana: 1 hora à noite. Em fim de semana: 1 hora de manhã e 1 hora à noite. Achava que este tempo era pouco, mas ao ler o seu texto, acho que é o tempo suficiente pra mim, e que devia passar mais tempo ao ar livre. Em meu prédio a uma área de lazer, onde eu e minhas vizinhas ficamos muito, jogamos bola, nadamos e ficamos conversando por lá. Adorei o seu texto, um abraço. (ARQUIVO DOS DOMINICANOS).

Outrossim, “Eu, o Livro”, uma crônica presente na obra de Frei Betto, intitulada *Ofício de Escrever*, publicada em 2017, salienta a relevância da leitura desde a infância, posto que, através da arte de ler, é possível viajar sem sair de casa, ampliar o conhecimento de vários

assuntos, oportuniza reflexões, desperta sentimentos, propicia o aprendizado de outros idiomas, crenças, culturas, contribuindo para manter viva a memória da humanidade. Nas palavras de Frei Betto (2017, p. 154), o livro é “portador de epifanias e sonhos, tragédias e esperanças, dores e utopias”.

Ademais, “A Escola dos meus sonhos”, um texto da obra *Por uma educação crítica e participativa*, publicada em 2018, aborda características de uma escola que tem, no seu plano político-pedagógico, diversos temas, como: educação doméstica, por meio do exercício de culinária, costura; educação técnica, com noções de eletricidade e mecânica; educação ambiental – cuidado com o meio ambiente, produção de hortaliças; educação estética – música, poesia, pintura, desenho e escultura; educação cívica, por intermédio da aproximação entre escola e sociedade, que possibilita conhecer quais as profissões cruciais para o desenvolvimento e manutenção da sociedade; educação humano-afetiva, que viabiliza tratar temas como morte, dor, gravidez, sexualidade, espiritualidade, perda e falência.

A partir deste texto, divisamos, em uma correspondência, a seguinte prática pedagógica realizada com professores do Serviço Social do Comércio (SESC):

Neste ano de 2002, uma de nossas ações está voltada para o tema Planejamento e Avaliação. Contudo, um dos aspectos tratados é o papel do professor e da escola nesse mundo repleto de tecnologia e valores bastante discutíveis. A partir de seu texto “A Escola dos Meus Sonhos”, cada participante da equipe de Educação do SESC no Sergipe (professores e coordenadores de Educação Infantil, Jovens e Adultos, Gerentes dos Centros de Atividades do SESC etc.), escreveu para você qual seria a escola de seus sonhos. Depois discutiram sobre a escola que estão fazendo hoje, desenvolvendo estratégias para modificar aspectos que consideram incompatíveis com a escola “dos sonhos”. (ARQUIVO DOS DOMINICANOS).

Ainda, “Feliz Ano Novo” – texto que aparece nas cartas como sendo fruto de uma atividade de redação proposta no capítulo 1 do livro didático da disciplina de Língua Portuguesa, da 8ª série, *A Palavra é sua*, cuja autoria é de Maria Helena Correa e Celso Pedro Luft, publicado pela editora Scipione, em 2000. Nele há uma proposta de redação, que pode ser visualizada na imagem abaixo (Figura 1):

Figura 1 – Recorte da página 17 do livro *A Palavra é sua*

**III. Propostas de redação**

**1. Individual**

Carta

Escreva uma carta para frei Betto comentando as idéias do texto *Feliz ano-novo*. Você pode falar do que sentiu ao ler o texto, de que parágrafo gostou mais, se discorda de alguma parte e por quê, das discussões que o texto provocou na classe, da utilidade desse tipo de texto para os estudantes, etc. Se desejar, faça perguntas ao autor e conte o que você pensa a respeito do não-cumprimento dos direitos humanos no mundo, etc.

Recorde as partes de uma carta:

O diagrama ilustra as partes de uma carta. À esquerda, uma carta manuscrita em papel amarelado é mostrada com setas apontando para: 'local e data' (no topo), 'saudação' (no início do texto), 'texto' (o corpo principal da carta), 'despedida' (no final do texto) e 'assinatura' (no rodapé). À direita, um envelope azul é mostrado com um selo amarelo no canto superior direito. O remetente é Frei Betto, A/C O Estado de S. Paulo, Av. Eng. Caetano Álvares, 55, 6º andar, São Paulo - SP, com o código postal 02598-900. Abaixo do envelope, há um formulário com campos para: Remetente: Nome, Endereço (rua, avenida, n°...), Cidade - Estado (sigla) e Código Postal. Um pequeno personagem azul está ao lado do envelope.

Fonte: Correa e Luft (2000).

No tocante ao texto “Ano Novo”, Frei Betto traz análises que almejam um ano próspero e que tenha como referenciais musicais de Mozart, Pixinguinha e Noel Rosa; como caráter estético, deseja conhecer obras de pintores impressionistas e expressionistas; um ano com espírito evangelical, alicerçado na felicidade pontuada no “Sermão das Montanhas”, conhecido como Bem-aventuranças; um ano em que seja colocada em prática a sabedoria de Jó e que tenha como trilha sonora a música gregoriana.

Além desse texto, no livro, é apresentada uma pequena biografia de Frei Betto, destacando algumas obras, a saber: *Cartas da prisão*; *O dia de Ângelo: fome de pão e de beleza*; *Uala, o Amor*; *A menina e o elefante*; *A obra do artista*; *Entre todos os homens*. Relativo à biografia de Betto, após ter estudado o autor em sala de aula, um discente escreveu a seguinte mensagem em sua carta:

Ao ler sua biografia, pude perceber o quanto você é dedicado as causas sociais de nosso país. É horrível pensar que pessoas ficaram presas por defenderem a liberdade. Suas experiências, sua trajetória são dignos de elogios sinceros. As premiações recebidas por sua atuação em prol dos direitos humanos é motivo de alegria para todos os brasileiros. Parabéns! (ARQUIVO DOS DOMINICANOS).

Diante dessa atividade proposta no livro didático, os discentes puderam exercer a arte da leitura e escrita, refletindo sobre diversos temas sociais, dentre os quais sobressaem: a família, reeducação de presidiários, direito à comida e moradia, saúde, espiritualidade, justiça,

trabalho, lazer, educação, meio ambiente, direitos basilares citados na Declaração Universal dos Direitos Humanos que, na ótica de Frei Betto, na prática, essas necessidades parecem utopias.

Ademais, frente à documentação encontrada na segunda caixa, depreendemos dois pontos: o primeiro é que os textos e ações pedagógicas realizadas nas escolas reforçam as reflexões que foram abordadas no segundo capítulo desta dissertação, ou seja, demonstram como os assuntos presentes na literatura de Frei Betto podem ser trabalhados com os professores, como também na sala de aula. O segundo expõe como os Arquivos pode ser fontes de informação e memória, contribuindo para uma melhor compreensão da realidade, levando-nos a refletir o quão significativo é que a educação patrimonial seja aplicada no ensino e aprendizagem das escolas como forma de colaborar para com o aprimoramento da consciência crítica e histórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Educação popular na vida e obra de Frei Betto: contribuições para o pensamento latino-americano* é o resultado de uma pesquisa que buscou, através da escuta do coração, ouvir o grito popular. As ponderações realizadas ao longo desta dissertação procuraram trazer a voz de muitas pessoas silenciadas pela miséria, pela desigualdade social, pelo abandono, pela falta de sentido da vida.

Acompanhados de Utopia, à moda de Galeano e iluminados pelo Esperançar de Freire, na introdução, elucidamos algumas problemáticas presentes na sociedade, dentre as quais distinguimos: na primeira, a partir de Laval (2019), vimos que o neoliberalismo escolar vem se tornando o paradigma do Ensino Público, visando uma espécie de educação mercadológica; por conseguinte, Agostini (2007) e Betto (2017) reforçam que o neoliberalismo, estimulado pelo capitalismo, vem se transformando em instrumento dominante na nação latino-americana, impondo um modelo pautado na sentença cartesiana do “compro, logo existo”. O agravante desse pensamento neoliberal se intensificou com a pandemia da Covid-19, que nos fez enxergar abertas, não somente as veias abertas da América Latina, como também as veias abertas do mundo. Face a esse cenário, ao analisarmos a vida e obra do dominicano Frei Betto, somos convocados a retornar o pensamento de libertação que acontece por meio da Educação Popular, pois é o único antídoto contra as nocividades trazidas pela cultura de morte, frieza, indiferença, oriundas do neoliberalismo.

Para entendermos as propriedades desse antídoto popular, no capítulo 1, buscamos perceber a importância do pensamento eclesial que possibilitou um novo olhar para o mundo, isto é, o CV II nos trouxe não apenas um *aggiornamento* eclesial, ao contrário, propiciou uma mudança no pensamento social, educacional, político, econômico e cultural. Notamos essa mudança a datar das Conferências Episcopais da CELAM. Identificamos a fase embrionária da EP que reverberou na vida e obra de Frei Betto. Ora, trata-se de um pensamento libertador, de “ida ao povo”, para se caminhar junto em prol de uma sociedade alicerçada pela luta coletiva, que sobrepõe a luta individual, pela fraternidade social, que busca superar a competição do mercado, na comunhão de vida, que quebra o muro da divisão e procura compartilhar alegrias, esperanças, dores e angústias dos homens e mulher da sociedade.

Iluminados por esse ideal libertador, observamos que Frei Betto consolidou práticas populares ao longo da sua vida. Sem dúvidas, a raiz dessa árvore genealógica popular de Betto é Paulo Freire. Betto (2018, p. 165) é categórico em dizer isso: “posso afirmar, sem receio de enxergar, que Paulo Freire é a raiz da história do poder popular brasileiro nesses últimos

sessenta anos”. Esse pensamento popular freiriano pode ser constatado em várias vivências de Betto, dentre as quais, sublinhamos a experiência vivida na Congregação dos Dominicanos, no período da prisão com presos políticos e presos comuns, nas CEBs e na literatura escrita por Frei Betto.

A partir dessas experiências de Betto, nos foi possível entender o caráter polissêmico da EP, que pode ser compreendida desde vários sinônimos, quer dizer, falar de EP é discorrer sobre educação crítica, educação libertadora, educação humanizadora, educação participativa, educação revolucionária, educação de movimentos populares, sociais, operários, educação para felicidade, educação para cidadania, educação do olhar, educação para os valores, educação cristã, educação para direitos humanos, educação dos excluídos, educação de base, entre outras significações.

Para além dessas conceituações, no capítulo 2, abordamos algumas obras de Frei Betto que esclareceram narrativas da EP literária. Primeiramente, Betto, alerta-nos que a modernidade fez com que o homem se distanciasse de si mesmo, e isso ocorreu devido ao paradigma de felicidade impresso no indivíduo, isto é, a vida feliz, aos olhos da modernidade, é entendida desde a cultura do consumo, hedonista, dentre outros prazeres finitos. Diante disso, encontramos em Betto um pensamento que carrega um caráter humanístico, ou seja, um pensamento que busca resgatar o *ethos* humano a contar de uma atitude introspectiva. Em outras palavras, Frei Betto impulsiona-nos a mergulharmos dentro de nós mesmos para que achemos a verdadeira felicidade, que nos proporciona imprimir um novo sentido à nossa existência.

Essa renovação existencial identificamos a partir da EP Filosófica, que nos faz compreender, com base no marxismo, como a sociedade está estruturada e como somos controlados por uma ideologia dominante. Tendo em vista esse controle, é preciso um despertar de uma visão crítica alimentada pela ideologia dos oprimidos que é temida pelos opressores. E, ainda, essa ideologia do oprimido é nutrida, também, pela EP Pedagógica que, metodologicamente, segundo a pedagogia freiriana, impele-nos a realizar, primeiro, a “leitura do mundo” e depois a “leitura da palavra”. Betto salienta que essa ideologia é nutrida por uma educação crítica e participativa que busca se espelhar em valores religiosos, altruístas, bem como na comunhão entre escola, família e sociedade.

Nesse viés comunitário, requer uma dose de mística, profecia, espírito apostólico e político. Ora, política? Sim, dirá Betto, afinal, “somos discípulos de um prisioneiro político”! Seguindo os passos de Jesus, na EP Teológica, fomos impulsionados ao cuidado de nós, despertando-nos para o cuidado do outro, ou melhor, uma espiritualidade do cuidado, da alteridade, da responsabilidade, e com consciência planetária. Por isso, fomos iluminados por

esse espírito de comunhão, uma vez que, conforme dito pelo Papa Francisco: “Tudo está Interligado!” Portanto, cabe a cada um de nós assumir o compromisso social, a luta por direitos humanos, a preservação da nossa casa comum e a busca pelo diálogo com o transcendente.

Nesse pensamento teológico, nos é permitido realizar reminiscências. Em outras palavras, nos faz relembrar nossa própria humanidade, que fora desumanizada pelo naufrágio universal causado pela globalização da indiferença para com nós mesmos e para com os outros. Face a esse ato de memória, no capítulo 3, partindo de uma imersão nos Arquivos dos Dominicanos em Belo Horizonte, Minas Gerais, nos foi possível encontrar forças para caminhar a partir dos documentos que reforçam a presença da EP na vida e obra de Frei Betto. Ao analisarmos a documentação, no Arquivo, percebemos que as vivências de Betto nos Dominicanos, na prisão, nas CEBs e na sua literatura, oportuniza-nos defini-lo com um intelectual orgânico, mediador, isto é, um sujeito com consciência de classe, ligado a movimentos populares, às lutas populares e faz com que o povo entenda que mesmo frente aos conflitos, aos problemas sociais, às noites escuras, é preciso “deixar o pessimismo para dias melhores” e se concentrar em realizar ações populares alimentadas pelo diálogo, pela justiça social, pela libertação, pela utopia e, principalmente, pela defesa da vida, pois, consoante diz uma expressão latina, “*Dum Spiro Spero*”, ou seja, “enquanto ainda se respira, há esperança”.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **As Conferências Episcopais: América Latina e Caribe**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2007.

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Nota de falecimento: Padre Pier Luigi Bernareggi (Padre Pigi)**. 2021. Disponível em: [https://arquidiocesbh.org.br/?post\\_type=noticias&p=122043](https://arquidiocesbh.org.br/?post_type=noticias&p=122043). Acesso em: 26 ago. 2022.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Frei Betto**: “Não dá para viver sem sonho, porque nós somos seres de sonhos”. 2017. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/noticias/frei-betto-nao-da-para-viver-sem-sonho-porque-nos-somos-seres-de-sonhos/> Acesso em: 04 set. 2022.

BARBOSA, Vanderlei. **Da Ética da Libertação à Ética do Cuidado: uma leitura a partir do pensamento de Leonardo Boff**. São Paulo, SP: Porto de Ideias, 2009.

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da amnésia: políticas do esquecimento**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2019.

BETTO, Frei. **A mosca azul: reflexões do poder**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2006. BETTO, Frei. **Alfabetto: Autobiografia escolar**. São Paulo, SP: Editora Ática, 2003.

BETTO, Frei. Carta a um jovem internauta. **Correio da Cidadania**, 07 nov. 2009. Disponível em: <https://www.correiodacidade.com.br/colunistas/frei-betto/3938-07-11-2009-carta-a-um-jovem-internauta>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BETTO, Frei. **Fé e Afeto: Espiritualidade em tempos de crise**. Petrópolis: Vozes, 2019b.

BETTO, Frei. **O que é comunidade eclesial de base**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

BETTO, Frei. **O que marxismo ainda é útil?** São Paulo: Cortez, 2019a.

BETTO, Frei. **O que vida me ensinou: O desafio é sempre imprimir sentido à existência**. São Paulo: Saraiva, 2013.

BETTO, Frei. **Ofício de escrever**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

BETTO, Frei. **Por uma educação crítica e participativa**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2018.

BETTO, Frei. **Reinventar a vida**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BETTO, Frei. **Ser mineiro**. 2004. Disponível em: <https://www.freibetto.org/index.php/todos-os-artigos/28-ser-mineiro>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade foi-se embora?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002.

BRASIL. **Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília/DF: Presidência da República, 1991. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18159.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18159.htm). Acesso em: 06 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 06 mar. 2023.

CASAGRANDE, André Jorge Catalan. **Mundo do texto e do leitor na obra ficcional de Frei Betto**. 2019. 179 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 13).

COELHO, Edgar Pereira. Uma introdução à pedagogia da correspondência em Paulo Freire. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 26, p. 59-73, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3234>. Acesso em: 2 set. 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2023**: Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo, SP: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano**: Conclusões de Medellín. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1977.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Puebla**: A evangelização no presente e no futuro da América Latina – Texto oficial da CNBB. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Santo Domingo – IV Conferência do Episcopado Latino Americano**: Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã – Tradução oficial da CNBB. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CORREA, Maria Helena; LUFT, Celso Pedro. **A Palavra é sua**: livro didático da disciplina de Língua Portuguesa, da 8ª Série. São Paulo: Editora Scipione, 2000.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. Atlas. 1995.

FRANCISCO, PAPA. **Carta encíclica Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo, Paulus, 2020.

FRANCISCO, PAPA. **Carta encíclica Laudato Sí**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo, Paulus e Loyola, 2015.

FREIRE, Américo; SYDOW, Evanize. **Frei Betto, biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada Vida**. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

IANNI, Octávio. **Enigmas do pensamento latino-americano**. São Paulo: IEA/USP, 2002. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/artigos>. Acesso em: 25 ago. 2022.

IGREJA CATÓLICA. Constituição pastoral *Gaudium et Spes* nº 1. In: VIER, Frei Frederico (coord.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, decretos, declarações. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987a.

IGREJA CATÓLICA. Constituição pastoral *Gaudium et Spes* nº 26. In: VIER, Frei Frederico (coord.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, decretos, declarações. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987b.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LIPOVETSKY, Gilles. “Felicidade e Esperança”. In: LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade paradoxal**: ensaios sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2010.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de 1993 conhecimento). **Anais do Museu Paulista Nova Série**, São Paulo, n. 1, p. 207-222, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5282>. Acesso em: 02 set. 2022.

NETO, João Colares da Mota; STRECK, Danilo R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico de colonial. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 78, p. 207-223, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Y3SNBNzjzkW9QxCQLp7PW6b/?lang=pt#>. Acesso em: 26 ago. 2022.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PAULINO, Rosa. **A costura da Memória**. 2018. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/product/rosana-paulino-a-costura-da-memoria>. Acesso em: 26 ago. 2022.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html). Acesso em: 26 ago. 2022.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html). Acesso em: 26 ago. 2022.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA OS BENS CULTURAIS DA IGREJA. **Arquivos eclesiais no Brasil**: um estudo sobre o Centro de Documentação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 1997. Disponível em: [https://www.aargs.com.br/ICNA/MesasdeComunicacoes/12\\_C58\\_ArquivosEclesiasticosBrasil.pdf](https://www.aargs.com.br/ICNA/MesasdeComunicacoes/12_C58_ArquivosEclesiasticosBrasil.pdf). Acesso em: 25 ago. 2022.

PROVÍNCIA FREI BARTOLOMEU DE LAS CASAS. **Arquivo dos Dominicanos (Brasil)**. Belo Horizonte.

SAVIANI, Dermeval. A história da escola pública no Brasil. **Revista de Ciências da Educação**, São Paulo, n. 29 Edição Especial, p. 185-201, 2014.

VATICAN NEWS. **Papa: os cristãos “sem memória” perdem o sal da vida**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-06/papa-francisco-missa-santa-marta-memoria.html>. Acesso em: 26 ago. 2022.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Antropologia Filosófica I**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Escritos filosóficos IV**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

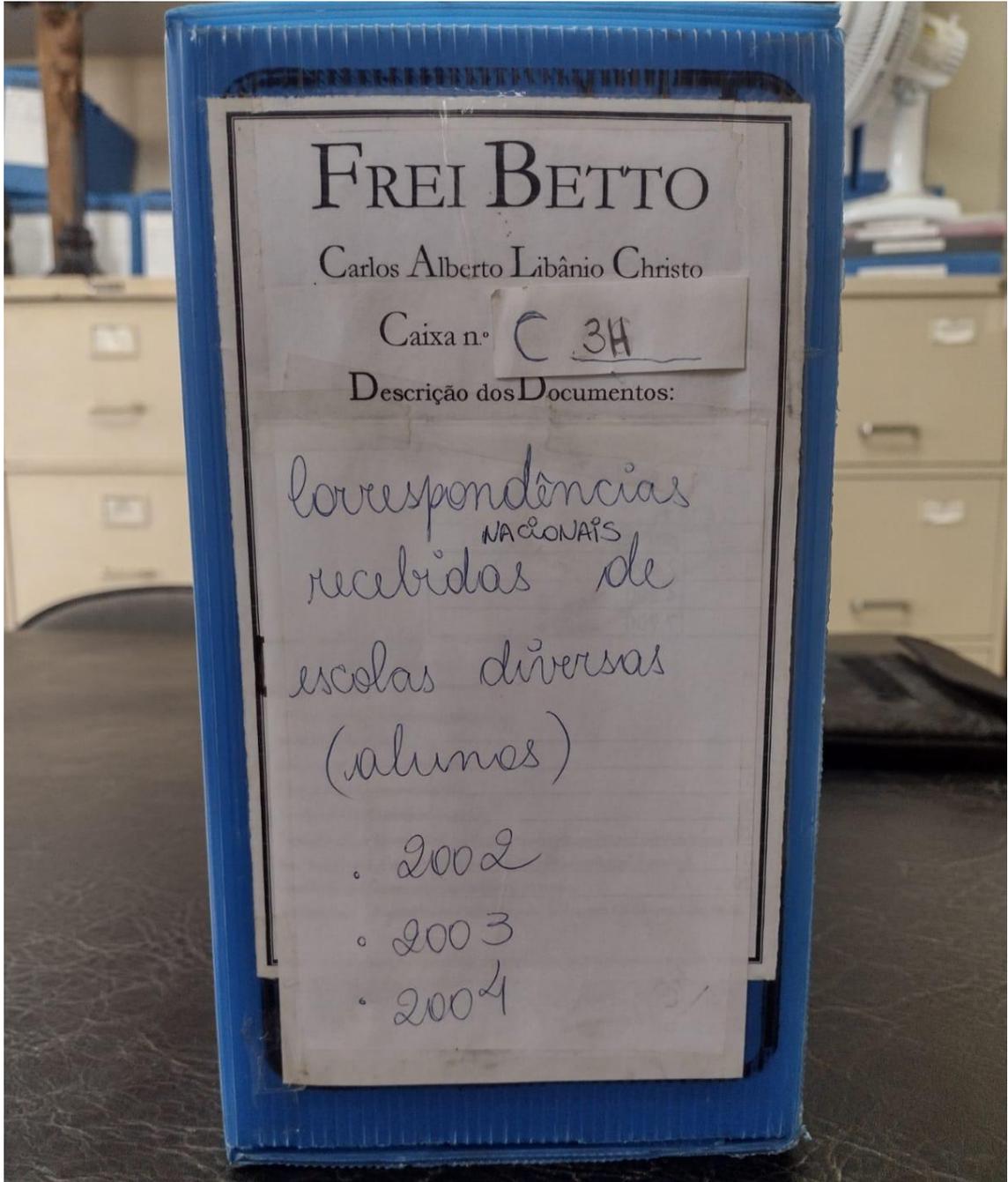
ZILLES, Urbano. Notas sobre o conceito de pessoa em Edith Stein. *In*: MAHFOUD, Miguel; FILHO, Juvenal Savian (orgs.). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017. p. 369-394.

**ANEXO A – Arquivos dos Dominicanos, Belo Horizonte – MG**

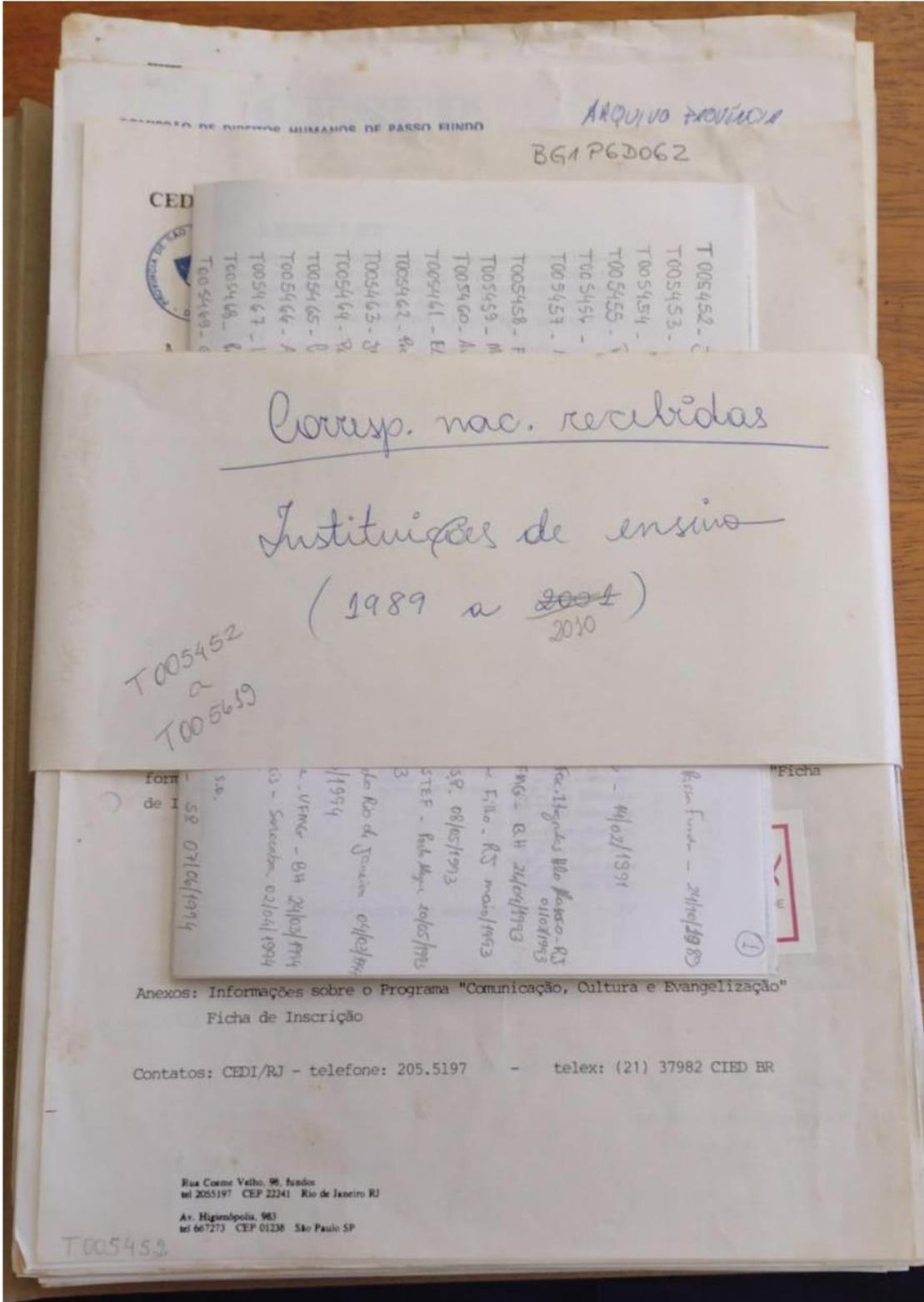
Caixas dos Arquivos dos Dominicanos



Caixas dos Arquivos dos Dominicanos



Caixa n.º C3H



Documentos da Caixa nº C3H



Caixa nº C3C



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

INSTITUTO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
DIRETÓRIO ACADEMICO JOÃO XXIII

Campinas, 21 de abril de 1994

Revmo. Frei Betto

Confirmamos, por meio desta, a V. Revma. a realização de nossa XII Semana Teológica, que realizar-se-á em Campinas - SP, de 26 a 30 de setembro de 1994. Desde já queremos manifestar nossa alegria e agradecer V. Revma. pela acolhida de nosso convite.

O tema central da XII Semana Teológica é "TEOLOGIA E POLITICA - TEOLOGIA E TRANSNACIONALIZAÇÃO DA CULTURA". Em breve estaremos remetendo os dados de programação, indicações práticas e outros detalhes da mesma. Não nos foi possível enviá-los agora, devido alguns aspectos práticos, bem como alguns nomes a confirmar. Mas, até o final deste mês serão acertados os últimos preparativos e, então, enviaremos-lhe a programação completa.

Um abraço amigo e fraterno, com esperança de nos vermos com saúde em setembro.

Atenciosamente



*Vanderlei Barbosa*  
VANDERLEI BARBOSA  
Presidente do  
Diretório Acadêmico João XXIII

REITORIA - CAMPUS UNIVERSITÁRIO - Rodovia "D. Pedro I" - km 112 - Caixa Postal 317 - PABX 52-0899 - 13100 - CAMPINAS - SP

UG-144  
T005467

Correspondência de Valter Lúcio de Oliveira (Comissão Organizadora do 41º CONEA – evento realizado na Universidade Federal de Lavras – UFLA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 41º CONEA  
 CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS  
 FONE: (035) 829 1199 FAX: (035) 829 1100  
 CX. POSTAL 37 - CEP 37200-000 - LAVRAS/MG

fax (35) 829-1121  
 829-11 00

Para: Frei Beto

Lavras, 24 de novembro de 1997.

Conforme contatos anteriores ( por telefone e no cloc/Brasília), estamos enviando o fax para convidá-lo a participar como painalista do 41º CONEA que realizar-se-a em Lavras/MG no período de 30 de julho a 06 de agosto de 1998.

Este congresso reúne cerca de 1000 estudantes de todo o país e é promovido pela FEAB - Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil.

Estamos propondo um eixo temático para o Congresso como um todo baseado em 3 tópicos principais: ESPERANÇA e SOLIDARIEDADE em contraposição ao projeto Neoliberal.

O tema e a data exata do painel para o qual estamos lhe convidando ainda não está confirmado, o que faremos o mais breve possível. A data será seguramente entre os dias 01, 02 ou 03 de agosto de 1998.

Aguardamos ansiosos a confirmação e de sua presença.

Um forte abraço Revolucionário e até breve.

Valter Lúcio de Oliveira  
 Comissão Organizadora 41º CONEA

NÃO.  
 AGENDA  
 OCUPADA.  
 SUZANE EMIR.  
 E JOÃO PEDRO.

Correspondência com Valter Lúcio de Oliveira (Comissão Organizadora do 41º CONEA –  
 evento realizado na Universidade Federal de Lavras – UFLA)

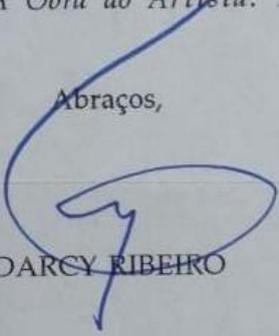


Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1995.

Querido Frei Betto,

Recebi seu livro *A Obra do Artista*. Estou lendo e curtindo.

Abraços,

  
DARCY RIBEIRO

Excelentíssimo Senhor  
FREI BETTO  
A/C Editora Ática  
Rua Barão de Iguape, 110  
São Paulo - SP  
CEP. 01507-900

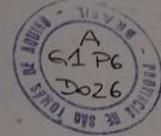
T005405

Correspondência de Darcy Ribeiro



DIOCESE DE SANTO ANDRÉ  
 RESIDÊNCIA EPISCOPAL  
 Praça do Carmo, 38 - Fone: 443-2077  
 09000 - SANTO ANDRÉ - S. P.  
 BRASIL

Santo André, 26.04.82



Prezado Frêi Betto,

Recebi seu texto "Oração, uma exigência (também) política". Obrigado. Li com atenção e muito interesse. Gostaria de trocar idéias com você sobre esse texto, especialmente o item 5. Pessoalmente, vejo a Igreja, a pastoral, não apenas como instância crítica - anunciadora e denunciadora - mas também como uma instância transformadora. Não consegui bem reconciliar isso com seu texto.

Estou aguardando também teu livro: "Batismo de Sangue...". Já li duas referências, uma na ISTO É e uma na FOLHA DE SÃO PAULO. Se houver qualquer reação contra a publicação, fique certo que estou de seu lado. Pode contar comigo, no pouco que posso fazer. Quando soube que você iria publicar esse livro, não me perturbei, ao contrário, me alegrei, porque sei a seriedade com que você trata esse tipo de assunto. Aliás, você sabe como valorizo o seu trabalho aqui na diocese. Tem todo meu apoio. Gostaria que você trabalhasse ainda por muitos anos aqui no ABC. Temos muito que caminhar ainda, e você nos pode ajudar substancialmente.

Conte com minha oração e reze por esse bispo que gostaria de ser melhor pastor deste povo oprimido e pisado, mas trate-me sempre como irmão, igual e amigo. Obrigado.

Um abraço cordial

*Cláudio Hummes*  
 Dom Cláudio Hummes

Correspondência de Dom Cláudio Hummes



*Alofsio Cardeal Lorscheider*  
*Arcebispo de Aparecida - SP*

*Aparecida, 27 de fevereiro de 2004*

*Caríssimo Frei Betto*

*Recebi, com alegria, sua carta de 29 de outubro.*

*Há meses quero escrever para agradecer seu empenho ao fazer chegar minha solicitação ao Presidente Lula, mas a intensa rotina de trabalho e até mesmo uma cirurgia para a retirada de um cálculo na vesícula, adiou este meu desejo. Aceite, pois, mesmo atrasado, o meu muito obrigado.*

*Estou, agora, na Arquidiocese como Administrador Apostólico até a posse de Dom Raymundo Damasceno que está prevista para o dia 25 de março. Logo, em seguida, viajo para Porto Alegre, onde devo fixar minha residência.*

*Por enquanto, sigo com meu trabalho e para isso, continuo contando com a força e as orações dos amigos.*

*Com o meu abraço muito fraterno, seguem meus votos de bom êxito para seus trabalhos junto a assessoria da presidência.*

*Alofsio Cardeal Lorscheider*  
*Aloísio Cardeal Lorscheider*  
*Administrador Apóstolico de Aparecida*

Correspondência de Dom Aloísio Cardeal Lorscheider

Rua Henrique Dias, 208  
(Igreja das Fronteiras)  
Fone: (081) 231.5341 - Recife - PE  
CEP: 50070-140  
C.G.C.: 08.799.272/0001-05  
e-mail: domhelder@hotmail.com.br

Presidente do Conselho de Curadores:  
**D. Helder Câmara**

OBRAS  
DE  
FREI  
FRANCISCO

Recife, 22 de fevereiro de 1998

Querido amigo  
*Frei Beto*

Quero, com muita alegria e gratidão, agradecer a sua presença e a sua colaboração nas comemorações organizadas com tanto carinho, para festejar meus 90 anos.

Fico pensando em como agradecer a Deus tanta bondade para com este servo. Louvando e glorificando esse Pai Celeste generoso, por tudo que me permitiu receber, peço a Ele que o cubra de bênçãos, hoje e sempre.

Um fraterno abraço do

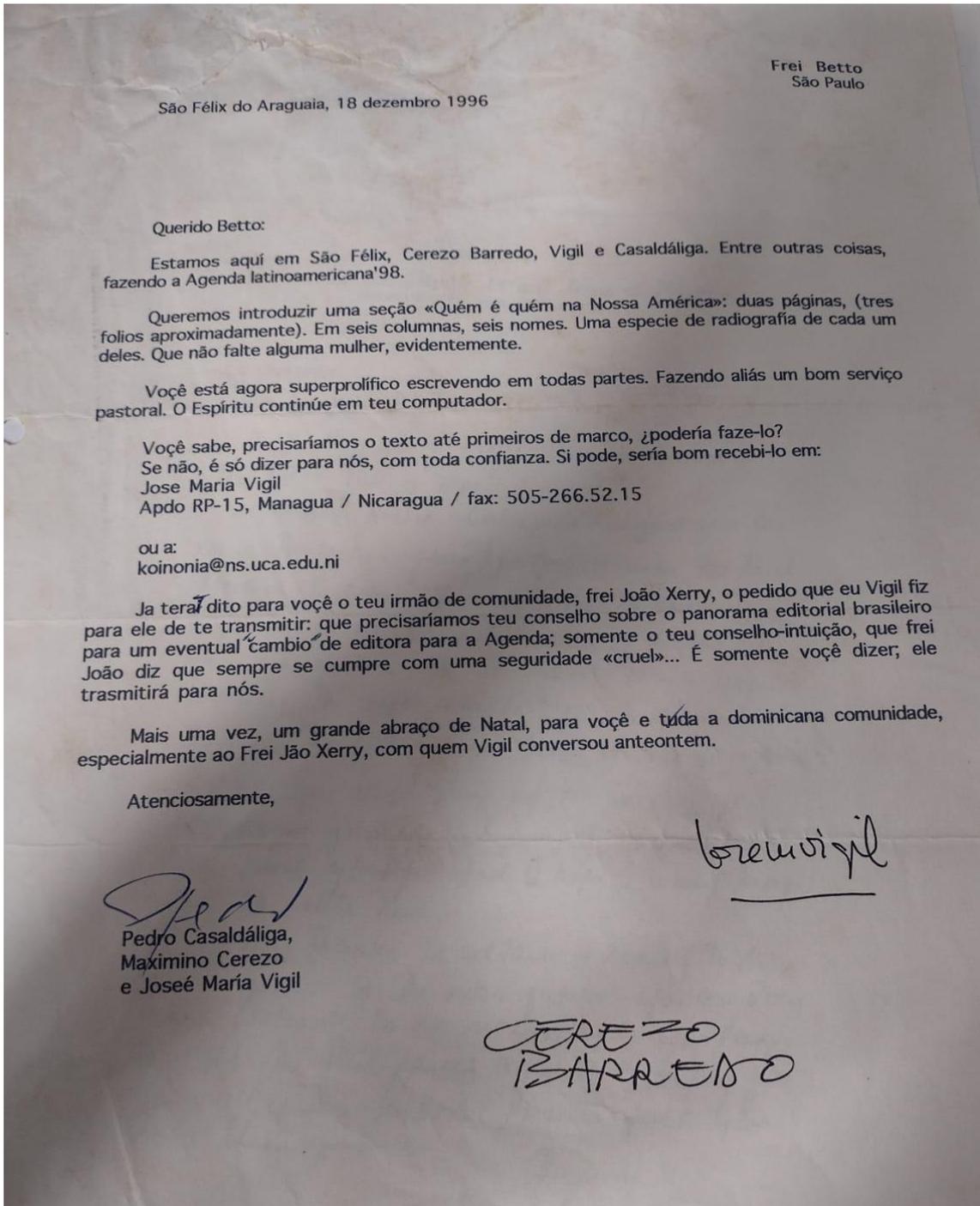
Irmão em Cristo,

*+ Helder Camara*

+ **Helder Camara**

Arcebispo Emérito de Olinda e Recife

Correspondência de Dom Helder Camara



Correspondência de Dom Pedro Casaldáliga, Maximino Cerezo e José María Vigil

-7

\* Já no Brasil -entre outros lugares e pessoas queridos- cabe destacar o sofrimento de Rio Maria e Marabá e o teimoso testemunho dos padres Ricardo Rezende e Bruno Schizzerotto.

Assim continuam, entre nós, hoje como ontem, os 500 anos... Somente nos resta sermos dignos dos que nos precederam e dos que nos acompanham com o sinal glorioso da Cruz.

Termino Com a sábia palavra de um velho indígena wayúu, da Colômbia, que pode ser o mais sensato programa para comemorarmos o V Centenário e para irmos desmontando também essa guerra fratricida que o Norte está fazendo ao Sul:

"... juntemos nossas melhores vontades para que o sal que salga as comidas e purifica as águas dos colombianos (dos humanos) não continue a ser moído com os dentes do esbúlhoo, da sem-vergônhice e da destruição da natureza, de nossa cultura e deste nosso território (desta comum Terra Mãe), donde nascem todos os caminhos..."

Irmão sempre e sempre companheiro de Esperança,

Pedro Casaldáliga

São Félix do Araguaia,  
Mato Grosso, Brasil

No Ano Novo de 1992

*Peto,*  
*irmão:*  
*um abraço*  
*para você e para os seus*  
*meus pais - Kairós*  
*de Nossa Paternidade Grande.*  
*12-1-92*

Correspondência de Dom Pedro Casaldáliga